

Universidade Federal do Espírito Santo

Centro de Artes

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades

Comunicação e Poder

Mariah Friedrich Dadalto

**O JORNALISMO LOCAL DE SERRA (ES) E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOB OS
IMPACTOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**

Estudo de caso das condições de produção do Jornal Tempo Novo

Vitória, 2023

Universidade Federal do Espírito Santo

Centro de Artes

Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades

Comunicação e Poder

Mariah Friedrich Dadalto

**O JORNALISMO LOCAL DE SERRA (ES) E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOB OS
IMPACTOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**

Estudo de caso das condições de produção do Jornal Tempo Novo

Relatório de qualificação apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade
Federal do Espírito Santo, para obtenção do grau de mestre em
Comunicação Social

Orientador: Rafael Bellan Rodrigues de Souza

Vitória, 2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D121j Dadalto, Mariah Friedrich, 1995-
O JORNALISMO LOCAL DE SERRA (ES) E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOB OS IMPACTOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL : Estudo de caso das condições de produção do Jornal Tempo Novo / Mariah Friedrich Dadalto. - 2023.

110 f. : il.

Orientador: Rafael Bellan Rodrigues de Souza.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Trabalho. 2. Jornalismo. I. Souza, Rafael Bellan Rodrigues de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 316.77

MARIAH FRIEDRICH DADALTO

**O JORNALISMO LOCAL DE SERRA (ES) E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOB OS
IMPACTOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**

Estudo de caso das condições de produção do Jornal Tempo Novo

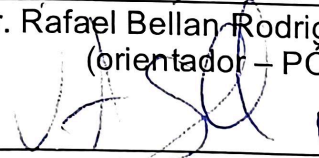
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Territorialidades, na linha de pesquisa Comunicação e Poder.

Aprovada em 13 de abril de 2023.

Comissão Examinadora



Prof. Dr. Rafael Bellan Rodrigues de Souza
(orientador – PÓSCOM/UFES)



Prof. Dr. Victor Israel Gentilli
(membro interno – PÓSCOM/UFES)



Profa. Dra. Cláudia Nonato do Carmo Lima
(membro externo – (ECA/USP))

RESUMO

Em atividade desde 1983, o jornal Tempo Novo constitui uma iniciativa de jornalismo local focada no município de Serra, Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), onde ocorreram processos de transição industrial tardia que culminaram em uma série de impactos sociais acompanhados do acentuado crescimento populacional verificado na região a partir da década de 1960 (VILASCHI e FELIPE, 2011; SILVA, 2016). O estudo tem como objeto as condições de produção e a atuação do Tempo Novo, iniciativa de trabalho em jornalismo local independente aos conglomerados de mídia, sediado no município de Serra. O objetivo geral da pesquisa atual é analisar as condições de produção no trabalho dos jornalistas do Tempo Novo. Os objetivos específicos são: Compreender as transformações no jornalismo no contexto de crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002); Analisar a sustentabilidade dessa iniciativa; Discutir o *ethos* enunciado pelo Tempo Novo; Compreender os impactos territoriais mobilizados por sua práxis jornalística. Definiu-se o percurso metodológico do estudo de caso (YIN, 2005; DUARTE, 2005), por meio da triangulação de métodos de coleta de evidências em duas etapas. A primeira fase da investigação tem caráter exploratório-descritivo com procedimentos de pesquisa documental e investigações a campo para a composição do perfil do Tempo Novo. Na etapa seguinte são realizadas entrevistas semiestruturadas com os jornalistas e diretores da iniciativa, com intuito de identificar aspectos sobre o trabalho realizado no veículo de comunicação. A análise permitiu identificar que o veículo exerce a função de ator social e patrimônio cultural do município.

Palavras-chave: Trabalho; Reestruturações produtivas; Jornalismo; Território; Serra; Tempo Novo

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 61

FIGURA 2 72

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 52

TABELA 2 54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

APL – Arranjos Produtivos Locais

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BNH – Banco Nacional de Habitação

CIDH – Comissão Interamericana de Direitos Humanos

COHAB-ES – Companhia Habitacional do Estado do Espírito Santo

CPCT – Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho

CST – Companhia Siderúrgica de Tubarão

ECA – Escola de Comunicações e Artes

EDP – Energias do Brasil

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas

FNHIS – Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social

FUNRES – Fundo de Recuperação Econômica do Espírito Santo

IBC – Instituto Brasileiro do Café

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOBE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IEMA – Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

IJSN – Instituto Jones Santos Neves

INCAPER – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural

INOCOOP-ES – Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais do Espírito Santo

IPPUR/UFRJ – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – Universidade Federal do Rio de Janeiro

IPRAM – Instituto de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos

PDS – Partido Democrático Social

PFL – Partido da Frente Liberal

PL – Partido Liberal

PMCMV – Programa Minha Casa Minha Vida

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PÓSCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades

PPGSSDR – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Regional

PR – Partido Republicano

PROJOR – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo

PTB – Partido dos Trabalhadores Brasileiros

RCR – Rede Católica de Rádios

RCRES – Rede Católica de Rádios do Espírito Santo

RMGV – Região Metropolitana da Grande Vitória

SEMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

SINDIJORES – Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas no Estado do Espírito Santo

SNHIS – Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. O jornalismo local do Tempo Novo no município de Serra – ES.....	10
1.2. Objeto de estudo.....	12
1.3. Hipóteses de pesquisa.....	13
1.4. Objetivo geral e os objetivos específicos.....	14
1.5. Referencial Teórico.....	14
1.5.1 Arranjos produtivos locais, Arranjos econômicos de trabalho alternativos às corporações de mídia e Independência jornalística.....	14
1.5.2 O binômio comunicação e trabalho como proposta teórico-metodológica.....	16
1.5.3 Reconfigurações produtivas e impactos na prática jornalística.....	18
1.6. Metodologia.....	19
1.7. Primeiras Impressões.....	22
2. JORNALISMO, RELAÇÕES DE TRABALHO E FUNÇÃO SOCIAL EM TEMPOS DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS.....	25
2.1. A crise do jornalismo e o capitalismo de plataforma como produtos da crise estrutural do capital.....	25
2.2. Práxis Noticiosa.....	36
3. FORMAÇÃO LOCAL DOS CONGLOMERADOS DE COMUNICAÇÃO E INICIATIVAS INDEPENDENTES À GRANDE MÍDIA NO ESPÍRITO SANTO.....	44
3.1. Meios de comunicação e jornalismo no Espírito Santo.....	48
3.2. História e formação socioespacial da Serra.....	58
3.3. Territorialidade brasileira e acumulação capitalista.....	64
4. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO <i>JORNAL TEMPO NOVO</i>.....	70
4.1. Como se organizam.....	74
4.2. Efeitos das reestruturações produtivas no mundo do trabalho.....	75

4.3. Sustentabilidade.....	79
4.4. Impactos territoriais.....	87
4.5 Discussão dos resultados.....	90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96

1. INTRODUÇÃO

1.1. O jornalismo local do Tempo Novo no município de Serra - ES

Criado com o propósito de produzir notícias de utilidade pública sobre o município de Serra, Espírito Santo, o Jornal Tempo Novo circulou pela primeira vez na virada do ano de 1983 para 1984. A cidade, que até então não contava com nenhuma outra iniciativa jornalística, passava por um acentuado crescimento populacional iniciado na década anterior, (OLIVEIRA, 2007, p. 41), em decorrência de um processo de expansão industrial que induziu mudanças nas dinâmicas econômicas, de ocupação e organização de seu espaço urbano, inseridas em um eixo estadual de reestruturação produtiva por meio da política de favorecimento aos Grandes Projetos Industriais de impacto social (VILASCHI e SILVA FELIPE, 2011, p. 184), representados pela expansão da Companhia Vale do Rio Doce (atual Vale), implantação da Cia. Siderúrgica de Tubarão (atual Arcelor Mittal Tubarão), Samarco Mineração e Aracruz Celulose (atual Fibria) (ZORZAL E SILVA, 2009, p. 10 apud VILASCHI e SILVA FELIPE, 2011, P. 181).

O historiador Mizael Silva (2016) descreve a remodelação urbana em curso na região metropolitana capixaba em função das transformações na estrutura produtiva da economia estadual a partir da crise de superprodução cafeeira que atingiu seu ponto crítico nos anos 1962/1963 (SILVA, 2016, p. 177). Neste período, o meio rural capixaba foi drasticamente impactado por políticas de intervenção do Estado instauradas no intuito de modernizar a cafeicultura nacional, como o programa de erradicação dos cafezais antieconômicos conduzida pelo Governo Federal, por meio do Instituto Brasileiro do Café (IBC), que destruiu 60% da área plantada de pés de café do Estado.

Como consequência do desemprego direto de aproximadamente 60 mil pessoas desde o início da implementação da política em 1963, Shalders e Loss (2016) verificam o fenômeno de migração de 26% da população rural para a zona urbana em menos de dez anos (p. 34). Ao longo das décadas que se seguiram, a estrutura social do Espírito Santo sofre profundas alterações à medida que a instabilidade agrária e a orientação político econômica promovida pelo Plano de Valorização Econômica do Estado, com epicentro na capital, marcam a dinâmica de expansão capitalista no território capixaba (VILASCHI e SILVA FELIPE, 2011, p. 278).

Em 1983, no momento de origem do impresso semanal do jornal Tempo Novo, a atividade industrial de extração mineral no Espírito Santo crescia a partir de incentivos estatais, em especial o Fundo de Recuperação Econômica do Espírito Santo (FUNRES), que garantiram

a instalação de grandes empreendimentos, como a Aracruz Celulose (1979) e Companhia Siderúrgica de Tubarão – CST (1983), conforme aponta Zanotelli (2007).

A indústria de informação brasileira nesta mesma década experimentava uma crescente centralização em torno de grandes grupos empresariais (BERGAMO, 2020) e no Espírito Santo o desenho de concentração de mídia se refletia na articulação de dois grupos de comunicação locais, pertencentes às famílias Lindemberg (Gazeta) e Santos/Nassau (Tribuna), com emissoras nacionais de televisão, atuando como principais veículos de informação do estado sediados na capital (REIS, 2017).

Produzido de maneira artesanal por moradores do município de Serra, o Jornal Tempo Novo foi fundado por Eci Scardini, conhecido por Jereréu, ex-office boy do jornal A Tribuna e primeiro editor do extinto jornal impresso semanal. Distribuído gratuitamente na cidade de Serra entre 1983 e 2020, o veículo apresentava uma cobertura jornalística com foco nos assuntos referentes ao mundo diário do município. A circulação do impresso foi interrompida em março de 2020, embora uma edição especial com tiragem de 25 mil exemplares tenha circulado em dezembro de 2021 (informação verbal, SCARDINI, 2022).

Durante quatro décadas de atividade jornalística, o Jornal Tempo Novo viveu diversas adaptações às reconfigurações do trabalho jornalístico e às mudanças estruturais do sistema produtivo do capitalismo financeiro. Após dividir a produção jornalística entre os suportes impresso e virtual durante os anos de 2012 e 2021, a equipe redireciona seu trabalho para se adequar aos processos de comunicação digital. Segundo o diretor de jornalismo do veículo, Yuri Scardini, o portal online recebeu 30 milhões de acessos durante o ano de 2022.

Em consonância com o momento contemporâneo do sistema metabólico do capital, o sistema midiático passa por reconfigurações e mudanças estruturais atreladas às demandas de acumulação flexível sobre as atividades produtivas (SOUZA, 2021), com a consolidação das plataformas digitais e tecnologias de informação como fatores econômicos e culturais centrais para intermediação dos processos produtivos no século XXI (SRNICEK, 2018, p. 48).

A lógica produtiva do capitalismo de plataforma interpela os processos de trabalho e a estruturação da atividade jornalística a partir das novas condições objetivas e potencialidades produtivas abertas pela margem de manobra do capital (MÉSZÁROS, 2002, p. 683), no contexto do capitalismo financeiro apoiado nas tecnologias comunicacionais, conforme as tendências de gestão flexível e exploração dos recursos extraídos da circulação da informação

para recuperar as taxas de lucros perdidas nas últimas décadas de crise estrutural do capitalismo financeirizado (SOUZA, 2021, p. 51).

Segundo a análise proposta pelo comunicólogo Jean Charron, professor titular do Departamento de Informação e Comunicação da Universidade Laval, em Quebec, no Canadá, e o historiador Jean de Bonville, o jornalismo atravessa mutações estruturais com a emergência de um jornalismo de comunicação como sistema de referência baseado na modalidade da economia de informação. Como apontam no livro *Natureza e transformação no jornalismo*, escrito em coautoria pelos pesquisadores e lançado pela editora Les Presses de L'Université Laval em 2004, a partir dos resultados de trabalhos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa sobre as Mutações do Jornalismo (Groupe de Recherche sur les Mutations du Journalisme, GRMJ) criado por Charron e Bonville em 1992, “o jornalismo é uma construção sociocultural fortemente marcada pelo contexto de sua formulação” (CHARRON; BONVILLE, 2017, p.100).

Os autores salientam que tais condições pesam na produção midiática, assim como pressões provenientes das relações entre os meios de comunicação e setor cultural em função da hibridização e migração intermidiáticas dos gêneros e dos conteúdos, homogeneização, instantaneidade, personalização, entre outros imperativos do paradigma comunicacional. A empresa jornalística no período contemporâneo pertence a um setor de atividade econômica, a indústria da mídia e da cultura, sendo marcado pelas dinâmicas de concorrência pela atenção do público, pelos recursos publicitários e por outras fontes de financiamento (CHARRON; BONVILLE, 2017).

A produção midiática não é somente resultado das práticas institucionais, pois é resultado do trabalho de indivíduos, que por sua vez se comunicam para um público com determinadas características sociais, cultura e valores balizados por instituições socioculturais. Assim, compreendemos que a fluidez das condições de prática jornalística e a complexidade das condições de produção configuram o trabalho em jornalismo como um fenômeno de comunicação em construção.

1.2. Objeto de estudo

O estudo atual tem como objeto as condições de produção e a atuação do Tempo Novo, uma iniciativa de jornalismo local independente aos conglomerados de mídia, sediado no município de Serra, Região Metropolitana da Grande Vitória. O jornalismo do Tempo Novo tem como missão produzir jornalismo ultralocal, “com olhar especializado na Serra, gratuito e

moderno”, conforme descreve a autodeclaração disponível na aba “Fale com o Tempo Novo” do portal online¹, colocado em funcionamento desde janeiro de 2012.

De acordo com a teórica Cícilia Peruzzo, que se dedica ao estudo da comunicação popular, comunitária e alternativa como uma forma de “contra-comunicação” presente nas práticas dos meios de comunicação locais e regionais, “mídia local denota uma comunicação baseada em informação de proximidade” (PERUZZO, 2005, p. 69). Apesar de perpassada por contradições decorrentes das relações de produção das notícias, esse tipo de modalidade, de maneira geral, cumpre uma importante função social (PERUZZO, 2005, p. 69).

Diante disso, o presente estudo busca responder às perguntas de pesquisa: De que maneira o portal Tempo Novo viabiliza a sustentabilidade desse trabalho jornalístico? Como os jornalistas do Tempo Novo articulam dispositivos comunicacionais para instituir ordenamentos territoriais e deontológicos em seu processo de trabalho?

1.3. Hipóteses de pesquisa

Com base em resultados obtidos por pesquisas anteriores sobre o tema da produção de informação fora de conglomerados, apresentam-se as seguintes hipóteses como ponto de partida da reflexão sobre as questões que movem este estudo:

1) Os processos produtivos e as narrativas do Tempo Novo evocam tensões territoriais e identitárias referentes ao espaço de vida da cidade e aos territórios mutáveis da práxis jornalística;

2) Em decorrência das contradições presentes no mundo do trabalho associadas à crise pela qual atravessa o jornalismo como profissão, as relações de comunicação e trabalho no *Jornal Tempo Novo* são marcadas por dificuldades para garantir a sustentabilidade do trabalho de seus profissionais;

3) A migração do formato impresso para o formato online está associada à redução dos custos de operação, além de mudanças no comportamento de consumo de notícias do público trazidas pelas novas tecnologias de telecomunicação e transmissão informação;

4) O trabalho jornalístico realizado contribui para a ampliação de perspectivas e assuntos com visibilidade local, com potencial de favorecer a democratização da informação

¹ Disponível em: <https://www.portaltempnovo.com.br/fale-com-o-jornal-tempo-novo/>

em um ambiente midiático baseado em oligopólios informacionais e desertos informativos em áreas periféricas aos polos de concentração capitalista;

5) Apesar da independência aos grandes grupos de comunicação, a orientação jornalística do Tempo Novo pode não ser alternativa à mídia hegemônica em todos os períodos de sua trajetória, na perspectiva da proposta histórica da imprensa alternativa no Brasil que segue uma linha editorial contra-hegemônica (PERUZZO, 2009, p. 139).

1.4. Objetivo geral e os objetivos específicos

O objetivo geral da pesquisa atual é analisar as condições de produção no trabalho dos jornalistas de uma iniciativa de jornalismo independente às corporações de mídia sediada no município de Serra, Espírito Santo.

Os objetivos específicos que pretendemos alcançar são:

- 1) Compreender o contexto das transformações no jornalismo inseridas no contexto de reestruturações provocadas pelo sistema de autorreprodução do capital em ativação de seus limites absolutos (MÉSZÁROS, 2002);
- 2) Analisar a sustentabilidade dessa iniciativa de jornalismo local;
- 3) Discutir o *ethos* enunciado pelo Tempo Novo;
- 4) Compreender os impactos territoriais mobilizados por sua práxis jornalística.

1.5. Referencial Teórico

1.5.1 Arranjos produtivos locais, Arranjos econômicos de trabalho alternativos às corporações de mídia e Independência jornalística

A noção de arranjo de trabalho tem sido proposta na pesquisa em economia por autores como Mauro Lombardi e outros, que estudaram as relações de troca de experiência, apoio e solidariedade em agrupamentos profissionais situados em regiões da média Itália, intitulados por essa tradição teórica Arranjos Produtivos Locais (APL).

O Professor Wilson Suzigan (2004) apresenta uma definição sintética desses Arranjos Produtivos Locais na literatura da área econômica como sendo “aglomerações produtivas cujas articulações entre agentes locais não são suficientemente desenvolvidas para caracterizá-los como sistemas” (SUZIGAN, 2004, p. 545) e identifica nessas iniciativas uma alternativa de trabalho e serviço à sociedade, com capacidade de geração de desenvolvimento local.

Deslocada para os estudos da comunicação, a ideia de arranjos produtivos é apropriada para investigar os processos de comunicação em novos modelos de produção de notícias à margem dos conglomerados de mídia tradicionais, como possibilidade de organização profissional e produção de informação jornalística de qualidade.

Entre as referências utilizadas para a fundamentação do presente estudo destacamos o trabalho “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia”, realizado por um grupo de pesquisadores associados ao Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP.

Essa catalogação nacional dos processos produtivos de jornalistas fora das grandes corporações tradicionais tem sido objeto de estudos em outros grupos de pesquisa locais, como o PraxisJor, coordenado pelo Professor Edgar Patrício, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e o Grupo de Pesquisa Trabalho e Práxis, coordenado pelo Professor Rafael Bellan, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Em reconhecimento à importância de dar continuidade aos esforços de estudo dos impactos dos reordenamentos produtivos sobre a profissão, a presente proposta de pesquisa pretende contribuir para a compreensão dos processos de produção de notícias, com foco em ampliar a discussão sobre a natureza da organização jornalística contemporânea e os sentidos atribuídos por seus praticantes.

A realização deste estudo permitirá ampliar o mapeamento de iniciativas de jornalismo independentes aos conglomerados de mídia e contribuir para a inserção social do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PósCom-Ufes) em âmbito local e na rede de pesquisa sobre as relações de comunicação e condições de produção jornalística fora das empresas de comunicação tradicionais.

Esse referencial tem sido mobilizado por um conjunto de pesquisas sobre arranjos alternativos de trabalho em jornalismo com intuito de problematizar as relações entre o sujeito e a atividade realizada fora das redações da mídia tradicional (FIGARO, 2018a; COSTA et al, 2020).

A noção de independência jornalística emerge na superfície discursiva com diferentes significados e contextos (ASSIS et. al, 2017, p.6). Em seu artigo, Assis et. al (2017, p. 6) apresentam um panorama dinâmico para a discussão conceitual deste campo ainda em

construção. Um dos primeiros elementos associados à definição de independência faz alusão à não-dependência ou autonomia da instituição Estatal, herança histórica da experiência colonial e dos governos autoritários brasileiros (LIMA, 2010, apud Assis et. al, 2017, p. 5). “Essa interdependência histórica, muitas vezes fez com que o jornalismo se submetesse aos interesses do Estado, sobretudo nas relações da mídia regional e local com os governos estaduais e municipais”. (LIMA, 2010, p. 114).

Karppinen e Moe (2016, p. 107, apud Assis, p. 6) e Schulz (2015, apud Assis et al, 2017, p. 7) relacionam a palavra com “ausência de controle” e “não-dependência”, em um sentido que a aproxima da noção de autonomia. Shoemaker e Reese (2013, apud Assis et al, 2017, p. 13) partem do entendimento proposto pela tradição americana de estudos sobre produção das notícias (TRAQUINA, 2012, apud Assis, 2017, p. 14), que compreende o jornalismo como construído socialmente, assumindo-se a impossibilidade de produzir jornalismo totalmente livre de influências. Assim, o termo independente pode estar relacionado tanto à postura editorial quanto à autonomia comercial do meio de comunicação (BARROS, 2020b, p. 4).

O termo independente, adjetivo utilizado na autodeclaração do *Jornal Tempo Novo* em seu portal, ²tem sido adotado como designação de uma organização autônoma aos grandes conglomerados de produção cultural (MUNIZ JR., 2016, p. 108).

1.5.2 O binômio comunicação e trabalho como proposta teórico-metodológica

Compreender a comunicação como constituidora das relações de produção e dos processos produtivos levou a professora Roseli Figaro, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), a recorrer a uma matriz teórico metodológica compreendida pelo binômio comunicação e trabalho entendidos como atividades humanas que abrangem produções simbólicas, ordenamentos econômicos, tensões políticas e dinâmicas histórico-geográficas, intrínsecas ao desenvolvimento ontológico do Ser Social (FIGARO, 2018b, p. 187).

A observação da comunicação e trabalho permite discutir as relações de comunicação, condições de produção e ainda a respeito da deontologia profissional dos jornalistas, tendo em perspectiva o mundo do trabalho como território que nos permite destacar “a comunicação e as relações de comunicação como objeto observável” (FIGARO, 2018b, p.184).

² Ver mais em: <https://www.portaltempnovo.com.br/contato-tn/>. Acessado dia: 20 jan. 2020

Tendo como princípio o ineditismo da atividade humana, o binômio teórico-metodológico da comunicação e trabalho propõe um estudo pluridisciplinar a partir da abordagem ergológica apresentada em Durrive e Schwartz (2008) sobre as relações de comunicação em sua vinculação às situações concretas do “mundo do trabalho”, lugar de produção e de confrontos discursivos nos e dos processos comunicacionais como atividades humanas, definidas pelos teóricos como um “impulso de vida, de saúde, sem limite predefinido, que sintetiza, cruza e liga tudo o que se representa separadamente (corpo/espírito; individual/colectivo; fazer/valores; privado/profissional; imposto/desejado; etc.)” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008, p. 23).

As atividades de trabalho, por sua vez, ultrapassam o conceito de atividade humana (SCHWARTZ, 2004, p. 38), por suas especificidades como as relações de exploração e a reivindicação de um uso de si por si (SCHWARTZ, 2004, p. 39). Em uma perspectiva em que comunicação e trabalho se completam como dimensões inerentes do desenvolvimento humano (FIGARO, 2018b, p. 179), a abordagem teórico-metodológica da comunicação e trabalho permite tratar do conjunto de forças produtivas que sustentam a produção, a circulação e o consumo dos bens em uma sociedade e suas formas culturais em seu ineditismo criativo e coletivo.

A linguagem no “mundo do trabalho” manifesta-se como expressão de poder e de contraposição das forças políticas e econômicas. Esse lugar/território passa por disputas, está marcado por contradições. Similar às disputas do território local, da cidade e do país, encontram-se ali as marcas das relações de comunicação, confrontadas com as disputas dos embates globais (FIGARO, 2018b, p.181)

O modo de apropriação dos avanços tecnológicos na produção e circulação dos bens materiais estruturou o ambiente midiático em torno de conglomerados de comunicação nos centros urbanos, entretanto, a precariedade predominante no espaço das periferias estendida às iniciativas de trabalho em jornalismo menos dotadas de recursos situados nesses espaços não impediu a expressão de experiências visando atender necessidades locais de trabalho e serviços de comunicação. É possível constatar uma valorização da territorialidade no conteúdo jornalístico local de O Tempo Novo, produzido em condições de trabalho divergentes dos conglomerados de mídia tradicional, considerando a diferença de recursos entre esses grupos e, conseqüentemente, uma atuação de seus profissionais marcada por tensões entre o capital e trabalho geradas pelo movimento de plataformização, cuja convergência com o jornalismo tem sido analisada para pensar as reestruturações produtivas sofridas pela profissão, em um cenário de crescente estratificação econômica (BELL, OWEN; 2017).

1.5.3 Reconfigurações produtivas e impactos na prática jornalística

Conforme Jean Charron e Jean de Bonville, o jornalismo pode ser definido como atividade econômica, quanto expressão cultural, prática social e instituição política, sendo um “ponto de convergência e espaço de arbitragem das questões sociais” (CHARRON, BONVILLE, 2017, p. 99). Os autores apontam que os elementos constitutivos da esfera midiática refletem um conjunto de variáveis que influem na prática discursiva dos jornalistas, nos modos como as organizações sustentam essa prática, e nas instituições sociopolíticas ou econômicas que a legitimam.

[...] Por exemplo, o parâmetro prática jornalística pode ser considerado de vários pontos de vista: cognição, métodos de coleta, critérios de seleção, regras de redação, deontologia, etc. A empresa jornalística também se manifesta em várias modalidades: é possível observá-la como uma realidade econômica (propriedade, capital), organizacional (pessoal, gestão, etc.), técnica, etc. A natureza do problema estudado justifica que a esfera midiática seja alvo de uma representação mais detalhada do que os parâmetros que a englobam. Todavia, é preciso ter em mente que estes dão origem a práticas, especialmente discursivas (como é o caso das fontes de informação, por exemplo), que, mesmo não estando aqui representadas, podem influenciar meios de comunicação e jornalistas (CHARRON, BONVILLE, 2017, p. 101).

Mark Deuze, professor da University of Amsterdam, em parceria com Tamara Witschge, professora da University of Groningen, buscam compreender a profissão de jornalista e sua função para a sociedade no contexto da transformações das condições de produção, em ambientes descritos pelos autores como tendencialmente pós-industriais; onde o jornalismo contemporâneo se apresenta em constante estado de fluxo (DEUZE, WITSCHGE, 2016), característica que aponta para a importância de reconceituá-lo além de suas fronteiras organizacionais e institucionais.

A ascensão de redações cada vez menores com o gradual desenvolvimento dos modos de produção pós-industriais representam na concepção de Deuze e Witschge (2016) parte significativa da experiência compartilhada por trabalhadores reorganizados em um território fragmentado, disperso e em rede. Nos espaços de formação superior, o aumento do custo em razão de cortes nas bolsas de estudos e redução da sua duração tornaram o jornalismo menos acessível (DEUZE, WITSCHGE, 2016, p.17).

Os autores identificam no atual ambiente midiático um desafio para os estudos em jornalismo, tendo em perspectiva a atividade como uma indústria em transição, com o crescimento do jornalismo pós-industrial tornando-se parte e constituinte do contexto social.

Segundo Cottle (2007, p. 10), o funcionalismo organizacional é dominante na formação em jornalismo e na compreensão acadêmica cuja ênfase recai sobre práticas e rotinas padronizadas, que não são mais eficientes para o mapeamento da diversidade do trabalho jornalístico.

1.6. Metodologia

A investigação proposta será realizada com base em pesquisa bibliográfica sobre a teoria da produção social das notícias (HALL, et al., 1993), as mutações da atividade jornalística (ADGHIRNI, 2005), a crise estrutural do capital (MÉSZAROS, 2002) e sua manifestação fenomênica expressa na crise do jornalismo (CHRISTOFOLETTI, 2017), para construir um entendimento de fatores epistemológicos, econômicos e histórico-culturais que influem no processo de produção noticiosa.

Adotamos como percurso metodológico o Estudo de Caso (YIN, 2005; DUARTE, 2005) para atender aos objetivos e condições reveladas no contexto da pesquisa atual sobre as condições de produção do Tempo Novo, iniciativa de jornalismo local independente às corporações de mídia sediada no município de Serra, RMGV.

Robert Yin apresenta o método estudo de caso a futuros utilizadores e prescreve orientações sobre como definir um caso a ser estudado, como determinar dados relevantes a serem coletados e como processar esses dados após a coleta. De acordo com o autor, um estudo de caso consiste em uma investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, principalmente em situações em que os limites entre o fenômeno estudado e o contexto não estão nitidamente definidos (YIN, 2010, p. 33).

Utilizado ostensivamente em pesquisas nas ciências sociais, tanto em disciplinas tradicionais como no campo das ciências sociais aplicadas, o percurso metodológico do estudo de caso tem como potencialidade permitir uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos fenômenos sociais, tais como “ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores” (YIN, 2010, p. 21).

Como características técnicas para a distinção desse método, Yin (2010) destaca a condição de enfrentar mais variáveis de interesse do que pontos de dados; a fundamentação da investigação por meio de várias fontes de evidências, com os dados convergidos em um formato de triângulo e a necessidade de elaboração de proposições teóricas prévias à condução da coleta e à análise de dados.

O emprego de estudos de caso único se justifica principalmente em três fundamentos lógicos, de acordo com Yin (2010): quando representa um teste decisivo de uma teoria significativa; quando representa um caso raro, ou extremo e quando representa um caso revelador de uma situação previamente pouco acessível à observação científica (p. 62-63).

Definimos como estratégia de condução da pesquisa proposta a triangulação de método em duas etapas. A primeira consiste em um estudo qualitativo de caráter exploratório-descritivo com procedimentos de pesquisa documental para atender a uma necessidade de investigação preliminar, em que serão reunidos elementos para a consistência de um corpus analítico, por meio da coleta da autodeclaração do veículo na seção “Fale conosco” e levantamento documental do extinto impresso distribuído gratuitamente na cidade de Serra entre 1983 e 2019.

Esse quadro inicial identifica o perfil deste veículo jornalístico e desenvolve um mapeamento de sua trajetória para a segunda etapa da pesquisa, por meio de entrevistas com trabalhadores vinculados ao veículo.

Nessa etapa de coleta da autodeclaração e pesquisa documental, espera-se obter um primeiro quadro de informações como: histórico, propósito editorial, valores, temas de interesse de cobertura e perfil da equipe e dos responsáveis pelo veículo de comunicação.

Tais informações permitem compreender quais conceitos são evocados no texto de apresentação do Tempo Novo, qual a aproximação da sua trajetória com determinados marcadores de práxis jornalística, como: a) rotinas e práticas produtivas jornalísticas; b) regionalidade; c) ética e deontologia jornalísticas (COSTA et. al, 2020, p. 23). Como resultado, pretende-se obter um quadro característico da iniciativa de trabalho em jornalismo.

Delineado esse quadro informativo, será necessário articular a pesquisa bibliográfica para identificação das bases conceituais sobre os marcadores da práxis jornalística (FIGARO, 2018a, p. 38) e discussão das categorias acionadas.

Após a compilação dos dados preliminares e esboço do perfil do Tempo Novo, avançamos para a etapa subsequente da pesquisa com a realização das entrevistas em profundidade, em que serão investigados aspectos referentes ao trabalho jornalístico realizado no veículo de comunicação.

Como direcionamento para as entrevistas, seguiremos o roteiro elaborado por Figaro (2018a, p.53) para a investigação que subsidia nossos esforços, aplicada com arranjos da

Grande São Paulo com questões abertas para conhecer a/o jornalista e as formas de organização do veículo jornalístico.

O roteiro de entrevista atende ao objetivo de orientar o diálogo com os interlocutores, mas pode sofrer adaptações, considerando as interações e trocas entre os envolvidos. “A entrevista cumpre, portanto, o objetivo de trazer a voz de cada uma das experiências que foram criadas para produzir jornalismo de bases organizativas diferentes das tradicionais” (FIGARO, 2018a, p. 55).³

Fávero e Andrade (2006) definem a entrevista uma técnica de interação social utilizada também por pesquisadores por meio da qual se objetiva respostas pré-pautadas por um questionário. “Por meio dela, busca-se uma interpenetração informativa que visa a quebrar isolamentos sociais, grupais, individuais; pode ainda servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (FÁVERO, 2006, p. 155).

Segundo Gil (2008), a entrevista é uma técnica adequada para tratar problemas humanos e não somente obter dados como atender a objetivos voltados para coleta de informações sobre diagnósticos e orientação (GIL, 2008, p. 109).

Em estudos de caso, a utilização de várias fontes de evidência é um princípio básico para o processo de triangulação dos dados e desenvolvimento de linhas convergentes de investigação (YIN, 2010, p. 120). Destacam-se três princípios para a condução de uma investigação de caso: “a utilização de várias fontes de evidências, e não apenas uma; a criação de um banco de dados para o estudo de caso; e a manutenção de um encadeamento de evidências” (YIN, 2010, p. 106).

Conforme Yin (2010), uma das estratégias mais desejáveis na etapa da análise consiste em utilizar a lógica de adequação ao padrão para comparar as descobertas de um caso com as proposições da pesquisa. Outro modo de tratamento dos dados é a elaboração de séries temporais para entender a sucessão dos acontecimentos de maneira a captar interrupções e relações causais entre eventos, com objetivo de examinar algumas questões do tipo "como" e "por que" sobre o processo analisado ao longo do tempo (Yin, 2010, p. 148).

A análise dos dados é realizada a partir de várias técnicas de interpretação para examinar, categorizar, classificar em tabelas ou ainda recombina as evidências com base nas proposições iniciais do estudo. Assim, as proposições teóricas são responsáveis por orientar o plano da coleta de dados e estabelecer as estratégias analíticas mais relevantes para o conjunto de

³ Ver Anexo 1 (p. 108)

questões da pesquisa, no intuito de entender as condições de sustentação, os processos de trabalho e as relações de comunicação na atuação dos profissionais e na produção do conteúdo jornalístico do Tempo Novo.

1.7. Primeiras Impressões

Este texto utiliza dados referentes à primeira das entrevistas semiestruturadas realizadas para a pesquisa de mestrado em desenvolvimento e teve como respondente o diretor do *Jornal Tempo Novo*, Eci Scardini. A etapa da entrevista permite a coleta dos enunciados sobre o trabalho de direção de uma iniciativa de jornalismo local e aproximação do interlocutor com a experiência e os desafios derivados das condições de produção em que a atividade se desenvolve.

As questões visam a identificação do perfil, histórico e rotinas produtivas dos jornalistas no veículo de comunicação estudado, assim como a trajetória pessoal e o histórico profissional do entrevistado (FIGARO, 2021, p. 23). O objetivo do trabalho é compreender as condições de produção e sustentação em uma iniciativa de jornalismo local independente às corporações de comunicação sediada no município de Serra, Espírito Santo.

A opção por selecionar Eci Scardini para coletar os primeiros relatos que integram nosso corpus de análise se justifica por ter sido ele o principal responsável pela fundação da iniciativa e pode relatar experiências sobre o processo de criação do jornal em 1983, os desafios enfrentados na primeira fase do jornal como impresso gratuito semanal, a criação do portal Tempo Novo em 2012 e a interrupção do formato impresso em 2020.

A entrevista foi realizada no ambiente da sala da direção do *Jornal Tempo Novo*. A partir da ferramenta da entrevista, foi possível identificar que a aproximação de Eci Scardini com o mundo do trabalho do jornalismo surgiu a partir de experiências profissionais anteriores como office boy do jornal A Tribuna e revisor de texto no extinto jornal A cidade. Mais tarde, o entrevistado relatou que soube da participação de seu irmão, Emir Scardini, pelo jornalista que havia oferecido uma oficina com jovens interessados em fundar o jornal autofalante, projeto originário do jornal local A notícia, ainda em funcionamento no município de Nova Venécia, Espírito Santo, (informação oral, SCARDINI, 2020).

Na ocasião, Eci relata ter manifestado ao ministrante da oficina, um jornalista recém graduado na Ufes, o interesse em aprender a desenvolver um projeto de jornalismo para o município da Serra.

A origem do jornal foi isso aí, isso foi mais ou menos maio, junho de 1983. Nós estávamos vivendo um novo período político no Brasil, porque nós havíamos saído de um processo político em que predominava uma ditadura e tal né, para eleições diretas para governador, porque naquela época governador era indicado pelo presidente da república, não era eleito, então ele passou a ser eleito ali em 1982. E aí veio uma revolução de novos personagens na política, deputados federais, estaduais... governador foi eleito Gerson Camata. Então a gente vivia um ar novo naquele momento, uma expectativa nova, uma nova era na política. E eu me inspirei nisso aí e botei o nome de “Jornal Tempo Novo”, em função do novo tempo que a gente vivia (informação oral, SCARDINI, 2020).

Em relação aos marcadores da práxis jornalística que este primeiro esforço de investigação se propõe a identificar, o aspecto da regionalidade foi aludido na entrevista como um aspecto de diferenciação do jornal, focado na especialização da produção em torno da realidade local do município de Serra.

O marcador rotinas produtivas foi apontado na fala do entrevistado em relação às mudanças nos processos produtivos do trabalho jornalístico com a expansão do jornalismo digital e surgimento de novas formas de consumo de informação e técnicas de apuração dos fatos. O terceiro marcador da práxis jornalística a ser identificado faz referência a dimensão ética do trabalho realizado neste veículo de comunicação.

Entre os sentidos deontológicos evocados no discurso está a utilização do espaço do jornal para veiculação de denúncias dos problemas das comunidades e desenvolvimento de um jornalismo propositivo para o município.

Quanto aos gêneros e formatos dos textos, além de notícias, são produzidos com frequência artigos de opinião, aos quais Eci Scardini faz referência e justifica a legitimidade dos profissionais do Veículo para a produção de jornalismo opinativo em razão do vínculo construído por sua trajetória de vivência no município da Serra. “A gente tem um histórico aí de opinião porque a gente come, bebe e dorme essa cidade. Eu fui quarto morador em Laranjeiras, estamos fazendo quarenta e dois anos, então a gente tem condição de emitir opinião” (informação oral, SCARDINI, 2020).

Em relação ao financiamento, o relato de Eci indica uma sucessão de dificuldades para a sobrevivência e expõe a precariedade financeira do jornal, que atualmente arrecada com a venda de espaços publicitários em seu site um valor insuficiente para cobrir as despesas de seu funcionamento, que é sustentado com recursos de uma empresa de intermediação imobiliária administrada pelo entrevistado (informação oral, SCARDINI, 2020).

O diretor do *Jornal Tempo Novo* apontou dificuldades de sustentabilidade desde a origem do impresso semanal até a sua reformulação em do portal online; a iniciativa manteve o foco local durante sua trajetória, mas passou por transformações de formato e rotinas de trabalho, para seguir com a produção adaptando-se às reestruturações no trabalho dos jornalistas e no sistema produtivo.

2. JORNALISMO, RELAÇÕES DE TRABALHO E FUNÇÃO SOCIAL EM TEMPOS DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS

2.1. A crise do jornalismo e o capitalismo de plataforma como produtos da crise estrutural do capital

A incorporação das tecnologias digitais na construção de uma ambiência digital de sociabilidade e transmissão de informações na sociedade contemporânea alterou o contexto das práticas jornalísticas, ao reorientar processos produtivos, circulação, distribuição e consumo das notícias. Mesmo facilitado o contato com fontes, o compartilhamento de materiais como documentos, áudios, fotos e vídeos e ampliada a produção colaborativa, a dinâmica promovida pelo capitalismo de plataforma contribuiu para redução do tempo de apuração e checagem das informações (KLATELL, 2013) no contexto hiperconcorrencial produzido a partir da pulverização de canais com a introdução da internet 2.0.

Em consonância com o momento contemporâneo do sistema metabólico do capital, o sistema midiático passa por reconfigurações e mudanças estruturais (SOUZA, 2018) marcadas pelo acirramento das tensões capital-trabalho atreladas às demandas de acumulação flexível sobre as atividades produtivas, com a consolidação das plataformas e tecnologias de informação como fatores econômicos e culturais centrais para intermediação dos processos produtivos no século XXI (SRNICEK, 2018, p. 48).

O professor e pesquisador Ramon Salaverría (2016) analisou os primeiros vinte anos da presença do jornalismo iberoamericano digital entre 1995 e 2014 e sua evolução nos países europeu e americanos de língua portuguesa e espanhola e constatou que o desenvolvimento do jornalismo se desenvolveu condicionado ao avanço tecnológico nesses territórios. O autor notou que a versão web dos jornais ainda era menosprezada durante os anos 1990 e até mesmo encarada como uma extravagância, mas com o crescimento dos usuários entre 1995 e 1999 a displicência inicial foi substituída por interesse pelos potenciais consumidores de informação. No entanto, o entusiasmo inicial desmorona com a crise financeira global em 2007 seguida de demissões em massa de jornalistas inclusive mascaradas de projetos de integração de redações (SALAVERRÍA, 2016, p. 24). Segundo ele, o auge da internet coincidiu com o declínio dos jornais impressos e a emergência de jornais nativos digitais que alcançaram longevidade, como a Agência Pública, o Vozes das Comunidades e o movimento Mídia Ninja no Brasil (SALAVERRÍA, 2016, p. 24).

Salaverría destaca que ainda na sombra das grandes corporações jornalísticas que também fizeram suas versões online, esses meios novos lutam para permanecerem tendo êxito e se consolidarem como uma voz no mercado informativo. A consolidação de um modelo de negócio tem sido o principal problema para os meios digitais nesses primeiros vinte anos. Os pioneiros jornais digitais nos anos 1990 começaram com a distribuição da produção de forma gratuita e financiamento exclusivo de publicidade, porém o dinheiro da publicidade se mostrou insuficiente e a saída encontrada foi aderir à ideia de pagamento por assinatura, que também não rendeu o resultado esperado, pois foi constatado um número de assinaturas muito modesto na primeira década dos anos 2000. A partir de então, as principais empresas jornalísticas optaram por oferecer um modelo misto no qual os usuários têm um limite de leituras gratuitas por mês, iniciado pelo The New York Times em 2011, mas para o pesquisador ainda é uma incógnita se esse modelo irá prosperar a longo prazo. Um dos destaques nos países americanos foi o papel assumido pelos novos atores e jornais digitais para o enfrentamento da censura no período dos vinte anos iniciais de jornalismo na web. Em relação ao perfil profissional dos jornalistas, notou-se que grande parte desses trabalhadores são jovens com pouca experiência jornalística, dedicados a tarefas muito mecanizadas e, com frequência, mal remunerados.

A história do jornalismo no Brasil foi construída sobre ideais de democracia, justiça e liberdade, até a consolidação da indústria cultural, que intensificou a orientação mercadológica da atividade e a separação entre jornalistas e empresários (ADGHIRNI, 2005, p.51). Para Zélia Adghirni, está em curso um fenômeno de mutações no campo do jornalismo. Ela nota que o desenvolvimento da indústria de informação alterou o modo de produção das notícias com a introdução de novas tecnologias de produção e distribuição de notícias e hibridização dos gêneros jornalísticos e perfis de profissionais da comunicação, concomitantemente ao encolhimento do campo jornalístico em recessão, cedendo lugar para o crescimento de empresas privadas de comunicação, instituições públicas e assessorias de imprensa. De acordo com a autora, “a redução de jornalistas cobrindo o cotidiano aguçou o interesse de diversas instituições em garantir seus espaços na mídia” (ADGHIRNI, 2005, p. 52).

Entre as medidas de corte de custos adotadas pelos gestores para equilibrar as contas e garantir a lucratividade dos empreendimentos, destacam-se a redução das equipes, extinção de produtos, compressão dos salários, com impactos na qualidade das coberturas jornalísticas e na credibilidade construída com o público. Rogério Christofolletti observa que o valor do produto jornalístico se baseia em parâmetros de “exclusividade, originalidade, atualidade, relevância e utilidade” (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 43). Um problema derivado das dinâmicas hiper

concorrenciais de comunicação é a orientação dos investimentos em jornalismo seguir os modelos da indústria de entretenimento sem considerar a diferença das funções sociais desempenhadas por cada tipo de negócio e os fundamentos do jornalismo que se orientam não apenas pelos imperativos mercantis, mas também devem trabalhar aspectos cívicos que envolvem os acontecimentos da vida diária culturalizados como produto jornalístico. Christofolletti diagnostica:

Diferente de outras indústrias, a jornalística – quando fareja dificuldades – não se põe a remar mais rápido e forte, mas fica à deriva, tentando se livrar do que considera peso morto na embarcação. Pior: faz cortes na carne do jornalismo em nome da racionalidade administrativa, de resultados contábeis imediatos (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 46).

O imperativo da veiculação instantânea de informações para atender à necessidade de velocidade dos fluxos do capital global incide no processo de produção do jornalismo online, associado a um aprofundamento de limitações de tempo para a apuração dos fatos relatados, com reverberações sobre as condições de exploração dos trabalhadores do conhecimento e o reconhecimento social do papel mediador historicamente atribuído ao jornalismo como profissão.

Christofolletti argumenta ainda que as plataformas digitais em seu movimento insaciável de atravessar os processos de geração de capital não se limitaram ao segmento de organização e recuperação de informações ou de sociabilidade e se apossaram de um setor estratégico para o processo jornalístico, a distribuição da produção, o que contribuiu para modificar hábitos de consumo e ambientes de circulação de notícias, que passam a ser predominantemente por empresas que administram redes sociais virtuais como Facebook, Twitter e Instagram, influenciando os conteúdos e linguagens da produção jornalística. A isso se acrescenta o problema cívico da falta de transparência das plataformas, que se movem por interesses não públicos e ocultam o funcionamento dos sistemas técnicos de distribuição das informações (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 50).

No entanto, as decisões de consumo de jornalismo e especialmente da compra de seus produtos ainda estão lastreados em parâmetros qualitativos e o papel social do jornalismo na sociedade se baseia em princípios de credibilidade e confiança. Tais atributos não são inerentes e seu reconhecimento passa pela reputação construída com a audiência. Para isso, o jornalismo utiliza sistemas peritos com competências específicas para verificação dos processos de apuração dos fatos sociais. Nas palavras de Rogério Christofolletti, “notícias só têm valor se forem úteis ou confiáveis” (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 50), ou perdem sua essência.

O embaçamento das fronteiras entre jornalismo e mídias digitais colabora para as dificuldades de manutenção da confiabilidade, portanto a veracidade se revela um princípio irrenunciável para a sua sobrevivência. As relações dos sujeitos com a obtenção de conhecimento a partir dos relatos jornalísticos cristalizam leituras da realidade social e afetam seu cotidiano, mas o jornalismo não escapa da atual crise de confiança nas instituições, sendo afetado também pela erosão da condição de exclusividade de informar que cultivou historicamente. Como evidência de uma cultura de hiperinformação que favorece a desinformação (MORETZSOHN, 2017), a ampla disseminação de conteúdo impreciso e notícias falsas soma-se às limitações para a atividade jornalística em seu trabalho de checagem das fontes e apuração das informações necessárias à sociedade.

Rasmus Nielsen (2021) observa que o ambiente de mídia cada vez mais digital possibilita o desenvolvimento de tipos mais diversos de notícias, pois permite simultaneamente a ênfase no imediato nas notícias de última hora e também a expansão de formas aprofundadas como o caso do jornalismo long-form, o jornalismo explicativo e o de dados. Contudo, as transformações provocadas pela ascensão digital no ambiente midiático, com a migração de anúncios para plataformas e a internet e a televisão atuando como as principais plataformas das notícias, promoveram um cenário marcado pela disputa constante pela atenção da audiência, além de um estímulo à produção de infotimento, conteúdo mais opinativo e de mais sensacionalismo. Nilsen (2021) ressalta a função da distribuição das notícias assumida por redes sociais e sistemas de monitoramento de plataformas como o Twitter, que fazem a organização de fragmentos de fontes variadas neste fluxo constante de informações.

Anderson, Bell e Shirky (2013) chegam a definir o atual estágio do jornalismo como pós-industrial no relatório lançado em 2012 no âmbito do Tow Center para Jornalismo Digital, da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, no qual apontam as mudanças na imprensa estadunidense. Os autores do documento identificam que as condições técnicas, materiais e os métodos de apuração e divulgação adotados no século XX já não se aplicam ao atual estágio do jornalismo analisado pelos pesquisadores em seu manifesto sobre o futuro da indústria jornalística diante do colapso dos velhos modelos de negócio e a insuficiência do mercado da publicidade como fonte de subsídio para os empreendimentos.

De acordo com Anderson, Bell e Shirky (2013), o termo jornalismo pós-industrial foi empregado inicialmente pelo jornalista Doc Searls em 2001 para designar a emergência de um modelo de produção jornalística que deixa de ser necessariamente circunscrita à esfera de proximidade do maquinário, classificado por Searls como um “jornalismo sem rotativas”

(CASTILHO, 2012). A definição de jornalismo pós-industrial está associada a noção de sociedade pós-industrial defendida por uma linhagem de pesquisadores que associaram as evoluções tecnológicas e produtivas no capitalismo moderno ao “fim da indústria”, devido a uma possível substituição do trabalho humano e da exploração do trabalho pela tecnologia, sem no entanto considerar a reorganização da produção capitalista transnacional e a emergência de novas formas de precarização do trabalho, principalmente no setor terciário (SCOLARI, 2021). O aumento da precarização das condições de trabalho também é um resultado da flexibilização do processo produtivo, que dividiu a classe trabalhadora pela necessidade de diversificação dos serviços, nessa lógica, a estratégia muitas vezes é cooptar esse novo trabalhador por meio de incentivos e recompensas, fazendo com que este se sinta parceiro do projeto da empresa, como salientado por Dante Moura (2014, 38-39).

Fabio Scolari problematiza a ideia de pós-industrial como apologética da sociedade burguesa por meio da naturalização da tese da ruptura radical com os modos de produção e as formas de organização social, sendo mais pertinente no entanto afirmar uma maturação do sistema de reprodução sociometabólica do capital (MÉSZAROS, 2002). A gênese deste processo é situada por Marx no capítulo XXIV do primeiro livro do *Capital* como decorrência do processo de acumulação primitiva que expropriou da força de trabalho os meios de produção camponesa, familiar, artesanal e cooperativa, cujo saldo foi a formação de uma enorme massa de indigentes e desocupados e a constituição dos primeiros núcleos do proletariado fabril (MARX, 2013).

No célebre *The Coming of Post-Industrial Society*, o sociólogo estadunidense Daniel Bell apresenta a tese da passagem de uma economia industrial para uma economia pós-industrial, baseada no crescimento do número de trabalhadores vinculados ao setor terciário e de serviços. Segundo, Scolari, as análises dos teóricos pós-industriais ofereceram o ponto de partida para teses que “progressivamente passam a celebrar primeiro o desaparecimento do proletariado, depois o fim do trabalho, e finalmente o fim da história” (SCOLARI, 2021, p. 61), embora quando se busca individualizar aspectos evolutivos da história social corre-se o risco de absolutizar determinados fatores em detrimento de outros.

Com Marx, Scolari argumenta que o processo de acumulação capitalista se reproduz em larga escala com tendência a generalizar a condição operária, transformando o trabalhador industrial, sujeito da produção, em força de trabalho social combinada e coletiva, submetida a um ordenamento que mantém a coexistência de formas brutais de exploração (2021, p. 61).

Outra evidência da maneira como este mecanismo gera formas paradoxais de exploração é o fenômeno da terceirização e os trabalhos precarizados, como se observa nas condições de trabalho “industriais” dos empregados por empresas transnacionais e plataformas digitais que não reconhecem direitos trabalhistas como férias e licenças em caso de doenças ou infortúnios (SCOLARI, 2021, p. 64).

Certamente a estrutura das empresas capitalistas sofreu substanciais modificações, mas mesmo nessa perspectiva a transformação respondeu muito mais às exigências do capital no sentido de disciplinar e atomizar a classe trabalhadora, do que às aspirações de libertar o trabalho assalariado dos seus traços alienantes e desumanizantes. Esta realidade é facilmente comprovada no plano jurídico, uma vez que as demandas das associações patronais no mundo todo foram obstinadamente orientadas a solicitar aos governos nacionais reformas dos direitos do trabalho a fim de superar a suposta rigidez imposta à livre utilização da mão de obra (SCOLARI, 2021, p. 69).

Dessa forma, Scolari refuta a tese dos pensadores da sociedade pós-industrial, segundo a qual o crescimento dos empregos no setor de serviços produz um declínio dos antagonismos de classe nos quais a sociedade industrial foi fundada e argumenta que as atividades laborais exercidas no setor terciário representaram uma enorme fração da divisão social do trabalho durante todo o período capitalista e recentemente tornaram-se ainda mais lucrativos, com o progressivo processo de racionalização em prol da acumulação do capital e manutenção das relações sociais mercantis. “Apesar das especulações intelectuais a respeito do Ócio Criativo, na realidade parece termos atingido hoje a era da precarização e do desemprego estrutural para números crescentes de assalariados nos países ocidentais” (SCOLARI, 2021, p. 69).

Uma vez que o processo de transição que alguns autores denominaram como pós-industrial não representa uma alternativa à racionalidade capitalista, permanece a problemática das alternativas à dominação incontestável dos imperativos de produção do mercado e de reprodução social da sociedade de classes.

As mudanças na base sociotécnica dos meios de produção que impactam o trabalho dos jornalistas acompanham o processo de reestruturação do sistema de acumulação no atual estágio do capitalismo de plataforma, em que as inovações na geração de valor do capital produziram formas mais intensas de exploração e precarização para a profissão e delimitaram contornos estruturais para os processos de comunicação intrínsecos a toda atividade humana de trabalho (WILLIAMS, 2011, p. 69).

Os meios de comunicação são meios de produção do capital presentes em formas humanas de trabalho e organização social, de acordo com Raymond Williams (2011), e

tornaram-se indispensáveis para a circulação de informações pelas empresas de plataforma que operam novas formas de organização, vigilância e controle das riquezas a partir da extração de mais-valor de dados privados dos cidadãos sem transparência pública deste funcionamento produtivo (FIGARO, 2020a).

As plataformas digitais monetizam dados dos seres humanos captados por meio de serviços ofertados como gestão de conexão, mediação entre fornecedor e usuário, oferta de software, oferta de conteúdo, entre outros, para gerar valor a partir da comercialização uma riqueza inesgotável administrada por lógicas algorítmicas em uma velocidade de desenvolvimento nunca antes alcançada por quaisquer meios de produção (FIGARO, 2020a, 103):

A conexão e a circulação potencializaram redes de produção de valor. Aquilo que representou a internet nos princípios dos anos de 1990 em seu aspecto libertário e autônomo, socializado e colaborativo está desaparecendo. Em seu lugar crescem o controle e a privatização da rede pelo amplo desenvolvimento tecnológico e de conhecimento não aberto (privado, secreto) de empresas como Google, Facebook, Amazon, Apple, Microsoft entre outras [...] Sua lógica de produção conta com os investimentos do mercado financeiro, numa escalada permanente de aportes milionários (FIGARO, 2020a, 104).

Associados aos conglomerados ao mercado financeiro do capitalismo de plataformas (SRNICEK, 2018) estão os investidores mais ricos do planeta beneficiários da apropriação dos dados dos usuários e da exploração e precarização das condições de trabalho a medida com que esses processos integrados em sistemas de empresas interligados por plataformas de informação alteram modos de produção, circulação e recepção dos produtos, sobretudo os culturais, como o jornalismo.

A informação passou à posição de principal mercadoria para o sistema do capital enquanto os dados da natureza ou do humano tornaram-se commodity cujo valor é agregado pelo trabalho humano (FIGARO, 2020a, p. 106), por esse motivo a informação jornalística atrai anunciantes, consumidores e investimentos como mercadoria produzida a partir da informação por meio do trabalho de mineração e apuração dos fatos e da circulação. Contudo, as tensões entre capital e trabalho se revelam também no jornalismo, em um cenário de crescente estratificação econômica (BELL, OWEN; 2017).

Para Christofletti, o fechamento de publicações consolidadas até então e sucessivos passarálhos pelas redações evidenciam a crise financeira enfrentada no mercado de jornais e revistas, associada à queda nas receitas de publicidade, com impactos sobre a diversidade e

pluralidade das pautas, fontes e versões sofre os impactos da crise que agudiza a concentração da propriedade, a medida que iniciativas menores e com dificuldades de sustentação são compradas por grupos maiores e passam pela padronização tanto das práticas como dos assuntos trabalhados (2019, p. 37-38). O jornalismo se apresenta não apenas como produto, como também um serviço (CHRISTOFOLETTI, 2016, P. 39).

Por décadas, os anúncios publicitários representaram, somados às vendas, a principal fonte de recursos para sustentação dos negócios da indústria de jornais e revistas, entretanto, a estratégia de limitar o acesso para rentabilizar os conteúdos distribuídos a partir das plataformas digitais com a adoção do paywall pode trazer prejuízos não somente financeiros, como revela a experiência do El País que instaurou entre 2002 e 2005 e precisou rever a decisão para reverter o declínio da influência e tamanho na internet, pois a limitação impedia que os conteúdos viralizassem, o que salienta a necessidade de avaliação do contexto dos fatores que interferem na decisão de compra, como o contexto de mercado e a cultura de consumo para conduzir estratégias de viabilização e rentabilidade econômica.

A abundância de oferta produz desvalorização do produto e com a pulverização de meios que disputam as verbas de publicidade e a atomização da informação convertida em commodity, sem a garantia do modelo de sustentação por meio da venda de espaço publicitário para anunciantes, as empresas buscaram novas formas de captação de recursos e estratégias para agregar valor à produção jornalística. Outro aspecto que modificou a dinâmica de sustentação dos modelos de negócio em jornalismo foram as plataformas digitais que passaram a atuar como atravessadores no ambiente virtual e absorvem a maior parte dos fluxos de capital gerados com a publicidade (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 45).

Para além do esquema industrial, é possível verificar esquemas de rentabilização para viabilizar iniciativas de jornalismo locais, vinculados a causas e coletivos de jornalistas que se organizam em respostas às insatisfações do trabalho nas redações tradicionais e às demissões, embora esse modelo continue sendo hegemônico na instituição de padrões, consenso de práticas, estímulo da competitividade e conservação dos mercados produtores e consumidores (CHRISTOFOLETTI, 2019, P. 46).

transformações provocadas pela expansão global da internet que passou a moldar os consumos de conhecimento e informação repercutiram profundamente na indústria jornalística desde os processos de produção, que além de perder valor perdeu também em qualidade devido

alterações nas práticas profissionais, linguagens, formatos e estéticas, orientação e organização, formas de interação e consumo, adotadas para compensar perdas financeiras.

Em sua reflexão sobre a prática do jornalismo e os processos de conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico e expansão da desinformação, Felipe Pontes, Marcos Paulo da Silva e Rafael Bellan de Souza (2021) salientam a radicalidade expressa a maior crise sanitária mundial dos últimos 100 anos, que agravou o contexto histórico de barbárie social produzida por uma crise estrutural mais ampla do capitalismo global, inerente à processualidade normal do sistema de reprodução do capital, cuja incontabilidade expansionista afeta a totalidade do complexo social e sua interação com suas partes e subcomplexos (MÉSZAROS, 2002).

De acordo com os resultados apresentados no Relatório Direito à Comunicação 2020, produzido pelo Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, as crises, e seus desdobramentos, foram ampliadas pela pandemia do Covid 19 e impactaram o direito à comunicação no ano de 2020, em que se verificou um crescimento das violações a direitos humanos na radiodifusão e ataques a jornalistas e comunicadores populares. A diversidade de vozes e meios de comunicação são fundamentais para desenvolvimento de um sistema político democrático e o exercício da cidadania, pois contribui para o acompanhamento e a participação da sociedade na formulação das políticas públicas, assim como para a liberdade de expressão. Segundo o documento, a ausência de independência e pluralidade no ambiente brasileiro de mídia comprometeu os demais direitos sociais e contribuiu para o crescimento da desinformação durante a pandemia, como também da perseguição a jornalistas, sendo o próprio presidente da república autor de 40,89% das agressões registradas pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) no ano de 2020 (FENAJ, 2021, p. 13).

Diante da gravidade da perseguição a jornalistas e comunicadores populares, Jair Bolsonaro foi denunciado na 175ª Audiência Temática da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), que aconteceu em março de 2020, no Haiti, porém seguiu incentivando ataques contra jornalistas a ponto de provocar a sociedade civil brasileira a registrar outra denúncia que resultou em uma nova audiência em outubro do mesmo ano.

Segundo a avaliação da presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) no Relatório 2020 – Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, desenvolvido pela organização, os jornalistas enfrentaram condições de trabalho ainda mais precarizadas, arriscaram suas vidas e muitos morreram no primeiro ano de pandemia, além de terem sido

hostilizados por cumprirem seu papel social e sofrerem ataques violentos (BRAGA, 2021, p. 4).

No Espírito Santo, três casos foram notificados. O primeiro envolveu ameaças e intimidações contra jornalistas da TV Vitória (afiliada à Record TV) no dia 6 de maio de 2020. A repórter Talita Carvalho e o repórter cinematográfico Willian Obrien estavam na Delegacia Patrimonial da Polícia Civil para fazer uma reportagem, quando três homens colocaram explosivos embaixo do carro e incendiaram o veículo da empresa estacionado nas proximidades. Apesar de não serem atingidos pelo atentado, o fogo destruiu objetos pessoais da equipe.

A segunda ocorrência, no dia 26 de junho, foi protagonizada pelo senador Marcos do Val (PPS) que fez agressões verbais e incentivou seus apoiadores a hostilizar o colunista Vitor Vogas, do jornal A Gazeta, por meio de nota divulgada em suas redes sociais. O ataque do senador ainda incentivou seus apoiadores a ir contra o jornalista. O ataque ocorreu após Vitor Vogas divulgar informações sobre nomeações de familiares de pessoas do alto escalão do governo estadual feitas pelo senador.

O terceiro ataque envolveu agressão física e também teve cunho político. Durante manifestação de apoio ao governo Bolsonaro e ao então ministro da Justiça Sérgio Moro, os jornalistas Vinícius Rangel e Diego Gama, respectivamente repórter e repórter cinematográfico da TV Vitória, sofreram agressões e foram impedidos de permanecer no trio elétrico onde estavam equipes de outras emissoras de televisão. Apesar de autorizados pela organização da manifestação, jornalistas da TV Tribuna foram empurrados e expulsos por um homem que os empurrou para que descessem de cima do trio elétrico e disse que a equipe não era bem-vinda.

No ano de 2021, a FENAJ apontou em seu relatório o agravamento de vários aspectos da vida em sociedade e a continuidade das violações à liberdade de imprensa no país, devido a continuidade de uma crise sanitária global e da crise do capitalismo “agudizada em seu aspecto mais perverso: a retirada de direitos da classe trabalhadora, inclusive do direito ao trabalho” (BRAGA, 2022). As agressões a jornalistas e veículos de comunicação registradas pela federação constaram como o maior número desde o começo da série histórica iniciada na década de 1990 pela FENAJ, que reportou 430 casos de violência em 2021, dois a mais que os 428 registrados em 2020.

Assim como nos dois anos anteriores, o então presidente Jair Bolsonaro, foi o principal agressor, responsável por 34,19% do total de casos, o que equivale a 147 ataques oriundos da

presidência da república. Os índices de violência e ataque à liberdade de expressão também aumentaram no Espírito Santo, onde foram registrados sete casos de violência, entre agressões virtuais e verbais (2), ameaças e intimidações (3), cerceamentos à liberdade de imprensa por ações judiciais (1), violência contra a organização dos trabalhadores (1), em Vitória, Vila Velha, Serra e Cachoeiro de Itapemirim. As ocorrências representam 2,36% do total no país e o estado deixou de apresentar o menor número de notificações da Região Sudeste, passando a ser Minas Gerais, com quatro episódios registrados (FENAJ, 2022).

Manifestada em suas dimensões internas, como as relações de trabalho e sociabilidade, a irracionalidade do projeto capitalista destrói sistematicamente a força humana de produção e a natureza, tamanho o poder de destruição do processo de acumulação contínua (MÉSZAROS, 2002), caracterizado em Marx a partir da metáfora do impulso sociometabólico do capital para alcançar os limites últimos da estrutura global.

Sendo uma premissa central para o cumprimento do compromisso ético do jornalismo sem a qual não se cumprem as demais finalidades definidoras da atividade, informar de modo qualificado é um desafio e uma necessidade para o aperfeiçoamento do jornalismo e das democracias. Sylvia Moretzsohn (2017) reflete sobre as relações de poder que se reproduzem e amplificam no ambiente virtual como extensão da realidade presencial, com consequências contrárias às expectativas de um fetichismo tecnológico apontado pela autora nas perspectivas teóricas que consideram o advento da internet como inaugurador de uma nova estrutura social marcada pela horizontalidade nas sociedades contemporâneas. Para Moretzsohn, “é crucial perceber como essas engrenagens trabalham no sentido de promover sensações, estimulando um estado de permanente excitação que é condição para a manutenção de funcionamento do sistema” (2017, p. 296).

A convergência de meios e narrativas no jornalismo digital acompanha o aumento na demanda por perfis profissionais polivalentes/flexíveis, precarização das relações de trabalho e imposição de rotinas produtivas baseadas na lógica da espetacularização mesmo em detrimento da apuração, o que levou à perda da credibilidade da produção jornalística associada com a crise do modelo de negócios sustentado pela venda de espaço publicitário.

Por outro lado a irracionalidade do regime da acumulação flexível deixa contradições e fissuras com potencialidades a serem exploradas para a luta anti sistêmica, como se verifica na “força humana profissional e de conhecimento abandonada e retirada do mercado de trabalho que não aceita o desprezo e o desalento e busca alternativas próprias para a situação do trabalho

no jornalismo” (FIGARO, 2020, p. 106) e as possibilidades abertas pela internet de conectar ações comuns, construir redes e circuitos independentes de trabalho, permitir a troca de experiências e ampliar formas de cooperação dos meios alternativos (FIGARO 2020, 107).

Para Istvan Mészáros, “as dimensões internas e condições inerentes à auto expansão do capital constituíram desde o início uma unidade contraditória” (MÉSZÁROS, 2002, p. 789). Considerando que o capital funciona a partir das contradições, à medida que essas disfunções cumulativas atingem o nível estrutural formam um bloqueio para o mecanismo de deslocamento das contradições e potencializam os estranhamentos e as reificações (PONTES, SILVA, SOUZA, 2021, p. 13).

De acordo com Mészáros, as transformações provocadas pelo regime de expansão capitalista ao atingir “totalidade intensiva” produziram “uma significativa racionalização do capital global e o estabelecimento de uma estrutura de relações financeiras e econômicas com o Estado que foi, em geral, muito mais adequada ao deslocamento de muitas contradições do que a estrutura anteriormente existente” (MÉSZÁROS, 2002, p. 805).

Assim, o jornalismo como trabalho e práxis da realidade social em contexto de circulação digital reflete as reestruturações produzidas pelo regime expansionista de autorreprodução do capital, a partir do qual o uso da linguagem matemática e computacional passa a ser incorporada às relações capitalistas também como recurso de manipulação e produção de subjetividades integradas à lógica de reprodução do projeto capitalista (PONTES, SILVA e SOUZA, 2021). Por isso, as contradições subjacentes ao jornalismo revelam que nenhuma estrutura sobrevive incólume ao movimento destrutivo do capital.

2.2. Práxis Noticiosa

Inserido no contexto da expansão das bases de reprodução do capital mundial e constituição das sociedades modernas (HARTLEY, 1996, p. 33; GENRO FILHO, 1987, p. 173), o jornalismo se constitui como prática de produção de sentido sobre a realidade nas sociedades industriais e pós-industriais. A imbricação entre jornalismo e modernidade se associa às bases históricas da expansão dos mercados e do consumismo, desenvolvimento do pensamento científico e instituição do modelo político de estado nação burguês, de modo que ambos estão intimamente ligados às noções de liberdade, progresso, dissolução de hierarquias e integração dos indivíduos pelos meios de comunicação emergentes.

A notícia é compreendida por Stuart Hall, Chas Critcher, Tonny Jefferson, John Clarke e Brian Roberts (1993) como um produto resultante de um processo complexo de seleção conforme a organização e a estrutura dos valores notícia que orientam as práticas de rotina dos jornalistas, editores e agências de notícias e são partilhados na cultura profissional (HALL et. al, p. 310). De acordo com os autores, a construção da notícias envolve processos de identificação, classificação e contextualização dos acontecimentos reportados a partir de mapas de significado que constituem a base do conhecimento social sobre o mundo para a composição de uma representação inteligível dos fatos relatados baseada nestes quadros de referência consensuais da sociedade (HALL et. al, p. 311). Por isso, os enquadramentos realizados derivam de um sistema central de valores, que por sua vez ocultam na representação da sociedade as rupturas culturais e econômicas e os conflitos de interesse de classe e reforçam a continuidade e estabilidade da estrutura social (MURDOCK, 1974; HALL, 1970, YOUNG, 1974 Apud. HALL et al, 1993), o que contribui para o processo de hegemonia ideológica.

Nesta perspectiva, ao buscar apresentar para os leitores os acontecimentos novos e inesperados, a mídia desempenha uma função de representação dos acontecimentos que rompem as expectativas comuns, o que os autores denominaram “realidade problemática”, interpretada dentro do delineamento consensual dos sentidos sociais. Os autores salientam a inerente operação ideológica nas práticas da mídia, que produz notícias a partir de informações fornecidas regularmente por fontes institucionais, que tendem a atuar como definidores primários nos relatos sobre a realidade, por isso “os media tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade” (HALL et al., 1993, p. 316).

A necessidade de construir uma relação mediada com os fenômenos da realidade remonta o desenvolvimento das relações capitalistas e com base na indústria, que produziram uma sociedade universalizada pela primeira vez na história por um sistema cambiante, dinâmico e que tornou a humanidade um gênero efetivamente interligado a nível transnacional. O mundo passa a ser a totalidade do universo humano e essa pré-condição histórica é essencial ao surgimento do jornalismo como forma de perceber o mundo acontecendo e mudando em sua imediaticidade e em sua manifestação fenomênica, específica, superficial, conforme a discussão proposta por Genro Filho (1987) ao referir-se ao desenvolvimento industrial.

Segundo ele, o surgimento do jornalismo veio acompanhado de uma base material e também gerou em parte essa base material, uma vez que não ocorre uma relação de singularidade com o mundo entendido como internacional ao qual estamos ligados de forma

universal, por não existirem meios pessoais de se relacionar diretamente com esse mundo pela sua feição singular. Assim, o jornalismo surge como uma forma de conhecimento que vai cumprir uma função semelhante ao papel que cumpre a percepção individual da singularidade dos fenômenos, correspondente a forma como se relacionam pessoalmente com os acontecimentos de seu cotidiano (GENRO FILHO, 1987).

Genro Filho (1987) caracteriza o jornalismo como uma forma de conhecimento humano cristalizado no singular. Enquanto a ciência e a arte são por excelência formas de conhecimento sobre o mundo baseadas no universal, o jornalismo se cristaliza no oposto da universalidade, a singularidade. Segundo ele, a força do jornalismo decorre de reproduzir coisas distantes pelo ângulo do fenômeno, ou seja, pelo ângulo da sua singularidade. Essa singularidade se apresenta como elemento jornalístico mais importante na construção do lead, enquanto apreensão sintética do acontecimento.

A singularidade corresponde ao atributo de especificidade que ocorre exclusivamente em um objeto, ser, indivíduo, conforme a exposição apresentada pelo autor. Todas as coisas possuem particularidades, que são características correspondentes a um determinado grupo. Além disso, estão contidas em uma terceira dimensão correspondente aos elementos de universalidade, que revelam sua essência. Em todas as dimensões estão presentes as demais categorias, que existem em uma relação entre si, ou seja, o particular não é particular por si mesmo, mas em relação a um singular e um universal.

Genro Filho (1987) analisa a construção dos fatos sociais a partir da notícia, que conceitua como unidade básica de informação do jornalismo. Segundo elabora em sua teoria sobre o modo de produção da notícia, as notícias encontram nos fatos sua menor unidade de significação, construída a partir de uma escolha arbitrária orientada por elementos objetivos e subjetivos.

Na exposição da realidade concreta a partir da singularidade, a técnica narrativa da “pirâmide invertida” corresponde à recorrente operação que aparece pela primeira vez em 1861 em uma matéria do *New York Times* e passa a ser adotada de maneira corrente pelas agências de notícia norte-americanas a partir da segunda metade do século XX, tendo difundido-se gradativamente pelo mundo. O modelo foi introduzido no Brasil pelo jornalista Pompeu de Souza em 1950, quando subverte a técnica nacional de introduzir a notícia com o popularmente conhecido como “nariz de cera” e substitui pela sintetização descritiva do lead.

A tese da pirâmide invertida quer ilustrar que a notícia caminha do “mais importante” para o “menos importante”. Há algo de verdadeiro nisso. Do ponto de vista meramente descritivo, o lead, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular de informação, encarna realmente o momento jornalístico mais importante. *Não obstante, sob o ângulo epistemológico – que é o fundamental – a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base.* (GENRO FILHO, 1987, p. 191, grifo do autor)

Os fatos sociais apreendidos no processo jornalístico não se constituem previamente, sendo um recorte construído pela ação humana de um fluxo contínuo de realidade em um determinado contexto histórico-social, que converge em um conhecimento sobre a sociedade com uma dimensão subjetiva inseparável da experiência concreta, sua matéria objetiva. Tal consideração permite compreender a singularidade como dispositivo de indução de transformações na sociedade, a partir de um interesse crítico de contextualização das tensões desencadeadas pelo ordenamento produtivo capitalista.

Conforme avalia em sua dissertação sobre teoria e história do Jornalismo, Felipe Pontes (2009) afirma que a proposta teórica de Adelmo Genro Filho (1987) implica a maior reflexão sobre epistemologia do jornalismo, devido a definição a partir da categoria de singularidade explicar a transversalidade presente na prática concreta da profissão:

[...] Nesse caso, Genro Filho desloca a discussão política da singularidade propriamente dita para a relação dessa com a particularidade e a universalidade. O que significa dizer que não é apenas na estrutura do lead, da manchete e dos fatos de destaque que a discussão política e a potencialidade revolucionária deve ser travada, mas no direcionamento deles a uma particularidade política e a uma universalidade ética. A categoria singularidade concede à teoria marxista de Genro Filho um caminho duplo. Por um lado permite a explicação do jornalismo a partir da materialidade de sua produção, no caso, a partir dos textos, da estrutura das matérias, dos critérios de noticiabilidade etc. Por outro, incide sobre a postura do jornalista em relação ao contexto e a uma ética imanente (PONTES, 2009, p. 54).

A noção de práxis noticiosa é tributária de Genro Filho e designa a dimensão teleológica e subjetiva desses trabalhadores do conhecimento em condições que desgastam as possibilidades de produção de um jornalismo crítico-emancipatório, que possa contribuir na articulação da comunidade humana para superação de seus desafios históricos (SOUZA, 2017, p. 145-146). O debate com as ideias apresentadas pelo autor permite contemplar tanto as características dos produtos jornalísticos como as condutas e a ética profissional, posto que o singular está cristalizado na conformação dos fluxos de realidade com as práticas de apuração

e exposição do jornalismo informativo, cujo horizonte final reside na exposição do cruzamento entre a singularidade do acontecimento e os aspectos particulares e universais. Essas três categorias de larga tradição da filosofia clássica, especialmente em Hegel, são utilizadas no esforço teórico para construir uma definição da atividade.

A problemática da práxis é discutida no trabalho do filósofo Karel Kosik no capítulo “Praxis e totalidade” de *A Dialética do Concreto* (1976), em que afirma que a práxis corresponde à esfera do ser humano e revela a natureza do humano como ser ontológico e criativo, que manipula a realidade humano-social e ao mesmo tempo elabora a realidade material humana e não humana em sua totalidade (KOSIK, 2002, p. 222). Segundo observa na referida obra, o conceito filosófico de práxis sofre modulações históricas, sendo associado à concepção de socialidade, conhecimento e técnica-manipulação.

A noção de práxis como técnica e manipulação considera a natureza moldável do ser-humano por meio da técnica de agir e manipular o material humano e as coisas. De acordo com Karel Kosik, esta compreensão da natureza beneficiária do maquiavelismo, como movimento que propõe a natureza moldável do ser humano e a dessacralização do homem e das coisas, infere que a realidade humano-social se expressa como “formadora e ao mesmo tempo forma específica do ser humano” (2002, p. 222).

A história se apresenta como processo político, uma vez que a realidade humano-social é criada pela práxis (KOSIK, 2002, p. 224). Tomando a noção de trabalho como especificidade humana em Engels, Kosik nota que a práxis é uma dimensão dotada de interioridade e um movimento dialético específico do ser humano, que projeta o futuro no presente no processo de objetivação, manipulando a tridimensionalidade do tempo manifestada em sua própria existência (KOSIK, 2002, p. 224).

Na objetivação da práxis as dimensões subjetivas e objetivas integram-se ao processo laborativo que se realiza enquanto processo de existência, pois a consciência se desenvolve como “força de luta por reconhecimento que acomete todo o ser humano” (KOSIK, 2002, p. 224). A subjetividade conduz a uma abertura ontológica para o pensamento sobre a totalidade do ser e por isto a consciência humana detém um potencial revolucionário no processo da práxis de apropriação prática-subjetiva do mundo pelo ser humano (2002: 221), que produz sentidos sobre o território no contato com a totalidade concreta do mundo, a linguagem, a poesia e o conhecimento.

Resultante de um processo histórico, a práxis se desenvolve como dialética do cotidiano no contexto da reprodução social a partir da possibilidade de suspensão da naturalização das relações de produção por uma tomada de consciência do sujeito e atitude crítica no momento em que reage aos eventos dentro das alternativas oferecidas pelo regime capitalista. Assim, a superação da ideologia dominante é suscitada em momentos de crise estrutural e situações de exceção, em que os sujeitos são levados a reexaminar as condições concretas de sua existência e adotar formas de resistência às condições práticas de reificação, rompendo com a tendência à submissão por expectativa de estabilidade social e preservação da normalidade.

Em um quadro teórico no qual concebe trabalho como categoria fundante do ser social, Lukács distingue o ser humano das demais espécies por sua interação com a natureza através do trabalho, em que a modifica e cria novas necessidades à medida que responde à realidade objetiva (LUCÁKS, Apud MORETZSOHN, 2007, p. 52). Como observa Lukács, o acesso à realidade é possibilitado através do recurso das mediações, portanto a representação constitui um dispositivo de construção social da realidade (MORETZSOHN, 2007, p. 83).

Neste sentido, a fabricação dos relatos jornalísticos ocorre a partir da processualidade dialética da realidade social, como campo em que se exercita uma atividade prático-sensível na qual se confrontam as contradições oriundas da dupla consciência teórica e da realidade imediata, articuladas pelos sujeitos sociais em sua operação criativa pela qual “a humanidade e o indivíduo realizam sua própria verdade, operam a humanização do homem” (KOSIK, 2002, p. 23).

Sylvia Moretzsohn investiga o papel desempenhado pelo jornalismo na estrutura das mediações capazes de elevar um senso comum para um senso crítico considerando a relação do campo da comunicação na vida cotidiana com os avanços tecnológicos de uma “Idade Mídia” (MORETZSOHN, 2007, p. 103), ao remeter às origens do jornalismo de opinião política: “Os princípios que se consolidaram como basilares para o jornalismo - o jornalismo, por isso mesmo, chamado "de referência" - remontam a esse projeto iluminista de esclarecer os cidadãos, forjado no contexto das revoluções liberais de fins do século XVIII” (Moretzsohn, 2007, p. 106).

Contudo, alterações nos objetivos comerciais da empresa jornalística acompanharam o processo de encobrimento do caráter ideológico das narrativas com aparecimento da imparcialidade como um dos valores fundamentais do jornalismo (MORETZSOHN, 2007, p. 107), em um processo histórico no qual se constroem relações de dominação.

O argumento de que a imprensa seria um veículo representativo da sociedade oculta os interesses de classe da burguesia emergente que detinha o controle dos jornais. Essa dependência a um poder econômico permanece com a consolidação do jornalismo como atividade industrial nos séculos posteriores e a formação dos conglomerados globais de mídia.

Além disso, a naturalização de um “quarto poder” assentado no princípio de objetividade que condena a interpretação dos acontecimentos no processo de produção dos relatos leva a paradoxos, pois inviabiliza a defesa da pluralidade de opiniões como pilar democrático e a denúncia das transgressões como serviço público esperado dos jornalistas implica na ponderação de juízos de valores (MORETZSOHN, 2007, p. 119).

A razão dialética aplicada ao jornalismo permite mobilizar um projeto de conscientização dos sujeitos em torno da luta social pela alteração das bases que sustentam o metabolismo do capital (SOUZA, 2018). Mészáros (2004, p. 61, Apud MORETZSOHN, 2007, p. 69) considera que a emancipação se efetiva a partir da união dos grupos sociológicos em torno de uma estratégia de transformação social para concretização de uma organização alternativa.

No entanto, o conhecimento da realidade objetiva tem sido afetado pelo aprofundamento da alienação e insegurança informativa nas sociedades em rede, como aponta Sylvia Moretzsohn (2017) em sua discussão acerca dos desafios da hiperinformação, alienação e fetichismo no sistema comunicacional vigente. Ela argumenta que a investigação das possibilidades de apropriação das ferramentas oferecidas pelas infotelecomunicações precisam partir da função desempenhada por essas tecnologias como mediadoras das disputas ideológicas contemporâneas, nas quais a construção do senso comum e a organização dos discursos se associam a renovados mecanismos de dominação.

A construção de um conhecimento jornalístico alinhado a um projeto emancipatório para a humanidade consiste na constituição de um pensamento na dialética sujeito-objeto por meio da práxis, que se reformula a partir das contradições de modo a ir além de uma práxis meramente utilitária e dissolver as criações fetichizadas do real. A destruição dessa pseudoconcreticidade, para Karel Kosik, se efetua como:

- 1) crítica revolucionária da práxis da humanidade, que coincide com o devenir humano do homem, com o processo de "humanização do homem" (A. Kolman), do qual as revoluções sociais constituem as etapas-chaves; 2) pensamento dialético, que dissolve o mundo fetichizado da aparência para atingir a realidade e a "coisa em si"; 3) realizações da verdade e criação da realidade humana em um processo

ontogenético, visto que para cada indivíduo humano o mundo da verdade é, ao mesmo tempo, uma sua criação própria, espiritual, como indivíduo social-histórico. Cada indivíduo – *pessoalmente e sem que ninguém possa substituí-lo* – tem de se formar uma cultura e viver a sua vida (KOSIK, 2002, p. 24).

Todavia, o distanciamento entre teoria e prática e tensionamentos que se estabelecem no processo de trabalho delimitam a aplicação de uma práxis jornalística transformadora vinculada a um projeto emancipatório para a humanidade. Partimos do pressuposto que a leitura do mundo tomando como referência as lentes do jornalismo e da epistemologia que subsidia as práticas consiste em um exercício ético-reflexivo sobre as contradições do processo de produção em seus distintos contextos, na busca por soluções coletivas para o enfrentamento dos problemas de sustentabilidade jornalística.

Somadas ao processo de enfraquecimento das forças de enfrentamento ao trabalho estranhado produzido pelo sistema de acumulação capitalista, as transformações provocadas pela expansão global da internet que passou moldar os consumos de conhecimento e informação repercutiram profundamente na indústria jornalística desde os processos de produção, que além de perder valor perdeu em também qualidade devido alterações nas práticas profissionais, linguagens, formatos e estéticas, orientação e organização, formas de interação e consumo, adotadas para compensar perdas financeiras.

3. FORMAÇÃO LOCAL DOS CONGLOMERADOS DE COMUNICAÇÃO E INICIATIVAS INDEPENDENTES À GRANDE MÍDIA NO ESPÍRITO SANTO

A problemática da produção de narrativas sobre o cotidiano pelos meios de comunicação situados em uma particularidade espaço temporal se relaciona com a maneira pela qual os veículos adequam o trabalho às condições encontradas nos territórios em que estão situados (BARROS, 2020, p. 269). O campo da comunicação atravessa um processo de desregulamentação das atividades de comunicação, dos quais resulta uma crescente dificuldade em se desvincular de um positivismo administrativo, cuja função para Armand e Michelle Mattelart (1999) consiste em “legitimar estratégias e modelos de organização empresariais e institucionais”, por meio de “ferramentas epistemológicas que permitam a neutralização das tensões via soluções técnicas” (p.186).

Armand e Michelle Mattelart (1999) inserem a visão instrumental presente no campo da comunicação ao funcionamento social de um regime tutelar, inspirado pelo modelo administrativo de uma empresa e propiciado pela multiplicação de mecanismos sociotécnicos do controle flexível, de rotação rápida, efeito contínuo e ilimitado, expresso no diagrama da sociedade de controle elaborado por Gilles Deleuze (1992).

Deleuze (1986/2014, APUD HUR, 2018, p.175) descreve a reestruturação de máquinas técnicas a partir da incorporação do elemento químico constituinte do hardware dos computadores, o silício, que permitiu a capacidade de operar uma “memória” com a qual se agenciam os processos informacionais. Nesse contexto de reconfiguração de forças, o autor analisa a substituição do panóptico pelo modelo da rede, que se situa além das fronteiras institucionais e é marcado pelas contínuas conexões e desconexões. O filósofo considera as proposições de Virilio (1996), sobre a circulação e o controle das vias e da velocidade, na compreensão do controle como mecanismo de modulação das condutas coletivas no campo aberto, caracterizado como um espaço vital, de expansão, As forças imperantes no modelo de rede não são de extração, nem de composição, mas da administração e gestão de multiplicidades com limites infinitos sobre os quais se aplicam mecanismos complexos de domínio (1986/2014, APUD HUR, 2018 p.176).

De acordo com Marko Ampuja, as redes de comunicações eletrônicas e “espaços de fluxos” datam desde o final do século XIX, com a liberação de linhas de telégrafo internacionais e o estabelecimento de agências de notícia internacionais. Ele associa a perda de capacidade dos governos dos estados-nação de gerenciar as contradições entre os interesses do capital e os

desejos de seus cidadãos por modelos mais democráticos de existência à consolidação da ideologia Neoliberal e afirma a crença na supressão das barreiras de tempo e espaço presente nas teorias da globalização como peça central do argumento da superação das sociedades industriais modernas pelas sociedades globais de informação.

Marko destaca que os processos pelos quais se estimula a mudança social detêm dimensões políticas e normativas (AMPUJA, 2015, p.65) Contudo, tal movimento de unificação do mundo tem alimentado uma crença mítica do progresso tecnológico despertado pela internet associado à transcendência das limitações de tempo e espaço vivenciadas pelas pessoas no contato com a realidade física cotidianamente experienciada. Essa convicção se choca com o movimento de neoliberalização expresso na concentração massiva de poder político e econômico por elites nacionais e transnacionais ao redor do mundo (AMPUJA, 2015). A essas promessas místicas, soma-se a crença de que um aspecto crucial da internet está relacionado ao potencial democratizante capaz de tornar a sociedade menos hierárquica, desmontar concentrações de poder e promover a diversidade da comunicação.

No âmbito da “dialética da história” analisada a partir das tensões provocadas pelo globalismo por Octavio Ianni (2003), a formação de uma sociedade mundial marcada pela ruptura dos quadros sociais mentais e de referência, provocada pelo ciclo de expansão capitalista dinamizado pelas redes sociotécnicas engendra sua contradição interna e germina sua própria negação, pois tanto promove a mundialização da revolução burguesa como cria as condições de sua superação por meio de uma revolução socialista movimentada em escalas simultaneamente nacionais, regionais e mundiais pelas classes e setores subalternos ao modelo de globalização conduzida pelos interesses das classes e grupos dominantes mundiais. (IANNI, 2003, p. 344).

A comunicação constitui uma dinâmica central dentro dos processos produtivos das organizações midiáticas, que participam desse sistema tanto na posição de agentes econômicos como discursivos, responsáveis pela reiteração de uma cultura da acumulação do capital. Assim, a observação da comunicação e trabalho permite analisar relações de comunicação, condições de produção e deontologia profissional de jornalistas no sistema de produção vigente.

A fim de compreender as relações de produção e processos produtivos que constituem e são constituído pelas relações de comunicação, professora Roseli Fígaro recorre ao binômio comunicação e trabalho como à matriz teórico metodológica para analisar estas atividades

humanas que abrangem produções simbólicas, ordenamentos econômicos, tensões políticas e dinâmicas histórico-geográficas.

Roseli Fígaro (2018) descreve a comunicação como o elo que permite ao sujeito trabalhar e se expressar como ser social (p.179). Na perspectiva de Raymond Williams (2011), os meios de comunicação são meios de produção detentores de uma história específica atrelada ao desenvolvimento histórico e às relações de produção, que “tanto produzem quanto reproduzem” (p. 70). Elemento ontológico do ser humano (LUKÁCS, 2012), a comunicação participa intrinsecamente da territorialização do capital, pois é constitutiva dos meios de produção capitalista. Sua ocorrência serve de condição para a organização dos processos produtivos e para a manifestação de hierarquias.

Neste sentido, Janaina Barros (2020) salienta que os meios de comunicação assumem uma posição de centralidade devido a ampliação comunicativa das e entre as sociedades ter se tornado imprescindível à lógica da acumulação flexível. A autora problematiza o papel desempenhado pelos meios de comunicação no processo de territorialização do capital à luz das formulações propostas por Raffestin (1993) e Saquet (2007), que descrevem diferentes territorialidades em movimento e negociação de sentidos, para compreender as dinâmicas de continuidade e descontinuidade presentes nas relações humanas constituídas em um plano espaço-temporal.

A territorialização do capital transforma trabalho, terra e dinheiro em mercadoria (MARX, 2013) e altera as condições sociais de soberania. Existe um movimento processual relacional e multiescalar de apropriação, conformação e produção (i)material nos territórios, cujos elementos basilares são as redes de circulação e comunicação, as relações de poder, as contradições e a identidade, interligadas por uma trama relacional indissociável, multitemporal e multiescalar, de acordo com Saquet (2007, p. 158-159).

Embora não ocorra de maneira homogênea, a territorialização do capital nos meios de produção de comunicação imprime uma matriz cultural administrativa baseada na concentração dos meios em conglomerados regionais e seus grupos, orientados para a reprodução do processo de produção industrial capitalista (BARROS, 2020). Dênis de Moraes afirma que as corporações de comunicação desempenham um duplo papel, como agentes operacionais da globalização, no campo discursivo, e como agentes econômicos globais. Janaína Barros (2020) pontua que a realidade de acesso aos meios de produção da comunicação beneficia a construção de hegemonias em detrimento da polifonia, pois se desenvolve em um ambiente de condições

desiguais para sustentar financeiramente os meios de produção da comunicação e distribuir os conteúdos. Assim, os atores com mais recursos econômicos para aplicar na produção, qualificação do material e disseminação do produto comunicado são detentores de maior poder de defesa da racionalidade neoliberal e os objetivos do mercado.

O objeto do estudo atual, o *Jornal Tempo Novo* constitui uma iniciativa de jornalismo local em atividade desde 1983 e focado no município da Serra que passava por uma reorganização do seu espaço urbano e contexto social, motivada por uma série de impactos sociais acompanhados do acentuado crescimento populacional, verificado na região partir da década de 1960 na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), que passava por processos de transição industrial tardia (VILASCHI e FELIPE, 2011; SILVA, 2016).

A Região Metropolitana até 1999 era composta por Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana, neste ano foi incorporado o municípios de Guarapari e em 2001 o município de Fundão denominação passou a se chamar Região Metropolitana da Grande Vitória.

Neste capítulo, desenvolvemos uma análise das relações de comunicação e das condições de produção do jornalismo local do Tempo Novo, inserido no contexto de organização territorial dos espaços de vida na contemporaneidade e na estrutura da composição dos sistemas de comunicação social.

O objeto do estudo atual, o *Jornal Tempo Novo* e suas condições de produção e a atuação, se associa a uma necessidade de compreender o desenvolvimento desses processos em uma iniciativa de trabalho em jornalismo local independente aos conglomerados de mídia, sediado no município de Serra. É possível constatar uma valorização da territorialidade no conteúdo jornalístico ultralocal de O Tempo Novo, produzido em condições de trabalho divergentes dos conglomerados de mídia tradicional, considerando a diferença de recursos entre esses grupos e, conseqüentemente, uma atuação de seus profissionais marcada por tensões entre o capital e trabalho geradas pelo movimento de plataformização, cuja convergência com o jornalismo tem sido analisada para pensar as reestruturações produtivas sofridas pela profissão em um cenário de crescente estratificação econômica (BELL, OWEN; 2017).

O atual governador estadual, reeleito para a gestão 2023 a 2026, Renato Casagrande, reconheceu em declaração para notícia publicada pelo *Jornal Tempo Novo*, o trabalho do veículo em prol da Serra:

“A cidade de Serra é a locomotiva que impulsiona o Espírito Santo. A cidade que mais cresce em nosso Estado e que se destaca em diversas

áreas. E o *Jornal Tempo Novo* está há 39 anos fazendo um trabalho imparcial, levando informação de qualidade aos serranos e aos capixabas. Todas nossas ações no município são destacadas pelo jornal, que faz um papel de levar informação, mas também de cobrar o poder público. Parabéns por quase quatro décadas de trabalho e que possamos estar juntos nesses próximos quatro anos de muitos investimentos para Serra e todo o Espírito Santo” (TEMPO NOVO, 2023).

Em sua fala para a notícia do jornal, o prefeito do município, Sérgio Vidigal afirmou que “o trabalho da imprensa é um dos importantes pilares da democracia” e declarou que “O *Jornal Tempo Novo* faz parte da história da Serra e, nesses 39 anos, dá voz aos moradores noticiando assuntos de maior interesse da população (TEMPO NOVO, 2023).

A primeira seção deste capítulo, “Meios de comunicação e jornalismo no ES, é dedicada à exposição do percurso histórico da constituição do sistema de comunicação do Espírito Santo. Em seguida a seção “Formação socioespacial de Serra” apresenta o contexto espaçotemporal em que se desenvolveu a fundação do jornal analisado e sua produção noticiosa. Por último, “Territorialidade brasileira e acumulação capitalista” problematiza as transformações na geografia mundial com a expansão mundial da lógica de acumulação com a divisão do trabalho em escala internacional e a formação de metrópoles brasileiras corporativas e fragmentadas a partir da produção desigual do território capitalista (HARVEY, 1992).

3.1. Meios de comunicação e jornalismo no Espírito Santo

O segmento de comunicação no Espírito Santo reproduz o desenho de concentração de mídia encontrado no Brasil com a articulação dos grupos locais de comunicação em torno das emissoras nacionais de televisão (REIS, 2017). Conforme o levantamento produzido pela Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidade da Universidade Federal do Espírito Santo Ruth Reis, desenvolvido dentro do projeto Brasil que o Povo Quer, coordenado pela Fundação Perseu Abramo (SP), até meados do século XX, o consumo de informação se concentrava na imprensa, com dois grupos de comunicação disputando o mercado de notícias, a família Lindenberg com o noticiário A Gazeta, mais antigo periódico ainda em circulação, e a família Santos/Nassau com o jornal A Tribuna, fundados em 1928 e 1938, respectivamente (REIS, 2017; TITO, SANTANA, TARCÍSIO, 2008).

Com a emergência da internet 2.0, crescimento das empresas 4.0 (Google, Facebook, Twitter e outras) e as mudanças no comportamentais dos consumidores de informação e entretenimento, os grupos de comunicação procuram se reposicionar no novo cenário para conservar seu domínio cultural com a criação de portais e perfis nas redes sociais, adoção de

redações integradas, equipes mais compactas, distribuição de conteúdo para diversas mídias, pay wall para limitar o acesso aos conteúdos gratuitos e forçar assinaturas pagas nos portais online, promoções, entre outras estratégias para assegurar de sustentação financeira destacadas por Ruth Reis (2017).

A família Lindenberg recebeu a concessão federal para a criação da TV Gazeta em 1976 e firmou acordo com a Rede Globo para filiar o canal de televisão à emissora, passando a transmitir inicialmente dois programas locais e retransmitir o sinal da TV Globo no estado. O primeiro programa era um apêndice local do Jornal Hoje — atual ES TV 1ª Edição — passado ao meio dia e à noite um telejornal de apenas três minutos antecedia o Jornal Nacional — atual ESTV 2ª Edição (TITO, SANTANA, TARCÍSIO, 2008 p. 52).

Desde então, a atuação do conglomerado empresarial dos Lindenberg influenciou os rumos dos processos políticos no Espírito Santo a partir de sua rede de comunicação composta pelo jornal impresso diário A Gazeta; os portais de notícia Gazeta Online e G1 Espírito Santo (afiliado à Rede Globo), 9 rádios: Rádio Gazeta (AM 820), CBN (93,7 FM), Rádio Antena 1 Linhares (98,7 FM), Rádio Globo Cachoeiro (770 AM), Vitória (102,3 FM), Rádio Litoral Colatina (98,1 FM) Rádio Litoral (sede) Rádio Litoral Linhares (104,3 FM) Rádio Gazeta FM (Linhares); 4 emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo (TV Gazeta, TV Gazeta Sul, TV Gazeta Norte, TV Gazeta Noroeste); o portal de anúncios online “Classificações” e o acervo de fotos jornalísticas Agência AG. Quando surgiu a partir da fundação do jornal A Gazeta pelo empresário Ostílio Ximenes, dono da Imobiliária Cambury, atendia ao propósito de produzir um jornal para publicação de anúncios imobiliários e atualmente desempenha atividades no ramo pecuário e agrícola (fazenda de cacau) em Linhares (REIS, 2017; TITO, SANTANA, TARCÍSIO, 2008 p. 40).

Em 1980, o Grupo João Santos conquista uma concessão e se estabelece como afiliado ao Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT, emissora do empresário e apresentador de TV Sílvio Santos, em 1985, após perder a disputa da concessão da TV Globo e da TV Manchete, que fechou contrato com a TV Vitória. Em 1985, a TV Tribuna começa a ser transmitido o programa local mais antigo na grade TV Tribuna, “Tribuna Notícias”, com uma edição ao meio-dia e outra à noite (TITO, SANTANA, TARCÍSIO, 2008 p. 52).

O grupo Santos Nassau ingressou na área de comunicação a partir da aquisição de uma rádio (Tribuna) pelo industrial de cimento (Nassau) João Santos Filho, na Região Sul do Espírito Santo, município de Cachoeiro do Itapemirim, devido ao interesse do proprietário em

ser governador. Santos Filho adquiriu o Jornal A Tribuna em 1973, mas não concretizou sua aspiração política e morreu em um acidente de avião em 1980. Desde então não foi registrada participação direta em cargos públicos de integrantes do conglomerado, composto atualmente pela emissora de televisão afiliada ao SBT TV Tribuna com retransmissoras, três rádios (Tribuna AM, Tribuna FM Cachoeiro Tribuna FM Vitória), o Portal na internet Tribuna Online e o jornal impresso diário A Tribuna (REIS, 2017).

A TV Vitória foi a primeira emissora de televisão instalada no Espírito Santo. Fundada pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand em 1961, exibia em sua fase inicial filmes e novelas mexicanas, retransmitia a programação da Rede Tupi, de São Paulo e criou programas próprios. A partir de 1980 a emissora retransmitiu a TVS, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) até 1984, quando o empresário e então Senador do estado pelo PMDB João Calmon comprou as cotas dos outros acionistas e revendeu a TV e a Rádio Vitória a Américo Buaiz Filho, irmão do ex-deputado federal Luís Buaiz (então PDS) em 1994.

Membro do diretório do PTB entre 1954 e 1965, participou da diretoria da Federação das Indústrias do Espírito Santo como diretor do Grupo Buaiz e filiou-se ao partido Aliança Renovadora Nacional (Arena), criado em apoio ao regime instituído pela articulação civil-militar que conduziu o golpe e depôs o presidente João Goulart, transferiu a presidência por eleição indireta ao marechal Humberto Castello Branco e instalou o bipartidarismo com o Ato Institucional nº 2 (27/10/1965). Quando o pluripartidarismo é reestabelecido por meio da Lei N. 6.767 de 20/12/1979, Luís Buaiz ingressou em 1980 no Partido Democrático Social (PDS), sucessor da Arena, foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Vitória em 1983, filiou-se dois anos depois ao Partido da Frente Liberal (PFL). Em 1992 foi candidato a prefeito de Vitória, sem sucesso, em 1994 elegeu-se para o cargo de Deputado Federal, em 1996 candidatou-se à vice-prefeito e em 1998 foi candidato à reeleição para Deputado Federal, sem sucesso (REIS, 2017).

Em 1984, a TV Vitória passa a ser filiada da extinta TV Manchete e desde 1988 se estabeleceu como afiliada da Record News (propriedade do Grupo Machado em sociedade com Silvio Santos, sob situação financeira desfavorável, foi adquirida em 1989 por seu atual proprietário bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus). A Rede de comunicação da Rede Vitória é composta atualmente pela emissora TV Vitória, rádios Jovem Pan FM Vitória e, Rádio Jovem Pan News 640 AM (ex- rádio Vitória) e portal de notícias on line Folha Vitória. Entre outros segmentos produtivos em que o Grupo Buaiz atua estão o

alimentício (Café Numero 1, Farinha de Trigo Regina, etc), o Shopping Vitória e o comércio exterior e logística (Vitória Logística e Operações Portuárias).

A TV Capixaba, afiliada da Rede Bandeirantes, foi fundada por Walter de Sá Cavalcante, dono do grupo empresarial Sá Cavalcanti, entrou no ar em 1989 com uma programação que reproduzia o mesmo enfoque da Bandeirantes, o jornalismo e esporte. Com sede em Vila Velha, Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e presente em seis estados brasileiros (RJ, SP, ES, MA, PA e PI), O Grupo Sá Cavalcante desempenha atividades de construção civil, incorporação imobiliária, no ramo alimentício e de shopping centers, além da comunicação (REIS, 2017). Em 2014, a Rede Capixaba lança uma edição regional do Jornal Metro, que interrompeu a circulação em 2020 durante a pandemia de Covid 19 e concentrou a produção do noticiário no portal da internet ES 360, lançado em julho de 2019. Atualmente, compõem a Rede Capixaba de comunicação a TV Capixaba, o Rádio Band News FM e o portal ES.

Segundo o levantamento apontado por Reis (2017), essas redes de comunicação mantêm também emissoras de rádio em praças estratégicas do solo estadual (região metropolitana, Linhares ou São Mateus na região norte e Cachoeiro do Itapemirim no sul do estado). Apesar das alterações no segmento de rádio provocadas pela digitalização e possibilidade de migração de AM para FM, o rádio permanece um veículo de audiência e garante a produção local de comunicação no interior do estado, juntamente aos sites e perfis nas redes sociais inseridos recentemente.

O segmento de rádio permitiu também o crescimento do mercado de comunicação religioso católico e evangélico, representado pela Igreja Católica por meio da Rede Católica de Rádios (RCR) com três emissoras no ES (América AM e FM e Rádio Líder FM), além do portal na internet RCRES (Disponível em: es.rcr.org.br) e segmentos Adventista e Evangélico, divididos em veículos de propriedade de diversas denominações religiosas. Um dos líderes do segmento no estado é o ex-senador pelo Partido Republicano (PR) Magno Malta (atualmente filiado ao PL), dono da rádio Cor da Vida, que ocupa as primeiras posições gerais nos índices de audiência medidos pela pesquisa do IBOPE (Easy Media Radio Recall – Aglomerado Urbano da Grande Vitória – Junho/2017), de acordo com a consulta realizada por Reis (2017). Nas palavras de Ruth: “Sob a camada informacional promovida pelos grandes veículos de Comunicação e nas inúmeras zonas de sombra que eles deixam, operam processos de comunicação diversos, compondo uma teia que hoje conta com muito mais participantes do que no passado da comunicação” (REIS, 2017).

Para Reis (2017), a expansão da Internet pelo território capixaba revigorou e encorajou iniciativas nas bordas do mercado de comunicação, tanto na Grande Vitória como no interior. No ano 2000, o jornalista Rogério medeiro inicia o jornal online Século Diário, empreendimento de menor porte que produz coberturas jornalísticas principalmente nas áreas de política, meio ambiente e cultura com estilo editorial independente e crítico. Embora alguns jornais locais terem sido substituídos por portais e perfis em rede sociais, o levantamento desenvolvido por Reis mostrou que alguns jornais regionais ainda resistem.

O levantamento mais recente do Atlas da Notícia identificou 71 rádios, 57 veículos online, 43 títulos com circulação impressa e 27 emissoras de televisão no Espírito Santo (PROJOR, 2021). Segundo informações coletadas pelo levantamento desenvolvido pelo Instituto para Desenvolvimento do Jornalismo (PROJOR, 2019) para mapear os sistemas de jornalismo no Brasil e indentificar as áreas de deserto de notícias, conceito a partir do qual são classificados os territórios destituídos de veículos de jornalismo, 50% da população de quase 4 milhões de habitantes no Espírito Santo vive em desertos de notícias e cerca de 28% reside em localidades quase desertas, com até dois veículos de comunicação (BENEZATH, 2020).

A tabela apresentada abaixo foi elaborada por Reis (2017) apresentou a composição de iniciativas de jornalismo fora da capital Vitória.

TABELA 1 - JORNAIS DO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO (REIS, 2017, adaptada)

JORNAL	MUNICÍPIO
Folha do Litoral	Aracruz
Jornal Entrevista	Aracruz
Aqui Notícias	Cachoeiro de Itapemirim
Folha do ES	Cachoeiro de Itapemirim

Jornal Fato	Cachoeiro de Itapemirim
Jornal RegionalidadES	Castelo / Sul ES
Diário do Noroeste / Linhares em Dia	Colatina
Aqui Notícias	Guaçuí
Jornal Folha da Cidade	Guarapari
Diário de Notícias	Linhares
Correio do Estado / Linhares em Dia	Linhares
Jornal O Pioneiro / Edições	Linhares
O Jornal de Marataízes	Marataízes
Jornal Norte Notícias	Montanha
Jornal A Notícia NV	Nova Venécia
Folha Acadêmica / Edições	São Mateus
Jornal Correio Capixaba	Serra
Jornal Correio Metropolitano	Serra

Portal Jornal Tempo Novo	Serra
Jornal Praia da Costa	Vila Velha
http://www.santanoticia.com.br/	Santa Teresa e arredores
http://jetibaonline.com/quem	Santa Maria de Jetibá

FONTE: REIS (2017)

Na tabela elaborada pela Professora Ruth Reis (2017), foram identificadas três iniciativas de jornalismo fora das corporações de mídia sediadas no município de Serra e o Tempo Novo é o único veículo da cidade associado ao Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas no Estado do Espírito Santo (Sindijores), conforme a relação de empresas filiadas do sindicato (SINDIJORES, 2022).

TABELA 2 - Jornais filiados ao Sindijores

NOME DO JORNAL	CIDADE
A Gazeta	Vitória
A Tribuna	Vitória
Tribna do Cricaré	São Mateus
Aqui Notícias	Cachoeiro de Itapemirim
O Braço Sul	Marechal Floriano
Jornal Tempo Novo	Serra
A Notícia	Nova Venécia
Jornal Hoje Notícias	São Gabriel da Palha

Finanças dos Municípios Capixabas	Vitória
Folha da Cidade	Guarapari
O Noticiário	Domingos Martins
Jornal ES de Fato	Cachoeiro de Itapemirim
O Noticiário	Águia Branca
Revista Sabra ES	Vitória
Jornal Imobiliário	Linhares
A notícia	Iúna
Revista Campo Vivo	-

Fonte: SINDIJORES (2022)

A aproximação dos jornais de interior com o Tempo Novo reside na escala da informação produzida, orientada pelo localismo e ancorada no território de pertença e identidade compartilhado com a comunidade de leitores. Conforme aponta Beatriz Dorneles (2012), a produção bibliográfica especializada em Jornalismo do Interior é pouco expressiva e por vezes equivocada ao não reconhecer a importância social que as publicações desempenham nas comunidades em que estão inseridos. Além disso, foram produzidos poucos estudos sobre as formas de produção e proposições para contornar os problemas enfrentados pelos veículos com impactos na qualidade do noticiário (DORNELES, 2012, p. 22). Nas palavras da autora, “A comunicação local diz respeito à maioria das pessoas e membros integrados em determinado sistema local, ocorrendo de forma constante” (2012:25).

O *Jornal Tempo Novo* foi criado em 1983 pelo pequeno-empresário Ecy Scardini, circulou semanalmente na Serra entre os anos 1984 e 2020 e teve sua versão impressa interrompida após o encerramento do Jornal Metro no Espírito Santo, com sede também no município, onde o Tempo Novo obtinha o serviço gráfico para impressão do jornal. A produção do impresso distribuído gratuitamente na cidade era financiada principalmente a partir de venda de espaço nas páginas do noticiário para publicação de anúncios (Informação oral, SCARDINI, 2020). O veículo carrega como propósito editorial de produzir jornalismo ultralocal e informar

sobre assuntos de interesse público da cidade, que até então não contava com nenhuma outra iniciativa jornalística.

A imprensa regional se caracteriza, de acordo com Ângela Duarte (2010), a meios de comunicação orientados editorialmente para produções sobre a história do cotidiano das comunidades locais e menos focados nos acontecimentos do país ou o mundo. A ancoragem da produção jornalística sobre o território demonstra que a imprensa local baseia sua função, especificidade e força na territorialização dos conteúdos destinados à comunidade de leitores, circunscrita a uma região geográfica delimitada.

De acordo com a teórica Cicília Peruzzo, que se dedica ao estudo da comunicação popular, comunitária e alternativa como uma forma de “contra-comunicação” presente nas práticas dos meios de comunicação locais e regionais, “mídia local denota uma comunicação baseada em informação de proximidade” (PERUZZO, 2005, p. 69) e apesar de perpassada por contradições decorrentes das relações de produção das notícias, esse tipo de modalidade, de maneira geral, cumpre uma importante função social.

O estudo realizado por Dorneles (2012) aponta que o jornalismo local desempenha um papel preponderante na construção do espaço de opinião pública local, podendo ocupar um espaço dominante também nos índices de leitura em comparação aos veículos de mídia que se orientam administrativa, política e economicamente a uma cobertura jornalística em maior escala geográfica. Conforme a investigação da autora sobre os jornais impressos interioranos do Rio Grande do Sul, este tipo de jornalismo tende a privilegiar a divulgação de fatos locais de interesse da comunidade em que se insere, tem como principais fontes os moradores da região e traz poucas declarações de autoridades estaduais ou federais, com notícias que na maior parte dos casos não são contempladas pela grande mídia. Ela também identifica como uma ação diferenciada desenvolvida por alguns veículos de jornalismo no interior o Conselho do Leitor:

[...] integrado por cidadãos representativos de diferentes segmentos normalmente foco do noticiário do jornal: saúde, educação, habitação, igrejas, consumidores, associações de moradores, de lojistas, de trabalhadores, sindicatos, segurança pública, entre outros. Os membros do Conselho são responsáveis por analisar e discutir o conteúdo do jornal, fazer sugestões, criticar e propor mudanças.

Mathien (2004, p.43, Apud DORNELLES, 2012, p. 28) define um conjunto de funções determinantes da mídia regional: atuar como um elo da comunidade a que se dirige; complementar a experiência cotidiana dos seus leitores através da informação; responder às questões acerca das novidades e da atualidade do ambiente que rodeia o leitor; funcionar como

enciclopédia para o público expandir a sua cultura a partir de conhecimentos mais diversificados e superficiais; servir como banco de dados sobre a região de influência; além desempenhar uma função recreativa e de psicoterapia social.

O jornalismo local se configura como um espaço específico de recepção e desenvolvimento do debate público sobre o tempo e o espaço vivido, com potencial de intervenção na realidade concreta para reproduzir a racionalidade hegemônica ou transformá-la. Além disso, cumpre o papel social de tornar público o exercício de poder político nas sociedades contemporâneas, tanto legislativo como executivo. Os meios de comunicação visibilizam, colocam em discussão pública as ações de atores sociais locais e problematizam os pactos determinantes para a organização da vida naquele território (BARROS, 2020, p. 282).

Como observa Barros (2020), o trabalho de organização dos fatos cotidianos pelo jornalismo local segundo estratégias territoriais adotadas por seus atores junto à opinião pública e ao Estado materializa o atravessamento da territorialidade das relações de produção com a singularidade do território onde circulam os bens culturais, produzidos em sintonia com os modelos de organização empresariais (BARROS, 2020). A autora salienta que o acesso às tecnologias de informação e comunicação consiste em um fator determinante para o desenvolvimento dos Estados e da concorrência no mercado global, pois as indústrias de informação e entretenimento estruturam simbolicamente o avanço do capitalismo e suas mutações no desenvolvimento de seus processos produtivos (BARROS, 2020, p. 272).

Dornelles também descreve o funcionamento de jornais locais que se orientam como empresa jornalística, enquadrados no segmento de jornais do interior, diferenciando-os dos jornais comunitários por visarem o lucro e comercializarem espaço publicitário:

Esses podem ser identificados como um reprodutor da lógica dos grandes meios de comunicação, principalmente no que se refere ao sistema de gestão e aos interesses em jogo. Explora o local enquanto nicho de mercado, ou seja, os temas e as problemáticas específicas da localidade interessam enquanto estratégias para se conseguir aumentar a credibilidade e a audiência, e conseqüentemente obter retorno financeiro. (DORNELES, 2020, p. 32)

A lógica capitalista se apresenta como universal e se manifesta de maneira particular no território, pois no cotidiano local o nível simbólico das singularidades ocorre materialmente, sob a forma e por meio de relações de produção. No atual contexto de desenvolvimento do capitalismo financeirizado (HARVEY, 1993; BRENNER, 2020), os aparelhos móveis conectados à internet alteraram as dinâmicas do mundo do trabalho e permitiram a ampliação

do tempo e do espaço de realização do trabalho no tempo presente. Assim, ferramentas como o celular foram incorporadas na organização dos processos produtivos e na rotina de diferentes frentes de trabalho.

3.2. História e formação socioespacial da Serra

Quando o *Jornal Tempo Novo* circulou pela primeira vez na virada do ano de 1983 para 1984 na Serra, a cidade passava por um acentuado crescimento populacional, iniciado na década anterior, conforme dados do IBGE (OLIVEIRA, 2007, p. 41), em decorrência da expansão industrial que induziu mudanças nas dinâmicas econômicas, de ocupação e organização de seu espaço urbano, inseridas em um eixo estadual de reestruturação produtiva por meio da política de favorecimento aos Grandes Projetos Industriais de impacto social (VILASCHI e SILVA FELIPE, 2011, p. 184), representados pela expansão da Companhia Vale do Rio Doce (atual Vale) , implantação da Cia. Siderúrgica de Tubarão (Arcelor Mittal Tubarão), Samarco Mineração e Aracruz Celulose (Fibria) (ZORZAL E SILVA, 2009, p. 10 apud VILASCHI e SILVA FELIPE, 2011, P. 181).

Até 1535, início do processo de colonização portuguesa no território onde está localizado o estado do Espírito Santo, a área do município de Serra era habitada pelos nativos Termiminós – tupi no litoral e pelos índios Puris – botocudos no interior. As primeiras povoações fundadas pelos portugueses com intuito de catequizar os povos indígenas datam do ano de 1556: Nossa Senhora da Conceição da Serra, no sopé do monte Mestre Álvaro, e a Aldeia Nova (atual Nova Almeida) na foz do rio Reis Magos, onde, no mesmo ano, foi construída a Igreja de Reis Magos. Em 1752, a Serra foi elevada à categoria de distrito e paróquia. No ano de 1769 a Aldeia de Nossa Senhora de Conceição da Serra foi desmembrada da freguesia de Vitória, passando oficialmente à condição de freguesia. Em 1822 a freguesia é reconhecida oficialmente como vila, sendo elevada a município em 1833 e emancipado no ano de 1875 (INCAPER, 2020).

Um dos principais acontecimentos históricos do município se trata da Insurreição do Queimado, ocorrido em 9 de março de 1849, considerado o mais expressivo levante de negros escravizados no Espírito Santo contra o sistema escravista (CARDOSO, 2008, p. 16). O movimento foi motivado pela busca pela liberdade e teve a negociação de troca dos préstimos pela construção de uma igreja católica, a obra do templo passou a ser considerada pelos envolvidos na obra uma oportunidade de obtenção da alforria, o que não foi cumprido ao final

da construção, iniciada em 1845 e encerrada em 1849, ano em que os escravizados articularam um plano para reivindicar a alforria liderados por Elisiário, Carlos, João Pequeno e Chico Prego.

O levante, contudo, não se restringiu aos envolvidos diretamente na obra de edificação do templo feita por pouco mais de vinte pessoas, sendo que mais de duzentos escravizados participaram da revolta, segundo Lavínia Cardoso: “há, nesse processo, a construção de uma micro-política articulada por algumas lideranças escravas que, no decorrer dos acontecimentos, tiveram papéis distintos na busca pela liberdade, em Queimado” (CARDOSO, 2008, p. 86). A repressão aos insurgentes começa em 20 de março, dando início a uma guerrilha contra os insurgentes que termina com a condenação dos principais líderes da Insurreição, sentenciados à morte no ano de 1850.

Assim como outras cidades espiritosantenses, o município de Serra, se constituiu na diversidade cultural, sendo grande parte dos patrimônios culturais, entre eles o Sítio Histórico e cultural de Queimado, Sítio Histórico e Arqueológico de Carapina, o Congo, o espaço multicultural Casa do Congo, a Igreja e Residência Reis Magos, a Igreja Nossa Senhora da Conceição, o Ciclo Folclórico e Religioso de São Benedito e a Folia de Reis, expressam essa amplitude com raízes na diversidade cultural e étnica afrodescendente (SERAFIM, CAPRINI, 2019, p. 2).

O congo da Serra é uma das principais manifestações religiosas e um exemplo de resistência que incorpora diversos elementos da cultura brasileira nas vestimentas, cantigas e ritmos de instrumentos musicais como tambores e foi ressignificado pela população ao longo dos anos com a introdução de novos elementos simbólicos e a combinação da tradição e a modernidade nas práticas culturais do “Ciclo Folclórico Religioso”, conforme aponta a pesquisadora Isabel Quintino (2018, p. 31), que considera o Congo Capixaba um evento religioso e uma forma de expressão pelo canto e dança dos congueiros com diversos elementos da cultura afro-brasileira, como a semelhança das vestimentas, cantigas e ritmos dançantes, acompanhados por instrumentos musicais usados também em manifestações religiosas de origens africanas.

Entre as manifestações peculiares que ocorrem no Espírito Santo ao som das bandas de Congo se destaca a tradicional ritual da Fincada de Mastro, realizado há mais de século na cidade da Serra no Espírito Santo e uma manifestação folclórica em devoção e agradecimento a São Benedito, o santo negro que segundo a crença popular teria operado um milagre que

salvou de um naufrágio um grupo de africanos escravizados que se agarraram no mastro do navio e escaparam do afogamento.

A Fincada do Mastro é o símbolo da festa da Festa de São Benedito. Os integrantes da Banda de Congos, devotos do santo e o próprio povo percorrem festivamente as ruas do centro histórico da cidade ao som das toadas das Bandas de Congo. QUINTINO, 2018, p. 39). No cortejo, um pequeno barco enfeitado com bandeirolas é carregado sobre um carro de bois puxado por devotos que conduzem o mastro e outros fiéis que ajudam a puxar a corda na procissão.

Até o século XX, a economia serrana ainda era baseada em atividades agrárias, tendo como primeiro impulso econômico o cultivo da cana-de açúcar e a partir de 1950 desenvolve expressiva produção e comércio de abacaxi (BORGES, 2009, p. 259). Esse quadro começa a se alterar na década seguinte, quando ocorre um processo de remodelação urbana na região metropolitana capixaba desencadeada por transformações na estrutura produtiva da economia estadual, a partir da crise de superprodução cafeeira que atingiu seu ponto crítico nos anos 1962/1963 (SILVA, 2016, p. 177).

Como efeito de políticas de intervenção do Estado instauradas no intuito de modernizar a cafeicultura nacional como o programa de erradicação dos cafezais antieconômicos conduzida pelo Governo Federal, por meio do Instituto Brasileiro do Café (IBC), que destruiu 60% da área plantada de pés de café do Espírito Santo, o meio rural capixaba foi drasticamente impactado. Shalders e Loss (2016) verificam o fenômeno migração de 26% da população rural para a zona urbana em menos de dez anos como consequência do desemprego direto de aproximadamente 60 mil pessoas desde o início da implementação da política, em 1963 (SHALDERS, LOSS, 2016, p. 34).

Ao longo das décadas que se seguiram, a estrutura social do Espírito Santo sofre alterações a medida que desestruturação agrária e a orientação político econômica promovida pelo Plano de Valorização Econômica do estado, com epicentro na capital, marcam a tônica da expansão capitalista no cenário capixaba (VILASCHI e SILVA FELIPE, 2011, p. 278). O censo demográfico do ano de 1980 indicou que 53% da população estadual estava concentrada no aglomerado urbano da Grande Vitória. O município de Serra era o que apresentava as maiores taxas de crescimento, correspondente a 387% de aumento populacional (IJSN, 1987, p. 16).

O processo de industrialização e urbanização da Serra, a partir do epicentro da capital, com um número considerável de indústrias implantadas em território serrano, reverberou em

outros processos, como o boom populacional verificado, principalmente, a partir do final da década de 1970, até 2010. O crescimento da população, principalmente urbana, ocorreu em grande parte em função da chegada de imigrantes de outros municípios do Espírito Santo e também de outros estados, atraídos pelas possibilidades de trabalho nos polos industriais (FERREIRA, 2018, p. 28).

FIGURA 1 – Região Metropolitana Da Grande Vitória.



Fonte: Instituto Jones Santos Neves (2011)

Entre os acontecimentos mais relevantes para compreender as transformações territoriais que marcaram a primeira década de funcionamento do *Jornal Tempo Novo*, estão a expansão de indústrias de base como aço e celulose, com a ampliação da (Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST, atual Arcelor Mittal) e Aracruz Celulose (atual Fibria), desencadeada por um novo ciclo de investimentos nas indústrias localizadas na Região Metropolitana da Grande Vitória e seu entorno (IJSN, 1987, p.20).

Lorena, Barros, Resende, Pereira e Krause (2010) observam o acentuado quadro de desigualdades sociais verificados no contraste entre áreas de concentração de renda e condições urbanas precárias.

As alterações na formação espacial do município como efeito da urbanização são verificadas decorrer das décadas de 1970 e 1980 para abrigar o novo contingente populacional a partir da política habitacional baseada na construção de loteamentos e conjuntos habitacionais, com a atuação da Companhia de Habitação do Espírito Santo (COHAB-ES) e do Instituto de Orientação as Cooperativas Habitacionais do Espírito Santo (INOCOOP-ES), ligados ao Banco Nacional de Habitação (BNH).

A COHAB-ES produziu moradias destinadas à população com rendimento de até cinco salários mínimos, enquanto o INOCOOP-ES, buscava atender a população de rendimentos entre 05 e 10 salários mínimos (DUARTE M., 2008). A localização dos empreendimentos foi influenciada por proprietários de grandes terrenos e/ou fazendas que encontraram uma oportunidade de apropriarem-se de uma renda da terra, que superava a renda agrícola por meio da conversão das terras para fins urbanos.

Entre 1968 e 1986, a Serra recebeu 09 conjuntos da COHAB-ES e mais dois conjuntos na década seguinte, além de 16 conjuntos do INOCOOP-ES. Ao todo, 31.804 unidades foram erguidas em 27 conjuntos habitacionais que ocuparam uma área de mais de 18,65 km² (aproximadamente 1.865 hectares). Posteriormente, muitos conjuntos vieram a ser bairros da cidade (FERREIRA, 2018, p. 31).

No início da década de 2000, a partir da expansão da produção imobiliária em Serra, emerge uma nova forma de produção do espaço por meio da produção de condomínios e loteamento fechados, que se particularizam por serem territórios privados cercados por muros e monitorados com esquemas de segurança. Ferreira (2018) justifica a proliferação desses empreendimentos devido à dinâmica imobiliária nacional atrelada a interesses locais tanto da esfera pública, pois a prefeitura adotou políticas no anseio de modificar o perfil sócio econômico da população do município, e da esfera privada privada, como empresas de construção locais, proprietários de terra, entre outros (2018: 43).

O Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS) e o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS), que gerenciam políticas e programas de promoção ao acesso à habitação, saneamento básico, infraestrutura e equipamentos urbanos para a população, após forte pressão de movimentos populares, em luta desde 1991.

A partir de 2009, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), desenvolvido por uma parceria entre o Governo Federal e 13 empresas do setor da construção produziu moradias para a população com rendimentos entre 0 e 10 salários mínimos. A intensa produção imobiliária a partir dos anos 2000 tem motivado a especulação fundiária que reflete motivando um modelo de urbanização segregada e fragmentada, particularizada no espaço urbano de Serra pela organização de seu espaço de maneira dispersa e cerca de 71% de sua área total constitui alguma categoria de vazio urbano. Decorrentes da construção de loteamentos e conjuntos habitacionais dispersos pelo território do município, os vazios urbanos desencadeiam problemas e conflitos relacionados ao alargamento das distâncias entre as áreas ocupadas e a valorização desses vazios urbanos para especulação imobiliária e fundiária (FERREIRA, 2018, p. 47).

Como consequência da formação do espaço urbano orientada por interesses rentistas, a cidade é subordinada ao valor de troca, com tendência a intensificação do processo de segregação e formação de periferias, destino principal de ocupação das classes populares excluídas pelos padrões econômicos e sociais da organização do espaço físico, a medida que o acesso à cidade seletivo se restringe àqueles que possuem condição financeira para pagar por ela (DUARTE M., 2008, p. 22).

Segundo informações da secretaria de cultura, a cidade dispõe de um número reduzido de aparelhos de cultura e lazer municipais considerando o seu tamanho populacional, são eles a Estação Cidadania Vila Nova de Colares, Estação Esporte de Porto Canoa, Arena Jacaraípe e o Museu da História da Serra, localizado em Serra Sede. Há também a iniciativa privada do Centro Cultural Elizário Rangel, no bairro São Diogo, que desenvolve ações culturais abertas ao público, como exposições artísticas, peças teatrais e apresentações musicais. Outro espaço cultural particular é o Ponto de Memória, da Associação das Bandas de Congo da Serra, no Bairro São Domingos, próximo a Serra Sede.

No último censo demográfico realizado pelo IBGE, o município da Serra contava com 409.267 habitantes e a estimativa de habitantes em 2021 pelo IBGE era de 536.765 pessoas. A densidade demográfica registrada corresponde a 741,85 hab/km² no território do município (IBGE, 2010), dividida em cinco distritos (Sede, Calogi, Queimado, Carapina e Nova Almeida), 27 comunidades e 124 bairros, cuja área total se estende por 553,5 km² (IBGE, 2010) e tem como limites o município de Fundão, ao norte; Vitória e Cariacica, ao sul; o Oceano Atlântico, a leste e o município de Santa Leopoldina, a oeste.

3.3. Territorialidade brasileira e acumulação capitalista

O processo de formação espacial que produziu a metrópole corporativa e fragmentada no Brasil (SANTOS, 2007) manifesta o assentamento das bases econômicas de uma nova configuração sociometabólica da forma social produtiva, que alterou a geografia mundial segundo a divisão do trabalho em escala internacional com a mundialização da lógica de acumulação e distribuição no espaço a partir da adoção de um modelo técnico que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos (a especialização regional das atividades, as reestruturações produtivas, o capitalismo agrícola, a creditização do território e a destruição de condições de vida enraizadas refletem a expansão do Capital sobre o meio ambiente por meio do uso da ciência e da técnica).

Conforme observa o geógrafo e cientista social brasileiro Milton Santos, cuja contribuição epistemológica denominada por ele Geografia Nova elabora as transformações produzidas pela globalização nos países do Sul planetário com foco na América Latina e no Brasil e suas implicações para a questão da participação política e cidadania dos povos, tornar-se um ser no mundo envolve relacionar-se com a herança social e a condição globalizada que unificou a natureza em escala universal, segundo ordenamentos econômicos de investimento, circulação e distribuição sobre os espaços de vida, em benefício das corporações, estados e classes hegemônicas.

A problemática da base territorial humana corresponde à história da presença das pessoas sobre a terra, marcada por processos de ruptura com o entorno à medida que a natureza é artificializada e culturalizada por uma racionalidade instrumentalizadora legitimada pela ideologia que se apresenta na cultura, como ponto culminante da circulação de mercadorias nas sociedades informacionais, em que os fluxos de informação hierarquizam fluxos de matéria. A natureza tecnicizada passa então a representar uma unidade abstrata que demanda mediações para a relação com o espaço, seja próximo ou distante, local ou global, no exercício da vida social sobre bases multiescalares (SAQUET, 2007, p. 158).

Como resultado da planificação urbana capitalista combinada ao processo de especulação sobre os territórios paralelamente ao desenvolvimento das forças produtivas e a expansão da fragmentação do trabalho, a dialética da vida social se manifesta na diversidade de “situações espaciais de classe” (SANTOS, 2007, p. 108), nas quais cada lugar corresponde a um ponto de encontro de lógicas em diferentes escalas correspondentes à relação entre fração

do espaço e fração da sociedade, segundo a concentração da riqueza e a distribuição social da pobreza ligadas a diferenças de mobilidade social e geográficas. Nas palavras do autor:

No fundo, com efeito, não há senão uma única situação para cada homem, a saber, a sua situação social, em fusão com a situação geográfica, resultante de heranças e inovações, fusão irreversível porque combinação química em que o conjunto das variáveis que caracterizam a sociedade global incide sobre o indivíduo concreto num lugar determinado (SANTOS, 2007, p. 113).

O território social brasileiro é engendrado em meio a movimentos contemporâneos e concomitantes de desruralização, urbanização galopante e migrações desenraizadoras, cuja especificidade do entrelaçamento destes processos não foi observada em nenhum outro país do mundo. Uma vez que o Estado é também determinado pela regência econômica do Capital para manutenção produtiva e das formas de produção da sociedade fabricada pelo processo revolucionário da Revolução Francesa, o ingresso na superestrutura formal da democracia liberal é atenuado pela representação do ser político como produtor e consumidor, de modo que as diferenças de mobilidade e acessos aos mercados entre os indivíduos modificam seu lugar social enquanto produtor, consumidor e cidadão (SANTOS, 2007, p. 113).

Em razão da fragilidade dos instrumentos para exercer pressão sobre o ordenamento produtivo, no qual os organismos do Estado e as autoridades públicas não oferecem soluções para as tensões entre as forças socioeconômicas daqueles que vendem força de trabalho e os proprietários dos meios de produção que se beneficiam da mais-valia gerada coletivamente por aqueles que a realizam sem desfrutar seus benefícios, as migrações humanas são impulsionadas pelas desigualdade social e a seletividade espacial para as quais o arsenal institucional representa um frágil potencial de criação das condições de superação do regime democrático burguês para a construção de uma democracia social, em que o valor do gênero humano suplante o atual egoísmo econômico e a produção alienada dê lugar a uma produção social que satisfaça as necessidades humanas (LUKÁCS, 2008, p. 140).

Conforme as fases dos ciclos sistêmicos de acumulação (material e financeira), o espaço urbano representa o meio, local e expressão de dinâmicas político-econômicas multiescalares (estratégias de acumulação de capital, regulação estatal, alianças territoriais e luta sociopolítica). Considerando a tendência ilimitada e incomensurável do capital de ultrapassar o seu próprio limite, verifica-se a exploração ilimitada, até ao esgotamento, das “duas fontes das quais brota toda riqueza, a terra e o operário” (MARX, p. 156, APUD CHESNAIS, 2020, p. 66).

Com base na teoria social marxista, David Harvey destaca a existência de uma permanente tentativa do capital em anular o espaço pelo tempo, de modo a ampliar a acumulação capitalista e garantir o enfrentamento de suas crises. A sobrevivência do capital e sua dinâmica de acumulação depende da circulação, que orienta a atuação sobre os territórios com objetivo de criar as condições necessárias para sua reprodução. Assim, a valorização do capital se realiza na espacialidade de maneira a promover sua fetichização (1992, p. 234).

Inspirado nos argumentos de Henri Lefebvre sobre a produção social do espaço como característica essencial e condição para a expansão global do capitalismo como sistema social histórico, o geógrafo político David Harvey sinaliza a tendência da terra em ser conformada em ativo financeiro e a emergência de uma produção geográfica própria do capitalismo financeirizado, o neoliberalismo como modalidade de governança urbana.

Em conjunto com a integração geoeconômica acelerada, o regime de acumulação flexível conduziu a novas dinâmicas e padrões de crescimento urbano como comparados aos processos constituídos pela fase de industrialização, tais como os processos de retração estatal e a proliferação de crises industriais e respostas regulamentares regionalmente e localmente específicas (BRENNER, 2020, p. 272). Desta forma, o circuito financeiro-imobiliário, devido a sua capacidade de absorver os excedentes do capital sobreacumulado em financiamentos especulativos e fictícios, cumpre a função de “deslocar temporalmente” as crises capitalistas através de ciclos de urbanização (YASSU, 2020, p. 519).

Os estudos de Marx sobre a dimensão espacial tomam como referência o processo de acumulação e as decorrentes transformações sócio-produtivas que produziram fortes impactos territoriais no século XX. De acordo com Tatiana Dahmer Pereira (2010), a reflexão sobre o território produzido sócio-historicamente proposta por Harvey, em sua teoria das relações espaciais e do desenvolvimento social nas dinâmicas de acumulação capitalista, contribui para compreensão das intervenções dos sujeitos políticos sobre o espaço na perspectiva das transformações sociais e reivindicação dos direitos de cidadania.

Tendo como objetivo “contribuir para intervenções dos sujeitos políticos que o conformam na perspectiva da transformação social e da garantia de direitos” (PEREIRA, 2010), a professora do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Regional (PPGSSDR) da Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ, Brasil) problematiza a relação entre a conformação do território, as transformações das funções do Estado e sua conexão com os direitos de cidadania no modo de produção capitalista em sua tese de doutorado intitulada

“Política Nacional de Assistência Social e Território – um estudo à luz de David Harvey”, defendida no Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ).

Em diálogo com a noção de cidadania proposta por Coutinho (2000) como “a capacidade conquistada por alguns indivíduos, ou (no caso de uma democracia efetiva) por todos os indivíduos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto, historicamente determinado” (COUTINHO, 2000, p. 50 Apud. PEREIRA, 2010, nota de rodapé, p. 89), Tatiana Dahmer Pereira salienta a necessidade de compreender os sentidos em disputa na conformação dos territórios, das tecnologias de produção, infraestruturas físicas e sociais, consumo, demanda e oferta de mão de obra, entre outro pontos que o autor abarca em seu conceito de “coerência estruturada” como componente da dimensão geográfica e sua conexão com os direitos de cidadania e a luta sociopolítica.

No campo da representação espacial, a territorialização midiática é um elemento ideológico essencial para os processos de reprodução e transformação social (HARVEY, 1992, p. 201), a partir dos sentidos atribuídos à organização das formas temporais e estruturas espaciais. David Harvey investiga a produção desigual do espaço capitalista e a consequente conformação de territorializações que impedem um ajuste por parte dos trabalhadores inseridos nesse processo de acumulação sobre bases desiguais, produzindo uma fragilidade das condições para a construção de outras racionalidades por esses sujeitos históricos (PEREIRA, 2010, p.84). De acordo com Harvey (2005), a formação monopólica é central para a compreensão dos problemas que surgem dos nexos entre globalização capitalista, estruturas político-econômicas locais e evolução dos mapas culturais e estéticos.

Harvey (2005) aponta que todo rendimento provém do poder monopólico de propriedades privadas de certas áreas do planeta, disso resulta a contradição da dinâmica capitalista e neoliberal estruturada em torno da competição e liberalização dos mercados que levam à eliminação das empresas mais fracas, formação de oligopólios e monopólios e centralização do capital. Segundo ele, “o poder monopólico da propriedade privada é tanto ponto de partida como de chegada de toda atividade capitalista” (HARVEY, 2005, p. 141). Neste aspecto, a mudança das condições de transporte e comunicação reduziram significativamente os poderes monopólicos de empresas locais e reestruturou os fluxos de capital centralizando em mega empresas e corporações mundiais.

Com o avanço deste modelo econômico na atual fase de globalização, a cultura e as tradições locais são também absorvidas como meio de tentar recuperar rendimentos monopólicos (HARVEY, 2005, p. 153). Com objetivo de extração de rendimentos monopólios são empregados investimentos públicos e privados em infraestruturas físicas e sociais para que os rendimentos monopólios sejam arrecadados tanto pelo poder público quanto por interesses privados. A nível local, os processos de competição interregionais e interurbanos podem reestruturar as configurações geograficamente articuladas das atividades e relações capitalistas em escala local/global (HARVEY, 2005, p. 155).

Intervenções a partir da cultura, da estética e dos significados constituem meios de afirmação discursiva das marcas distintivas de autenticidade, particularidade e originalidade apropriadas para extrair excedentes sob a forma rendimentos monopólios dentro da lógica de acumulação do capital, de maneira que a cultura e os discursos são elementos fundamentais da luta de classes para permitir avanços socioculturais alternativos à globalização capitalista (HARVEY, 2005, p. 165-166). Segundo Harvey:

É aqui que as contradições enfrentadas por capitalistas em sua busca pelo rendimento monopólico assumem certo significado estrutural. Ao negociar com valores de autenticidade, localidade, história, cultura, memória coletiva e tradição, abrem espaço para o pensamento e ação políticos dentro dos quais alternativas socialistas podem ser tanto imaginadas como buscadas (HARVEY, 2005, p. 170).

Assim, a cultura se revela um espaço explorado tanto pelo capital como por movimentos oposicionistas que visam a construção de uma alternativa socialista à globalização.

Embora a territorialização do capital nos meios de produção da comunicação não ocorra de maneira homogênea, Janaína Barros (2020) aponta uma matriz cultural administrativa predominante na constituição de poder de conglomerados regionais e seus grupos: “trata-se de um modelo de gestão que objetiva dinamizar os fluxos comunicativos internos, apressar soluções tecnológicas e ter altos níveis de consenso em processos decisórios cada vez mais descentralizados” (BARROS, 2020, p. 274).

Ao se ramificarem em diferentes regiões por meio de suas filiais e expandirem do perímetro de sua atuação, os conglomerados midiáticos criam redes econômicas e políticas de produção e distribuição para manter a sustentabilidade dos empreendimentos, processo que envolve também a sustentação do poder decisório destas corporações e o reforço seu peso ideológico territorial. As filiais padronizam a produção a partir de modelos preestabelecidos pela sede das corporações que sustentam buscam otimizar seus processos produtivos e sua

rentabilidade segundo interesses particulares da corporação apresentados localmente como interesses universais” (BARROS, 2020, p. 275).

As condições de produção do *Jornal Tempo Novo* na Serra acompanharam as reestruturações do capital e seu processo de territorialização ao longo das últimas décadas do século XX e início do século XXI. Tais transformações são explicitadas nas estratégias adotadas para permanecer no mercado competitivo mediado por plataformas informacionais, entre elas a utilização de novos formatos como o podcast, a interrupção do jornal impresso e a migração para o portal online, mas também nas relações de trabalho no regime de acumulação do capitalismo financeiro.

No Espírito Santo, o sistema de comunicação se constitui dos conglomerados tradicionais de mídia, por novos empreendimentos de comunicação cujo surgimento se intensifica com a expansão da internet e áreas de desertos de notícia ou quase desertas. Deste modo, os jornais locais cumprem um papel importante de disseminação de informações fora da região central da capital e no interior do estado.

4. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO JORNAL TEMPO NOVO

A análise do material coletado nas entrevistas foi orientada conforme o objetivo de desenvolver uma compreensão das condições de produção no trabalho dos jornalistas de um veículo de comunicação independente às corporações de mídia sediado no município de Serra, Espírito Santo. Os objetivos específicos da análise do *Jornal Tempo Novo* consistem na investigação dos efeitos do contexto das transformações no jornalismo em Arranjos Alternativos de Trabalho (FIGARO, NONATO, KINOSHITA, 2017; FIGARO, 2018a; FIGARO, 2018b; FIGARO, NONATO, 2021), a sustentabilidade dessa iniciativa; discussão do *ethos* enunciado pelo veículo de comunicação e compreensão do impacto territorial mobilizado por sua práxis jornalística. Para isso, foi necessário categorizar as temáticas abordadas nas entrevistas em função dos objetivos de análise e cruzar as informações apresentadas pelos jornalistas ouvidos na investigação.

O grupo analisado é representativo na produção noticiosa no município da Serra onde a redação passou por diversas mudanças articuladas à reestruturação produtiva do mundo do trabalho. O objeto de estudo é o *Jornal Tempo Novo*, a partir do qual propusemos as seguintes hipóteses de pesquisa:

1) Os processos produtivos e as narrativas do Tempo Novo evocam tensões territoriais e identitárias referentes ao espaço de vida da cidade e aos territórios mutáveis da práxis jornalística;

2) Em decorrência das contradições presentes no mundo do trabalho associadas à crise pela qual atravessa o jornalismo como profissão, as relações de comunicação e trabalho nessa iniciativa são marcadas por dificuldades para garantir a sustentabilidade do trabalho de seus profissionais;

3) A migração do formato impresso para o formato online está associada à redução dos custos de operação, além de mudanças no comportamento de consumo de notícias do público trazidas pelas novas tecnologias de telecomunicação e transmissão informação;

4) O trabalho jornalístico realizado pelos profissionais deste veículo de jornalismo independente contribui para a ampliação de perspectivas e assuntos com visibilidade local, com potencial de favorecer a democratização da informação em um ambiente midiático baseado em oligopólios informacionais e desertos informativos em áreas periféricas aos polos de concentração capitalista;

5) Apesar da independência aos grandes grupos de comunicação, a orientação jornalística do Tempo Novo pode não ser alternativa à mídia hegemônica em todos os períodos de sua trajetória, na perspectiva da proposta histórica da imprensa alternativa no Brasil que segue uma linha editorial contra-hegemônica (PERUZZO, 2009, p. 139).

A primeira edição do jornal foi produzida em uma pequena sala, alugada na Avenida Central do bairro Laranjeiras e equipada com uma máquina de escrever e uma prancheta de desenho. Além de artesanal, o fundador do veículo descreve esta primeira experiência como um trabalho movido pelo idealismo, no “empirismo e na casualidade” (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

Eu tive uma passagem como office boy na Tribuna entre os anos de 1982 e 1983 e também uma experiência pelo extinto jornal da cidade na área de revisor de texto. Daí eu peguei gosto pelo jornalismo e brotou dentro de mim um desejo de prosseguir, pegar e fazer. Nós estávamos vivendo um novo período político no Brasil, saindo de um processo em que predominava a ditadura, porque naquela época o governador não era eleito pela população, era indicado pelo presidente da república e ali em 1982 acontecem as primeiras eleições gerais depois do golpe. E aí veio uma revolução de novos personagens na política, deputados federais, estaduais, no Espírito Santo Gerson Camata foi eleito governador. Então a gente vivia em uma nova era na política e eu me inspirei nisso para colocar o nome de Jornal Tempo Novo (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

O projeto começou a ser elaborado ainda em abril de 1983 e produzido sem patrocínio, nem anunciantes, por Eci Scardini, Celso Barcellos, José Fernandes, Maria da Penha de Souza, Ronaldo Oskes de Oliveira e Manuel Sebastião Barbosa. Poucas horas antes da virada do ano de 1983 para 1984, foram impressos 500 exemplares de oito páginas da primeira edição do *Jornal Tempo Novo*, transportados por Eci Scardini e Maurício Antônio Gomes em uma moto Honda CG 125 cilindradas e distribuídos entre a multidão que participava da festa de Iemanjá, que acontecia no bairro de Jacaraípe, conforme narra o editorial “Chegamos à maioria”, na edição 427, de 29 de dezembro de 2001.

FIGURA 2 - Jornal Tempo Novo (2002), Edição 427, Página 2

Mestre Álvaro



FOLCLORE - Bastante cortês, o senador Paulo Hartung se dirige ao vice-prefeito Sargento Valter, chamando-o de "coronel". Dia 26, durante o tradicional almoço na casa do ex-vereador José Cajuzo de Moraes, na Serra-sede, o vereador Aloísio Santana não se conteve e disparou: "poxa, Valter, você ficou com Vidigal quase cinco anos e não saiu de sargento. Foi só mudar para Paulo Hartung e já foi promovido a coronel". Foi uma gargalhada só.

Chegam à maioridade

A audiência distingue você do rebanho. A coragem lhe dá presença e o faz parecer maior!

Na noite de 31 de dezembro, no exato momento em que estiver virando o ano de 2001 para 2002, o Tempo Novo estará completando sua maioridade, estará fazendo 18 anos, portanto entrando no seu 19º ano de existência.

Foi na virada do ano de 1983 para 1984 que o jornal circulava pela primeira vez. Enquanto os fogos estouravam na praia de Jacarapé, com mais um show de pirotecnia, com as pessoas trajando branco, se confraternizando, estourando champagne, louvando lemanjá, com os terrores de umbanda espalhados ao longo da praia, num clima de muita alegria, reflexivo, sentimentalismo, desejando uns aos outros votos de muitos sucessos, uma moto Honda CG, de 125 cilindradas, parava em meio a toda aquela multidão. Dela desceram Eci Scardini e o amigo Maurício Antônio Gomes e começaram a distribuir os 500 exemplares que haviam sido impressos poucas horas antes, na Gráfica Ita.

Os exemplares começaram a ser distribuídos e houve um interesse muito grande por parte das pessoas de ter um exemplar em suas mãos. Assim circulava pela primeira vez o jornal Tempo Novo.

Tão importante quanto chegar à maioridade é a maneira como isso acontece. O Tempo Novo é uma empresa em franco crescimento, com uma tiragem de praticamente seis mil exem-

plares por semana, toda paga, com sede própria e sócia do terceiro maior parque gráfico jornalístico do Estado, perdendo apenas para A Gazeta e A Tribuna. Faz um jornalismo isento, imparcial e apertado, procurando cobrir todos os setores e segmentos do município, empenhando-se em levar para os seus leitores o que melhor está ao seu alcance oferecer.

Da mesma maneira que enfatiza ações positivas do Executivo, tece também críticas a algo que não esteja em sintonia com a opinião pública. Essa independência impõe respeito e dá credibilidade ao jornal, sendo essa é principal ferramenta que um veículo de comunicação precisa para permanecer no mercado e crescer.

Tão importante quanto chegar à maioridade, e dessa forma, são as manifestações de carinho das pessoas para com o jornal, que eles viram nascer, crescer, persistir e vencer. Centenas dessas pessoas têm o Tempo Novo como algo enfiado dentro de si, ficam tão eufóricos com essas evoluções quanto os integrantes da equipe. Essas e outras manifestações de incentivo, recebidas no dia-a-dia, são os combustíveis responsáveis pelo desempenho que vem sendo alcançado.

Diante de todas as conquistas verificadas até aqui, temos uma palavra para expressar a confiança depositada e o incentivo dispensado por todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram com a gente nesses 18 anos: muito obrigado.



Palanque

Demais também faz mal

Dá para contar nos dedos os vereadores que gostaram do discurso que Sérgio Peixoto fez, em nome dos demais, na sessão solene de quarta-feira. Ele elogiou Sérgio Vidigal, chegando quase à bajulação, o que não é bom para uma Câmara que vem buscando se valorizar e fazer prevalecer suas prerrogativas. O próprio prefeito deve ter se sentido constrangido.

Bode espiatório

Quinta-feira, na Câmara, Sérgio Peixoto dava sua explicação para o discurso. "A todo o momento em que eu olhava para a plateia, via a Sandra Gomes olhando para mim e rindo. Ai eu resolvi falar que o prefeito Sérgio Vidigal não teve adversário na eleição do ano passado".

Prevenção

Por precaução e evitando que novos discursos durante sessões solenes venham a jogar o Legislativo no colo do Executivo, sem a

anuência dos demais parlamentares, um grupo de vereadores propôs que a escolha de quem fará o referendo discurso, bem como quem falará em nome dos agraciados com o título de Cidadão Serrano passe pelo crivo da Câmara.

Visual novo

Quem surpreendeu a todos com o seu visual foi o vereador Aloísio Santana (PSL). Depois de anos a fio com bigode, ele apareceu para a sessão solene sem o tradicional "espandador". Rejuvenesceu bastante.

Até São Benedito tremeu

Um observador atento aos festejos do dia 26, durante a puxada do navio, não aguentou de tanto rir com uma cena inusitada: o prefeito Vidigal agarrado à corda puxando o navio. Viu também o deputado federal e candidato ao Governo do Estado, Max Mauro, também agarrado à corda, próximo ao prefeito. Para seu deleite, viu Márcia Lamas se aproximar do grupo, onde estava ainda o prefeito de Vila Velha, Max Filho, e trocar abraço e olhares com Vidigal. Notou que eles, rapidamente, se lembraram que eram desafetos e afastaram-se um do outro. Depois de tudo isso, a roda do navio Palermo quebrou. Para se ver que nem São Benedito opera todos os milagres...

O observador notou também que não foi só nesse grupo que houve constrangimento e cenas pitorescas para o mundo político. Hartung, Casagrande, Sargento Valter, Odmar e cia. limitada estavam na casa do senhor Mário, na proximidade da matriz. Sandra Gomes avistou-os e não se fez de rogada. Com o seu jeitinho, enfiou-se no meio dos socialistas e ficou no bate-papo. Mas avistou o seu marido, Gilson Gomes, correu e o trouxe para o meio do grupo. Odmar pulou fora, Casagrande e Valter não tiveram tempo e, cortesemente, abraçaram o deputado, bem como Paulo Hartung. Até que chegou o vereador Gildo Gomes e tirou suas "cascuinhas", lembrando que há pouco mais de um ano Hartung e Vidigal eram só juras de amor.

Em tempo

Ao encerramento da sessão de outorga dos títulos de Cidadão Serrano, Márcia Lamas recusou a mão que Sueli Vidigal lhe estendeu em cumprimento.

Na mosca

A sessão solene deste ano aconteceu de uma maneira tranquila, sem as costumeiras gafes. Odmar Nascimento, profundo conhecedor da política e bom de microfone, deu conta do recado. O único inconveniente foi o deslocamento da igreja Assembléia de Deus para a Escola Balão Azul, onde aconteceu o coquetel, fato com o qual o presidente Miguel Arino quer acabar, com a construção de um prédio novo para a Câmara, até o final de 2002.

Pra valer

O racha entre os médicos Adão Célia e Carlos Mannato é mais sério do que se pensa. Adão

Célia é sócio e fundador do Hospital Metropolitano, do qual já foi diretor-presidente, sucedido por Mannato, que também é sócio fundador e já ocupou o posto de presidente. Hoje Adão é o principal executivo do Vitória Apart Hospital e Mannato secretário municipal de Serviços e pré-candidato a deputado federal pelo PDT. Os desencontros vêm da sucessão no Metropolitano.

Peixe fora d'água

O secretário de Serviços, Carlos Mannato passou pela casa de Cajuzo, na tarde do dia 26. Apesar da sua desenvoltura habitual, ali ele mostrava-se meio sem jeito, pois lá estava o seu desafeto, Adão Célia, rodeado de amigos da "velha guarda".

Neocapitalista

E por falar nos ex-comunistas que atuaram na política da Serra na gestão de Motta, ressalte-se que todos hoje gozam de boa saúde financeira. Bezerra é sócio de uma clínica em Jacarapé e dono de casa e carro que milhões de brasileiros gostariam de ter. O "Carlinhos Bigode", é dono de um spa. Fernando Herkenhof é médico e professor da Ufes, com um salário de causar inveja. Por fim, Adão Célia, sócio do Hospital Metropolitano e diretor-presidente do Apart Hospital e Shopping Barra Sol, em construção, em Vila Velha. São típicos exemplos de cidadãos que se adaptaram depressa às circunstâncias, ou aos ventos trazidos pelos novos tempos liberalizantes...

TEMPO NOVO

Jornal e Editora Ltda

Superintendente Geral
Eci Scardini

Endereço Provisório à
Avenida Civit, 587 Parque
Residencial Laranjeiras -
Serra - Espírito Santo
CEP 29165-824

Telefax/Departamento
Comercial: 3328-4264

E-mail:
jornaltempoново@ig.com.br

Registro Nº 32.360.516.597
na Junta Comercial do Estado
do Espírito Santo, em 24 de
setembro de 1991

CNPJ: 36.358.323/0001-07

Inscrição Estadual: Isento

Insc. Municipal: 08.896-0

Jornal TEMPO NOVO

Diretor Responsável
Eci Scardini

Editor-Chefe
Antonio Carlos Lacerda

Revisão de Textos
Aloísio Vieira de Carvalho

Assinatura
R\$ 15,00, por 50 edições

Exemplares avulsos
R\$ 4,00

Os artigos assinados são da responsabilidade única e exclusiva de seus autores, devidamente nominados no próprio texto, pois podem não representar a opinião do Tempo Novo a respeito do tema abordado.

As pessoas que desejarem ver publicadas suas cartas na Coluna do Leitor devem enviar, junto ao material, xerox da Carteira de Identidade e CNPJ. As cartas a serem publicadas serão de livre escolha do próprio jornal, que não se obriga a devolver as que não forem publicadas.

Endereço - Avenida Civit,
587 Parque Residencial
Laranjeiras - Serra - ES
Telefax: 33284264

Desde então, o veículo tem acompanhado e participado das transformações no município de Serra. A fundação do jornal coincidiu com o processo de industrialização tardia e formação da Região Metropolitana da Grande Vitória, em função da remodelação da estrutura produtiva em curso no estado.

O atual editor do Tempo Novo Yuri Scardini acredita que a iniciativa de seu pai de fundar o Tempo Novo foi impelida por um momento nacional de efervescência política e necessidade de um jornal focado na realidade da Serra.

Ele entendeu naquele momento que a Serra não tinha e precisava ter um veículo de comunicação. Então o Tempo Novo foi criado nesse vácuo, nessa lacuna e do sentimento dele, do dom, do coração mesmo, ele viu uma coisa que fazia o coração dele bater mais forte e criou o *Jornal Tempo Novo* (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Eci Scardini relata que com algum esforço o jornal continuou a ser produzido mensalmente por meio de recursos captados de anunciantes.

O prefeito na época demorou muito para entender e participar de forma publicitária do jornal, mas nós fomos fazendo e, com algum custo, um tempo depois o poder público, as pessoas, começaram a ver que de fato nossa intenção não era política, nada além de fazer um jornal, levar informação para essa cidade” (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

Nos anos seguintes as publicações ganham periodicidade, inicialmente em frequência quinzenal e em meados dos anos de 1990 começam a circular semanalmente. Houveram tentativas de captação de assinantes para ajudar a custear o jornal, mas não vigoraram, de modo que a venda de espaço publicitário se consolidou como a principal fonte de financiamento. Eci Scardini ressalta o desafio enfrentado pela equipe para captação de recursos via anunciantes em um mercado competitivo:

A Serra tinha um parque industrial que não investia em publicidade, era fábrica de cimento, siderurgia, instrumental mecânico, indústria de mármore e granito, empresas de logística. Quem investia em publicidade estava em Vitória, as construtoras, concessionárias de veículos, supermercados e outros. Então tínhamos que lidar com o fato da Serra ser um município dormitório de Vitória e não termos acesso a esses investidores. Além disso, nós tínhamos um jornal mensal e depois quinzenal disputando com jornais diários, A Tribuna e A Gazeta, com tiragens e raio de atuação muito superiores. Como não conseguíamos atrair grandes anunciantes para o Tempo Novo, sobrava o pequeno comerciante local, que quer um espaço grande pagando pouco. Eu ficava em um dilema se pego muito anúncio para fazer um volume maior de dinheiro e comprometo o espaço jornalístico (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

O *Jornal Tempo Novo* circulou em formato impresso por 34 anos no município da Serra, sendo encerrado no ano de 2020, durante o período da pandemia de Covid-19, momento em que o veículo se encontrava em um estado falimentar, segundo o relato do atual editor Yuri Scardini, por isso descontinuar o impresso se mostrou uma forma de redução do custo operacional. A decisão de Yuri Scardini, que assumiu a gestão do Tempo Novo no ano de

implementação do portal online, ainda na fase de projeto piloto em 2012, foi direcionar o foco para viabilizar um jornal somente digital e buscar a monetização do trabalho por meio de anúncios online.

O portal online do *Jornal Tempo Novo* alcançou o número de 30 milhões de acessos no ano de 2022, segundo informa a notícia “Tempo Novo completa 39 anos de fundação batendo 30 milhões de acessos em 12 meses⁴” (TEMPO NOVO, 2023). De acordo com o texto, a audiência do portal online cresceu 1.873% entre 2020, ano de encerramento do impresso, e 2023, ano do 40º aniversário da iniciativa.

4.1. Como se organizam

A atual equipe a frente da redação do Tempo Novo é coordenada por Yuri Scardini, Ana Paula Bonelli e Gabriel Almeida. Além deles, um estagiário e outros quatro jornalistas contribuem na produção. A presente investigação ouviu o primeiro editor do veículo, Eci Scardini, os atuais responsáveis pelo jornal e o ex-editor Bruno Lyra Poltronieri, que trabalhou nessa função entre os anos de 2013 e 2020 e atualmente contribui como freelancer.

Yuri Scardini, 30 anos, relata que escreve artigos sobre atores históricos do município para a editoria Histórias da Serra, com uma página própria no Instagram, além disso, conduz um projeto de produção de um livro sobre os personagens que marcaram a história da cidade. Ele também produz podcasts com personalidades envolvidas em assuntos de interesse dos moradores da Serra. Cuida com mais uma jornalista da equipe da produção de notícias sobre política. As notícias de polícia e “gerais” são assumidas conforme chegam as informações e a equipe se divide para fazer a cobertura das pautas jornalísticas.

Então, na redação, posso dizer que exerço a função de editor, mas as coisas estão mudando muito, então aquela divisão que havia antes de repórter, copydesk, redator, editor, essas coisas, hoje a gente entende que o profissional precisa ser multifunção. Então a correção cada um faz do texto do outro aqui. Editor, cada um sabe os limites, a linha de abordagem do Tempo Novo, então são poucas as vezes em que eu preciso fazer uma intervenção de nível editorial (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Ana Paula Bonelli, 41 anos, escreve notícias sobre programações culturais e de lazer no município para a editoria Divirta-se na Serra, que conta também com uma página própria no

⁴ Disponível em: <https://www.portaltemonovo.com.br/tempo-novo-completa-39-anos-de-fundacao-batendo-30-milhoes-de-acessos-em-12-meses/>

Instagram, ela colabora com os textos de polícia e “gerais”, além de assuntos nacionais para a editoria “Brasil”, criada recentemente.

Gabriel Almeida, 23 anos, trabalha produzindo notícias para a editoria Empregos, com página própria no Instagram e grupo no Whatsapp de transmissão. Ele também escreve para as editorias de polícia, “gerais” e Brasil.

Bruno Lyra Poltronieri, 44 anos, foi co-criador da editoria de meio-ambiente do extinto jornal impresso e editor do veículo até o ano de 2020, quando deixou a posição e passou a colaborar como jornalista freelancer produzindo notícias sobre questões ambientais relacionadas ao município.

O espaço físico da redação é operado de segunda a sexta, no horário de 9h às 17h, mas os jornalistas relatam que o trabalho é constante, mesmo fora do expediente.

Como o Tempo Novo está em todos os lugares basta a pessoa ter acesso a internet, então ele funciona continuamente também. Nós temos aqui uma redação muito engajada, a gente trata tudo no Whatsapp, então no final de semana tem sempre uma pessoa fazendo plantão e quando acontece alguma coisa à noite, por exemplo, que não dá para esperar, conversamos no Whastapp e quem está mais fácil de fazer a pauta assume a função. Então ele funciona o tempo todo, a empresa forneceu celulares, linhas telefônicas, pacotes de dados e nós trabalhamos continuamente (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

A atuação nas redes que o Jornal Tempo Novo está inserido é feita por toda a equipe. São mais de trinta grupos no WhatsApp para irradiar links de notícias, um perfil no Facebook, uma página principal no Instagram com mais de 60 mil seguidores e outras quatro contas (Serra Empregos, Histórias da Serra, Serra Podcast e Divirta-se na Serra). Assim, observamos que o trabalho é produzido por uma equipe pequena com vários profissionais multifunção que precisam se adaptar às demandas de polivalência e agilidade do mercado de trabalho.

4.2. Efeitos das reestruturações produtivas no mundo do trabalho

Os jornalistas do *Tempo Novo* descreveram impactos causados pelas transformações no mundo do trabalho acionadas pela dinâmica de reestruturação produtiva operada no estágio capitalista do regime de acumulação flexível (HARVEY, 1992) e expressa na integração das tecnologias digitais desde a produção, a relação com as fontes, até a distribuição do material jornalístico; nas formas de organização do trabalho; no teletrabalho, nas competências exigidas dos profissionais; no ambiente hiperconcorrencial de mídia e na relação com os públicos.

Além das novas formas de estruturação do trabalho as ferramentas digitais também contribuíram para maior agilidade nos procedimentos de apuração, registro fotográfico, contato com fontes e possibilidades de transmissão de informação.

Hoje você consegue fazer um bom jornalismo saindo pouco da redação, antes tinha que sair, ir até o lugar apurar, fotografar, exigia todo um trabalho, mobilidade, porque hoje chega informação, denúncia, reclamação e já vem mais fotos, você pega aquilo e retorna para pessoa que encaminhou, conversa, pormenoriza, quando necessário aborda outras pessoas no entorno e depois demanda os órgãos públicos ou o que tem que ser demandado para ouvir a outra parte. Então essa produção ficou mais fácil e mais rápida de ser feita. Então aquilo que você tinha que fazer um trabalhão no passado você faz fácil (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

As novas competências para execução dos procedimentos de trabalho jornalístico mediado pelas redes digitais demandaram a adequação dos profissionais que compunham a redação do *Tempo Novo*, o que gerou uma dificuldade de adaptação ao conjunto de habilidades exigidas pela necessidade de reformulação das práticas, com isso a maior parte da equipe que compunha a redação do extinto jornal impresso foi desfeita.

Nos últimos dez anos quando criamos o primeiro projeto piloto em 2012 e em 2014, quando lançamos um modelo mais sofisticado que suportava mais audiência, a gente tinha muito problema de queda no site, havia muito conflito na redação porque o jornal impresso começou a conflitar muito com o site, a gente tinha três vezes mais jornalistas aqui, era uma redação de quinze pessoas, alguns se adaptaram melhor ao site outros não conseguiram fazer essa transição. Metade da redação em um intervalo de cinco anos teve que ser substituída porque não se adaptaram a velocidade do online, não se adaptaram à modalidade, à apuração, não tinham domínio das ferramentas, não sabiam publicar, mexer em um painel administrativo do site, porque antes tinha-se um procedimento, você enviava para o editor, o editor finalizava e mandava para o diagramador, o jornal impresso o profissional passou a ter que ser completo, precisou tomar conta de fotografia, de texto, de revisão, você mesmo posta sua matéria. Então muitos jornalistas não se adaptaram e a gente substituiu metade da nossa redação nos primeiros cinco anos de site. A gente passou por muitas dificuldades em 2016, naquele ano de crise, eu me recordo que foi o ano do impeachment, então é uma coisa que fica registrada. Ali o jornal quase fechou as portas porque realmente o mercado não estava favorável. Eu entendo que o mercado estava em transição no Espírito Santo porque o jornal impresso já estava ficando antiquado, mas a gente não tinha evoluído a expertise interna para saber como capitalizar com o online, ainda não conseguia entender como capitalizar isso (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

As redes sociais se tornaram ferramentas fundamentais no cotidiano de trabalho, sendo também o principal canal de distribuição e contato com a audiência.

Metade da nossa audiência vem pelo WhatsApp, creio que seja porque o Tempo Novo tem um caráter muito local, quando a gente faz alguma matéria de um bairro, esses links rodam em grupo de WhatsApp de condomínio, de bairros, comunidades, então a gente tem uma audiência muito forte vinda do WhatsApp. Nós focamos muito nas redes sociais e o Tempo Novo de ano em ano só aumenta a audiência (YURI SCARDINI, 2020, informação oral).

Yuri Scardini observou a partir do acompanhamento dos dados apresentados pela ferramenta do *Google Analytics* que a audiência do site tem crescido a cada ano com a transição do jornal impresso para o online.

Em 2020 quando a gente encerrou o impresso no primeiro mês de pandemia, fevereiro de 2020, aquele ano em comparação a 2019 a gente teve uma audiência 150% maior. De 2020 em comparação a 2021 em que fizemos 19.5 milhões de visualizações de página isso representou um aumento de 46% se comparado a 2020, em que tivemos 13 milhões de visualizações de página no ano, e representou 99% a mais que em 2019 quando tínhamos jornal impresso. Então a gente dobrou de tamanho na web quando a gente encerrou o jornal impresso. A audiência do Tempo Novo quando impresso existia era bem menor, 6 milhões em 2019, 1,6 milhão em 2018. Se em menos de 5 anos atrás a gente fazia 1,6 milhão de acessos hoje a gente faz 20 e esse ano a gente deve passar 30 muito facilmente (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

De acordo com ele, as métricas do comportamento de consumo das notícias registradas pelo Google Analytics têm orientado a produção de conteúdo jornalístico. Um reflexo disso é a criação de uma editoria policial, que não existia no jornal impresso devido a um entendimento da equipe de que esse tipo de notícia contribuiria para uma representação negativa do município.

Durante 35 anos o Tempo Novo foi muito reticente na produção de conteúdo ligado à segurança pública por achar que aquilo jogava a Serra para baixo, não agregava na cidade. Com a internet, nós fomos obrigados a estruturar uma cobertura muito focada na segurança pública especialmente homicídios, violências de maneira geral, assaltos, roubos, violência doméstica e especialmente acidentes de trânsito. Então assim nós fomos obrigados a fazer isso por conta da audiência. A audiência nos obrigou a deixar de lado nosso sentimento de cuidado com a cidade, de não querer fazer conteúdos negativos e hoje o maior canal de informação policial é a gente (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

De 2020 para cá com essa mudança estrutural na comunicação e o desaparecimento de muitos impressos, um fenômeno mundial, que também cruzou com a pandemia, o *Tempo Novo* parou de girar o impresso, se concentrou na internet e de lá para cá passou a ter uma concentração maior no *hardnews* (LYRA, 2023, informação oral)

Entre as mudanças nas rotinas produtivas, os entrevistados citaram a substituição das reuniões de pauta para a divisão do trabalho conforme as informações chegam à redação e as pautas são construídas e hierarquizadas em função da prioridade da produção.

A gente alterou o modelo de reunião de pauta para esse esquema que funciona melhor para a web porque nós somos em poucas pessoas, então temos que otimizar o melhor possível o nosso capital humano e só funciona porque não temos divisórias e tem o Whatsapp em que está todo mundo alinhado, sabe seu papel. Agora a gente consegue planejar matérias e também definir eixos de abordagem (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Outro impacto ressaltado pelos profissionais foi o aumento do volume de trabalho e notícias escritas ao dia.

Aqui a gente produz hoje em dia quase 25 matérias por dia, na época [do impresso] a gente fazia 8, 9, matérias por semana (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Com a internet aumenta bastante o trabalho, porque como eu disse é uma briga de leão na internet de quem dá primeiro a notícia, então o volume de trabalho acaba aumentando, porque na época a gente trabalhava uma semana inteira para fazer um jornal impresso semanal. Agora a gente trabalha todo dia para alimentar o site toda hora. As tarefas são bem divididas, mas o volume de trabalho eu acho que aumentou não só aqui como em outros jornais também na era digital (ALMEIDA, 2023, informação oral).

A equipe percebeu também um desafio maior para a realização da checagem de informações com o crescimento da circulação de informações falsas e a pulverização dos canais de comunicação por onde são disseminadas.

Desde os quinze anos trabalho no Tempo Novo em 1996 ou 1997, mas antes eu tive uma passagem que eu te falei com doze anos, então daqui eu fui a única que passou por todos os processos de mudança, além do Gereréu [vulgo de Eci Scardini]. Ele me ensinou essa parte toda da diagramação, montagem de página. Antigamente a gente não tinha muita ferramenta, não tinha nem celular, era tudo telefone fixo, tudo mais difícil, era impossível você fazer uma matéria sem ir no local. Tirar foto era filme, botava lá tirava um monte de foto e quando você via nenhuma foto prestava. Hoje você tem tecnologia para caramba, melhorou demais, o trabalho é mais rápido. É tudo muito rápido, a informação chega rápido. Mas gera o problema das fake news. tem que tomar muito cuidado, se você não olhar você cai mesmo, porque eles são convincentes. A diferença de fazer jornalismo hoje para trinta e um anos atrás é essa, a agilidade do WhatsApp, de você chegar lá, fazer alguma foto, vídeo e ter isso na mão, resolve tudo por ali, já posta no Instagram, às vezes está andando na rua, desce do carro, para em um cantinho e faz ali. Tirou a foto ali na hora, já escreve, para o carro em um lugar seguro, escreveu, postou, acabou. É a agilidade para mim, tecnologia que veio para ajudar muito, principalmente por conta dessa época de online agora (BONELLI, 2023, informação oral).

Como impacto das transformações do mundo do trabalho, a reterritorialização da produção de informação se desenvolve a partir de processos de adequação das práticas à dinâmica virtual de circulação. Nos primeiros anos de adequação, o jornal sofre uma crise envolvendo valores profissionais, função social da atividade e novas formas de consumo de notícias e debate público, o que acompanha processos mundiais de expansão da racionalidade neoliberal que sustenta a organização político-social.

4.3. Sustentabilidade

Os editores do Jornal Tempo Novo relataram que durante toda a história do veículo a dificuldade de viabilizar a manutenção da iniciativa esteve presente, mas entre os anos de 2016 e 2020 a fragilidade financeira do empreendimento se agudizou com a migração das audiências e anunciantes para o espaço digital que geraram a necessidade de adequar a produção e as formas de monetização do trabalho.

O primeiro editor do veículo, Eci Scardini, apontou o aumento da concorrência no ambiente digital por audiência e anunciantes. Em 2020, quando foi entrevistado, a venda de espaço publicitário no site não cobria as despesas do jornal, de modo que ele era mantido com recursos de uma empresa de intermediação imobiliária da família Scardini.

Dado o conhecimento que a gente tem, os relacionamentos criados, o conhecimento da cidade, nós abrimos uma empresa de intermediação imobiliária, então a gente tem uma inserção nessa área e sempre está fazendo negócio e isso nos dá uma renda. O jornal me custa hoje em torno de 34 mil por mês, entre salários, encargos sociais, despesas fixas como aluguel, telefone, manutenção de site, passagens, alimentação, impostos e tudo. A publicidade deveria pagar tudo, mas não paga, raro é o mês em que a gente ganha. Normalmente a gente tem prejuízo por mês, então eu pego dinheiro da empresa imobiliária e pago a conta do jornal. Mas o jornal é uma força muito grande, entendeu? Então a gente faz essa simbiose, senão não tinha como manter o jornal não. Publicidade antes eu tinha concorrendo comigo A Gazeta, com TV, site e um monte de coisas, A Tribuna, idem, as empresas de fora e eu só tinha o jornal. Então não tinha jeito, os outros circulam em várias cidades e a gente só Serra, então sempre éramos preteridos do ponto de vista da publicidade. Com o online não, a gente tem uma inserção muito grande, mas a gente perde para as redes sociais que tiraram a publicidade dos veículos (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

No ano de 2022, o atual editor Yuri Scardini descreveu uma situação financeira mais favorável devido a um avanço na compreensão dos modos de captação de recursos para viabilização do trabalho jornalístico na internet.

Chegamos no limite em 2020 com três funcionários, hoje estamos em sete com carteira assinada, mais um estagiário, estamos nos reerguendo,

esse ano não tivemos problemas de pagar folha salarial, no primeiro ano da pandemia atrasamos todos os meses os salários, impostos, hoje o Tempo Novo está redondinho, equilibrado, não afere grandes lucros mas paga as contas e os salários de todo mundo, todas as contas (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Segundo ele, um terço do faturamento do jornal provém de venda de espaço publicitário para mídias programáticas, anúncios digitais segmentados gerenciados automaticamente e personalizados para serem entregues conforme os dados de hábitos de consumo do público registrados pelo sistema de inteligência algorítmica do Google. Outro terço dos recursos coletados corresponde à venda de espaço para publicidade legal e a última parte varia a cada mês entre conteúdo patrocinado e apoios financeiros de empresas privadas e do poder público para desenvolvimento de projetos culturais, como a digitalização do acervo do jornal impresso em arquivos pdfs pesquisáveis para serem consultados gratuitamente pela população e o desenvolvimento de um livro sobre personagens históricos do município.

Então são projetos que além de termos um ganho histórico com eles também se transformaram em um negócio e recursos, a gente monetizou. Nós também estamos com projetos na área cultural, mais recentemente mudamos o CNAI [cadastro nacional de atividades] do Jornal Tempo Novo e incluímos lá também questões ligadas à cultura para em 2023 entrar na lei de incentivo cultural, que tem as modalidades estadual e federal. No âmbito municipal eu vou em uma determinada empresa e faço uma captação de recursos de R\$ 50 mil, aí ele financia um projeto cultural, vou te falar qual, Protagonistas da Serra. A gente está biografando 40 grandes personalidades da Serra em comemoração aos 40 anos do Jornal Tempo Novo. Vamos fazer um projeto especial de final de ano em 2023, um jornal impresso que vai ter versão também online e nós vamos circular pela Serra, é um projeto cultural. Quando eu vou e capto dessa empresa, ela debita impostos federais e estaduais, ou seja ele tira do bolso, mas depois é reembolsado pela isenção fiscal e eu pego o recurso e produzo o projeto. Então nós estamos avançando o Jornal Tempo Novo para uma modelagem também nesse sentido, de produção de ordem cultural. O rumo antes era só noticioso e está deixando de ser 100% noticioso para ser também um ente cultural na cidade, um provedor de cultura. Seja pelo acervo do Tempo Novo, seja pela produção de conteúdo, eu que estou à frente desse projeto (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

No quesito sustentabilidade, as adequações para o mercado virtual levaram os responsáveis pelo jornal a expandir suas formas de captação de receita por meio da criação de projetos culturais custeados por patrocínios públicos e privados, além disso reproduz-se o modelo de venda de espaço para anunciantes, do papel para as telas, os dilemas trazidos pela intromissão das propagandas na leitura também permanecem.

O *ethos* segundo a definição de Patrick Charaudeau e Dominique Mainguenu (2004) corresponde a uma representação de si construída pelo locutor na interação discursiva, sendo

apoiado em determinadas virtudes e princípios morais (CHARAUDEAU e MAINGUENAU, 2004, p. 220). Segundo Maria de Fátima de Oliveira (2005), “a noção de *ethos*, retomada da retórica clássica coloca a questão da moral ligada à pessoa do orador”. Aplicado ao jornalismo, esse *ethos* representa a imagem da entidade jornalística construída nas práticas discursivas, em função da lógica das relações sociais com as quais interage e manifesta sua especificidade.

Bakhtin (1979) compreende o discurso como fenômeno social produzido por um contexto histórico, de modo que os signos constituem fragmentos de realidade dotados de caráter ideológico: “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico” (BAKHTIN, 1979, p. 30).

Os editores do Tempo Novo definiram o jornalismo que praticam como: noticioso; informativo; propositivo; serrano; um levante contra a ditadura militar; alternativo; independente; especializado; profissional; de referência.

Nosso jornalismo é um jornalismo noticioso, informativo. Levamos a notícia para o cidadão, para o nosso leitor, priorizando aquelas pautas que consideramos mais importantes (ECI SCARDINI, 2020, informação oral)

Quando a gente foca em um problema, veicula uma notícia de um fato qualquer, em um bairro, seja falta de iluminação, sujeira, buraco, qualquer outra coisa assim, joga aquilo no site, joga no Facebook, joga no Instagram, daí duas horas, três horas, a prefeitura está correndo lá e sanando o problema. Ou seja, alguma empresa que faz alguma coisa, você vai lá e rapidinho corre lá e sana o problema, então isso leva a gente a deduzir que o jornal tem uma importância grande nesse contexto porque ele provoca essas mudanças, essas melhorias. Você vai em Nova Almeida falar de um problema, daqui a pouco estão indo resolver. Então eu acho que a gente faz um jornalismo propositivo para o município, ajudar a cidade, as pessoas a resolverem seus problemas dentro dos bairros (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

A única palavra que eu defino o jornalismo do Tempo Novo é Serra. Um amor, um sentimento de pertença e identidade com a cidade muito grande (YURI SCARDINI, 2022, informação oral)

O Tempo Novo é um levante contra a ditadura militar na Serra, surgiu em Laranjeiras quando o bairro ainda dava seus primeiros passos, foi fundado em 1978, já tinha comércio, estava começando a emergir como um conjunto habitacional importante, a Arcelor Mittal tinha sido implantada na Serra potencializando a cidade e também [passávamos por] um contexto de redemocratização brasileira.

O Tempo Novo é um veículo de comunicação alternativo, ele não faz parte de nenhum grande grupo econômico no Espírito Santo ou no Brasil que é quem detém os monopólios e oligopólios de mídia (YURI SCARDINI, 2022).

Eu defino o jornalismo do Tempo Novo como independente (BONELLI, 2023, informação oral)

É um jornalismo altamente especializado em uma região geográfica pequena, que é o município, é como se fosse a Serra como centro do mundo, não uma superioridade territorial, nada disso não, mas um ponto de vista, um olhar de um município. E a gente se esforça para fazer um jornalismo profissional, tentando ouvir o outro lado, construir uma narrativa que seja o mais equilibrada possível (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

Nós somos uma referência aqui dentro e é isso que nos move, ser essa referência, estar aqui observando tudo que está acontecendo nessa cidade. (ECI SCARDINI, 2020, informação oral)

A equipe diferencia o jornalismo do Tempo Novo daquele praticado na grande mídia pelo formato local do conteúdo, pelo perfil especializado do veículo, linha editorial municipalista, memória histórica, ligação direta com os serranos, por se importar com a cidade e pelo vínculo construído com comunidades e fontes.

A diferença entre nós e os grandes veículos é que a nossa informação é local e a gente tenta dar um formato local ao conteúdo para fidelizar o leitor, a gente vive de acessos nas nossas redes sociais e no site, se eu começar a fazer matérias genéricas, que não tem nada a ver com o município eu estou entrando em um meio comum aí, no trilhado que a maioria faz, eu não tenho fidelidade daquele leitor, porque é uma matéria que às vezes não faz sentido para ele, ou não tá ligado a ele (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

O *Tempo Novo* se diferencia por conta da nossa linha editorial, poucos veículos de jornalismo no Espírito Santo tem uma abordagem tão municipalista. Se você for considerar que a Serra é a maior cidade do Espírito Santo e o Tempo Novo é o maior jornal da maior cidade do Espírito Santo, logo é o maior jornal municipalista do Espírito Santo. Atualmente é o quinto jornal mais antigo [em atividade] do Espírito Santo, depois de A Gazeta, A Tribuna e Tribuna do Cricaré, que é um outro veículo de comunicação praticamente inativo fundado alguns meses antes. Nós somos o quinto jornal mais antigo do Espírito Santo e o mais municipalista do Espírito Santo. Então a diferença do *Tempo Novo* é exatamente essa, ser um veículo de comunicação alternativo e ser um jornal totalmente municipalista na maior cidade do Espírito Santo [em população] (YURI SCARDINI, 2022, informação oral)

Nosso foco são os assuntos da Serra, local onde todas as pessoas que trabalham no jornal conhecem e moram há muitos anos. Temos memória histórica, ligação direta com os serranos. Temos credibilidade e profissionalismo e também amamos esta cidade. Tudo isso junto é o que penso que nos diferencia (BONELLI, 2023, informação oral).

Para a cidade da Serra o *Tempo Novo* é muito importante porque eu acho que é o único jornal que se importa de verdade a ponto de falar somente dela (ALMEIDA, 2023, informação oral).

Nessa perspectiva de ser um veículo altamente especializado, então você cria um vínculo muito grande com as comunidades, você acaba

criando uma relação muito próxima com as fontes, tanto do poder público como da sociedade civil, do setor empresarial, dos ativistas de todas as frentes. Eu acho que o diferencial se dá nessas circunstâncias, por concentrarmos em uma área menor, o que facilita para nós em relação aos veículos de abrangência estadual, em que você tem que dar conta de um território muito vasto (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

A função social do jornalismo segundo os respondentes é levar informação; olhar para a realidade, ser um patrimônio da sociedade; um elo entre a população e as autoridades do poder público; ajudar a resolver problemas; levar a verdade e apontar os problemas da sociedade.

O político gosta muito de jornal quando ele está fora do poder, quando ele é eleito o jornal passa a ser um problema para ele. Porque a função do jornal é levar informação, ele é um órgão a serviço da sociedade. Ele tem que cobrar, cobrar, cobrar. E quem está no poder se sente desconfortável com o posicionamento da imprensa, quer a imprensa batendo palma para ele o tempo todo. Então lidamos até hoje com isso (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

A função social parte de muitas frentes. Tem uma função social de olhar para a realidade. [...] Nós temos uma vasta abordagem social que irradia para várias áreas [...]. O *Tempo Novo* é um patrimônio da sociedade da Serra (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Somos nós que ficamos na linha de frente com o morador sentindo suas angústias e alegrias, somos nós que conversamos com autoridades e fazemos este elo. A função social é poder de alguma forma ajudar a resolver problemas que muitas vezes estão travados por ficarem escondidos. Nossa função social é levar a verdade sobre a cidade da qual vivemos (BONELLI, 2023, informação oral).

O principal papel do jornalismo é apontar onde estão os problemas da sociedade, você vai levantar informações das coisas que não estão funcionando direito, ser o olho da sociedade daquilo que não está funcionando, tanto do ponto de vista do Estado, dos agentes privados, enfim, o jornalismo é para trazer esses problemas à tona, obviamente que também se dá notícias positivas, tem o entretenimento, tudo isso pode ser englobado no jornalismo, mas a principal função é de apontar problemas. É botar o dedo na ferida (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

O ideal de qualidade do jornalismo está implicado no conhecimento sobre a cidade; na coragem para emitir opinião sobre a realidade, na militância; imparcialidade; em ouvir os dois lados; falar a verdade; ter fontes; ir ao local do acontecimento; ser independente; combativo; solidário; boa apuração, boa concepção editorial e fidedignidade.

Nós temos um histórico aí de opinião porque nós comemos, bebemos e dormimos essa cidade. Eu fui o quarto morador de Laranjeiras, estamos fazendo quarenta e dois anos de Laranjeiras, eu estou nessa cidade esse tempo todo, eu a conheço profundamente, então temos condição de emitir opinião, conhecemos todos os atores políticos que estão aqui dentro, então a gente tem condições de emitir opinião. (ECI SCARDINI, informação oral).

Um veículo de comunicação tem que ter um olhar sobre o mundo, um veículo de comunicação não pode ter medo de ter opinião, porque senão vira papagaio. Então nós temos um olhar sobre a Serra, um olhar muito especial sobre a cidade, as potencialidades de cada região, nós muitas vezes fazemos questionamentos jornalísticos à prefeitura como nenhum outro jornal tem a capacidade de fazer pelo nosso aprofundamento na cidade. Então tem que ter um olhar sobre a cidade e não pode ter medo de ter uma opinião sobre a realidade, só não pode enraizar a sua opinião a ponto de alterar os fatos (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Nós temos que ter uma militância jornalística, somos muito atentos às questões de censura, há uns tempos nós fizemos uma denúncia do Jornal Tempo Novo de um impedimento que nós sofremos de entrar na câmara da Serra e isso nunca tinha acontecido. Fizemos uma matéria e não deixamos passar, porque depois que você é censurado uma vez, você é censurado para sempre. Levei o caso para o Ministério Público, o atual presidente da câmara está respondendo um inquérito. Então assim, nós temos uma militância jornalística, a gente não abaixa a cabeça não (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Tem que ser um jornalismo imparcial que ouve os dois lados, que fale a verdade, tenha fontes e de preferência vá ao local do acontecimento porque aí você vai conseguir sentir a alma do negócio, sabe? Sempre indo ao local você consegue ter um produto de qualidade maior, você consegue ver tudo, o bastidor, se é uma briga política, se não é, você consegue pescar no ar quando você vai até o local. Hoje o online tem menos essa coisa de ir presencial porque todo mundo faz vídeo, te manda e isso ajuda muito, agiliza o trabalho. Então ir ao local é mais quando tem alguma coisa muito grave, não são todas as demandas que são presenciais, que a gente vai no bairro não. Até porque às vezes é tempo e dinheiro, recurso, recurso humano, demora de ir e voltar, aí não vale muito a pena (BONELLI, 2023, informação oral).

O jornalismo de qualidade seria aquele que presta seu papel na sociedade de ser informativo, mas também combativo. Sempre tendo ali um pouco de cobrança ao poder público, de denúncia de um problema, aqui mesmo muitas coisas não aconteceram na Serra por conta do Tempo Novo, falo com toda a humildade mesmo, porque a gente foi lá, brigou, barrou, coisas de meio ambiente, licença ambiental, por exemplo. Então eu acho que o jornalismo de qualidade deve ser independente, isso é importante, combativo e também solidário, de se preocupar com as pessoas, informar, mas também ajudar as pessoas (ALMEIDA, 2023, informação oral).

O jornalismo de qualidade, segundo os estudiosos, eu sou apenas um aprendiz, passa por uma boa apuração, uma boa concepção editorial e você tem que ser fidedigno com a realidade. Eu só não acredito em imparcialidade, porque eu acho essa palavra muito complexa, quando você escolhe um tema para falar dele, da realidade, você já está sendo

parcial no sentido que você fez uma escolha dentro da multiplicidade que é a vida (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

Entre os temas, pautas e enquadramentos mais comuns abordados nas notícias produzidas no jornal, os jornalistas ouvidos na pesquisa citaram as ações da prefeitura e da câmara municipal, clima, trânsito, polícia, cotidiano da cidade de maneira geral; política; cultura; lazer; comunidade; segurança; meio ambiente; emprego e saúde pública.

Nós abordamos muito as ações do poder público local, prefeitura e câmara, mas temos outras abordagens cotidianas, clima, trânsito, polícia, o cotidiano da cidade de maneira geral. (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Política, cultura, lazer, comunidade, segurança, nossa pauta é Serra. A gente fala muito da política local e também da política estadual trazendo sempre para o local, damos muita ênfase aos nossos deputados daqui e nossa linha editorial vai ser sempre puxando para cá, qualquer assunto ligado à Serra (BONELLI, 2023, informação oral).

Falamos sobre meio ambiente, emprego, saúde pública. Acho que a linha editorial mesmo é tudo que envolve e importa para a Serra. As pautas diárias são emprego, casos de polícia, a política em si também e meio ambiente também tem pautas boas. Aquilo que a gente chama de geral mesmo, o que vai acontecendo na cidade durante o dia (ALMEIDA, 2023, informação oral).

Os temas ambientais que eu tratei bastante são ar, poluição atmosférica, principalmente por conta do complexo de Tubarão, água, tanto na questão da disponibilidade hídrica, os gargalos da falta d'água, quanto da poluição, com ênfase no problema do tratamento de esgoto, do saneamento, não só da ausência de tratamento de esgoto, mas também da má qualidade do esgoto que é tratado e cobrado. Eu também tratei bastante coisa relacionada à desmatamento, avanço imobiliário sobre áreas verdes, avanço imobiliário, tanto legalizado quanto clandestino. Na Serra a gente tratou bastante da bacia hidrográfica do rio Jacaraípe, das unidades de conservação, Área de Proteção Ambiental (APA) do Mestre Álvaro, Parque Natural Municipal de Bicanga e as outras unidades de conservação de maneira geral, também escreveu coisas relacionadas à fauna, flora, licenciamentos ambientais, compensações ambientais e a atuação dos órgãos, não só aqueles que diretamente atuam com o meio ambiente, como a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Seama), Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema), Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semma) e o Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf), mas também os outros que transversalmente acabam resvalando na questão ambiental, como a secretaria de saúde, secretaria de desenvolvimento urbano, então de uma maneira ampla a gente procurou tratar também da governança pública em relação à questão ambiental e a gente tentou chegar também na frente empresarial, como está a articulação empresarial em relação à questão ambiental, as Ongs, as Organização da sociedade civil de interesse público (Oscips) (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

Os editores citaram como principais fontes os leitores; representantes do poder público; pessoas envolvidas com esporte; líderes comunitários; grupos de *WhatsApp*; órgãos ambientais; polícia e trabalhadores da prefeitura municipal.

A informação chega por meio das fontes espalhadas pela cidade, o poder público, departamento de trânsito, guarda municipal, os próprios leitores que mandam para gente, porque chega o tempo todo (YURI SCARDINI, 2022, informação oral)

Tem as fontes do esporte, são muitos anos de jornalismo aqui na Serra, então as pessoas conhecem o jornal e procuram a gente pelo *WhatsApp* do jornal, mas muitos líderes comunitários têm nossos telefones convencionais, eles já passam. Grupos de *WhatsApp*, se você olhar aqui no celular tem trezentos grupos de *WhatsApp* porque aparece muita pauta boa em grupo. Mas as nossas fontes são fontes que você vai construindo, sempre vai ser a prefeitura, porque as demandas maiores são relacionadas a problemas do município, então tem que ouvir a prefeitura, governo do estado também tem que ouvir porque tem demandas relacionadas à saúde, segurança, essas coisas, meio ambiente você tem vários órgãos, se for uma baleia você vai para o Instituto Orca, se for jacaré é o Caiman, se for tartaruga é Tamar, ou Ipram, ICMBio, é só pegando a matéria para fazer que vai saber quem é que tem que demandar, energia elétrica é EDP, aí você tem vários assessores, agora o governo ficou o mesmo, mas aí muda assessores, aí tem que ir em busca dos novos assessores, às vezes são os mesmos, às vezes são outros, aí tem que iniciar todo o trabalho de fontes de novo. Mas assim, trabalho de fontes você faz ao longo da sua vida. Não vai criar de um dia para o outro não (BONELLI, 2023, informação oral).

Eu tenho fontes na polícia, na prefeitura e tem grupos de *WhatsApp* em que os amigos mandam coisas que acontecem na Serra para gente. Então acho que são as redes sociais, que hoje em dia, querendo ou não, de lá chegam as informações e também tenho fonte da prefeitura, a comunicação, tenho fontes em off do governo do estado e também na polícia (ALMEIDA, 2023, informação oral).

Eu tenho fontes na sociedade civil, ativistas, no poder público, tanto em off quanto em on, tem a pessoa que quer divulgar ou falar publicamente de algo, mas tem também os offs, isso é fundamental, principalmente nessa área de jornalismo ambiental (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

O público leitor do jornal foi designado pelos editores como moradores da Serra; majoritariamente mulheres; atentos à Serra e demandam por um material jornalístico rápido e de fácil leitura.

São moradores da Serra, posso te dar um dado aqui, se você pegar os dados dos nossos seguidores do *Instagram*, por exemplo, são 40 mil e 87% deles são da Serra. Então, são moradores da Serra que querem saber mais sobre a cidade, posso dizer que são pessoas com um nível de escolaridade maior, a gente percebe isso. Sempre que dá uma matéria de um bairro de classe média, por exemplo, que é onde residem moradores com a escolaridade maior, a audiência é maior, a Grande

Laranjeiras, alguns pontos de Jacaraípe, o sul da Serra, alguma coisa em Serra Sede. Quando a gente faz em bairros mais populosos, mas que tem um IDH menor, tem uma escolaridade menor, às vezes não dá tanta audiência, eu acredito que é porque às vezes as pessoas têm que matar dois três leões por dia e não dá tempo de ficar se preocupando muito, de criar um costume de leitura, estar atento à convivência com o município, mas isso é um achismo. Eu imagino o leitor do Tempo Novo como um morador da Serra médio, nós temos mais seguidores mulheres, 60% dos nossos seguidores são mulheres, em todas as redes sociais, em todas as contas vinculadas ao tempo novo e no Facebook, a maioria é mulher, 60% para mais às vezes. E são pessoas muito atentas à Serra. Eu imagino que seja um serrano médio, de classe média, classe C. Tem muita audiência também de condomínios fechados, por exemplo, no Boulevard Lagoa eles leem muito o Tempo Novo, além dos bairros muito antigos, nós temos muita audiência de Feu Rosa, que é um bairro muito antigo, de Pitanga, de Nova Almeida, esses locais que têm mais identidade com a Serra costumam ler muito o jornal (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

A maior parte dos leitores é da Serra, de rede social. Temos um público muito grande de mulheres, por isso tem muito conteúdo direcionado para mulher e muito conteúdo direcionado para servidor público. Se colocamos um processo seletivo de Serra, nós temos muita coisa de poder público, um aumento de tíquete, bomba a matéria, porque eles têm interesse e acompanham. Mas o nosso público maior é de mulheres nessa base entre 18 e 55 anos, uma maioria feminina que se interessa mais por informação (BONELLI, 2023, informação oral).

É um público que quer um material jornalístico muito mastigado, rápido, de fácil leitura, então isso acaba interferindo um pouco no trabalho porque você quer fazer algo bem mais produzido, só que perde muito tempo naquilo ali e não dá resultado. E se você faz algo muito simples e prático de entender aí sim dá resultado (ALMEIDA, 2023, informação oral).

A identidade jornalística do *Tempo Novo* é associada pelos respondentes à produção noticiosa, independência, especialização territorial, ao atendimento de sua função social de mediador do olhar para a realidade e ao ideário da boa apuração e fidedignidade. Os leitores também fazem parte dessa identidade a qual se moldam mutuamente por meio da comunicação. Os jornalistas do *Tempo Novo* enxergam esse público como fontes que pertencem a mesma localidade e respondem melhor a materiais curtos e de leitura rápida, principalmente.

4.4. Impactos territoriais

Os editores entrevistados compreendem o próprio trabalho como provocador de impactos sobre o território com o qual se relacionam e apontam que a ação do jornal contribui para solucionar problemas da cidade; encontrar pessoas desaparecidas; apoiar na empregabilidade dos leitores; interromper a ação de empresas poluidoras por meio de denúncias e acompanhamento

jornalístico dos conflitos territoriais; cobrar ações de órgãos públicos; fiscalizar serviços e registrar a história da Serra.

Se nós estamos vivos nesse tempo todo é porque a gente cumpre com a obrigação, com a função social de um jornal e a resposta é a fidelidade que nós temos dos nossos leitores. Então eu acho que o nosso impacto é positivo, a gente ajuda a consertar muita coisa nessa cidade (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

O Tempo novo tem uma vasta experiência de empregabilidade, como a gente divulga muita vaga de trabalho, quantos feedback a gente já recebeu de pessoas que conseguiram um emprego proveniente de uma matéria que nós demos. A gente tem uma vasta experiência com a abordagem comunitária. Quantas vezes um buraco em uma rua foi tampado por conta de uma matéria nossa, uma capina em uma calçada foi feita por conta de uma matéria nossa. Ou um lixão que estava gerando dengue, que estava gerando um ponto de insegurança foi limpo por conta de uma matéria nossa. O Tempo Novo fundou a primeira editoria de meio ambiente no Espírito Santo e muitas empresas tiveram que parar uma atividade poluidora e depois dar uma compensação em decorrência da atividade poluidora por conta das nossas matérias. Então a gente tem uma vasta abordagem social que irradia para várias áreas. A gente já deu notícias de pessoas que estavam na fila da UPA e foram atendidas, pessoas que estavam há 10 horas numa fila de UPA ligaram para gente dizendo pelo amor de Deus dá uma matéria e muitas vezes a gente nem faz, o próprio órgão público fala calma aí, vamos conversar, vamos averiguar e já chama a pessoa muitas vezes sem precisar fazer matéria (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

O Tempo Novo acompanha a história da Serra há quarenta anos. Boa parte do que aconteceu na Serra está noticiado ali nas nossas edições que agora foram digitalizadas para o nosso projeto Tempo Novo Retrô. Eu acho que influenciemos em muita coisa, conseguimos resolver problemas que as pessoas não conseguem resolver procurando só o poder público, problemas simples, por exemplo, um esgoto vazando, um buraco aberto há mais de seis meses, uma falta d'água em um bairro há mais de seis dias, os leitores procuram o jornal porque sabem que se nós demandamos resolve (BONELLI, 2023, informação oral).

Os respondentes afirmaram que a militância constitui parte da sua ação e trabalho jornalísticos, a partir de organizações como associação de jornais do interior; sindicato patronal; a favor da causa dos menos favorecidos, sejam humanos ou animais; em defesa do meio ambiente e do jornalismo.

Nós tivemos um período lá atrás, uma Associação de Jornais de Interior, contemplava todas as cidades de interior que tinham jornais, percorrendo esse estado, debatendo o segmento, as nossas dificuldades e hoje eu faço parte do sindicato das empresas proprietárias de jornais e revistas do Espírito Santo, Sindjores. Então eu tenho histórico de militância jornalística (ECI SCARDINI, 2020, informação oral).

Estamos no Sindjores, meu pai foi um dos fundadores, temos sim militância, mas o Sindjores não está tão bem articulado como esteve há uns anos atrás,

então eventualmente a gente ensaia algumas coisas juntos. Agora nesse período eleitoral do primeiro turno o Tempo Novo se juntou a mais nove veículos de comunicação associados ao sindicato e publicamos uma pesquisa de intenção de voto feita por um convênio entre os jornais, então a gente tem algumas atividades em conjunto, todo conteúdo foi publicado nas páginas dos veículos de comunicação de forma igual. (YURI SCARDINI, 2022, informação oral).

Eu acabei entrando na comunicação de uma maneira meio surpreendente para mim, porque a minha militância é na área ambiental. Eu sou formado em geografia, desde criança eu tenho gosto por isso, uma vivência que foi moldando a minha vida, então a minha militância foi a priori na área ambiental. Quando eu entrei no jornalismo, comecei a estudar e participar do universo profissional, eu passei a me sentir um pouco militante do jornalismo, nós estamos passando por um período difícil, esses últimos quatro anos em especial foram muito complicados para nós da comunicação, os jornalistas, para as jornalistas mulheres principalmente (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

Criada em 2005, a editoria de Meio Ambiente se revelou uma força de mobilização em torno das lutas pela preservação e qualidade de vida da população, seres vivos e entes naturais, sendo a primeira editoria no estado voltada para a questão ambiental.

A gente focou na Serra, mas procurou ter um olhar ampliado principalmente para as bacias hidrográficas da Grande Vitória, tanto pelo fato de fornecerem a água, que sustenta a economia e a população da Grande Vitória, tanto pelo fato de a produção de alimentos frescos estar nesse entorno que é a bacia do Rio Santa Maria, em Vitória, do Jucu e agora mais recentemente dos Reis Magos. Então a gente procurou ter uma cobertura que ultrapassasse os limites da cidade, mas a nossa ênfase foi na Serra (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

Quando eu comecei a editoria de meio ambiente em 2005 e o Fabrício era o editor do jornal, nós criamos o projeto terças-feiras, em que nós pegávamos eu a minha moto e ele a dele e a gente rodava a Serra cada canto, desde os bairros mais carentes, a região mais complicada de saneamento, de tráfico, até as áreas verdes ainda, as áreas em expansão, para a gente poder raciocinar a cidade, montar um banco de pautas, pensar a nossa linha editorial e isso a gente produziu um banco de imagens muito grande, acabava fazendo apurações no meio do caminho e a gente conseguiu mapear a Serra quase como um todo. Uma cidade de 550 km², aproximadamente, não é difícil, ao longo de anos. Então a gente criou uma metodologia de trabalho de sair rodando de moto cada canto e isso também acabou sendo uma fonte de informação primária. Você tá ali olhando, desmatou aqui, aterrou a nascente lá, o esgoto está estourado aqui, a Cesan está jogando uma água verde em vez de uma água clara, a gente foi lá na beira de Tubarão, viu um depósito de rejeito da CST em um lugar inadequado, esse tipo de coisa (POLTRONIERI, 2023, informação oral).

Bruno Lyra Poltronieri criou o espaço junto ao colega e também ex-editor do veículo, Fabrício Ribeiro, com o apoio do editor-chefe da época, Eci Scardini. Eles desenvolveram um projeto semanal de imersão territorial para elaborar a linha editorial e planejar pautas sobre questões de interesse público por meio de pesquisa em campo, na qual percorreram ao longo dos anos os espaços do município desde os mais remotos e pouco acessados.

As falas dos entrevistados demonstraram que o Jornal Tempo Novo participa da dinâmica de desterritorialização e reterritorialização em novas bases, seja reconfigurando práticas e canais de comunicação como também ao promover mudanças materiais provocadas por uma exposição e debate apresentados pelo veículo.

4.5 Discussão dos resultados

Os dados obtidos a partir da triangulação metodológica de análise exploratória, documental e entrevistas foram tratados de modo a recombinar evidências com base nas proposições iniciais da investigação.

As informações extraídas no percurso de análise indicam a ocorrência de processos produtivos associados às reconfigurações territoriais referentes ao espaço de vida da cidade e aos territórios mutáveis da práxis jornalística.

Outra hipótese admitida é a presença de dificuldades para garantir a sustentabilidade do trabalho de seus profissionais, decorrentes das contradições do mundo do trabalho, da crise pela qual atravessa o jornalismo como profissão (CHRISTOFOLETTI, 2019) e da crise estrutural do capital como sistema ontologicamente incontrolável (MÉSZÁROS, 2002).

As entrevistas nos levaram a acatar a suposição de que a migração do formato impresso para o online resulta da necessidade de redução dos custos de operação e adaptação às mudanças no comportamento de consumo de notícias do público trazidas pelas novas tecnologias de telecomunicação e transmissão de informação.

Também foi possível afirmar a contribuição exercida pelo trabalho jornalístico realizado pelos profissionais deste veículo para a ampliação de perspectivas e assuntos de visibilidade local e para promover a democratização da informação em um ambiente midiático com características oligopólicas e baseadas na concentração das atividades jornalísticas nos centros capitalistas, em detrimento de áreas periféricas desertas de notícia.

A última hipótese se confirma pela análise das informações coletadas sobre a linha editorial e *ethos* jornalístico do *Tempo Novo* como veículo que se contrasta à mídia hegemônica

e se aproxima, porém com diferenças, do que se considera mídia alternativa. No entanto, o termo alternativo é mais adequado para designação de iniciativas marcadamente contra-hegemônicas em seu discurso e especialmente datadas historicamente durante o período autoritário concernente à ditadura militar no Brasil, conforme indica Cicília Peruzzo (2009, p. 139).

Assim, a análise do *Tempo Novo* como objeto de estudo permitiu testar as cinco hipóteses de pesquisa que moveram nossa investigação e afirmar todas as suposições propostas no início do estudo.

Devido ao lugar que ocupa na vida dos sujeitos, o trabalho constitui uma das principais referências sob a lógica capitalista de produção (FIGARO, 2018, p. 124). De acordo com Roseli Figaro (2018), analisar as condições de produção jornalística no processo de transformações e ressignificações do mundo do trabalho possibilita compreender os valores que orientam os sujeitos da comunicação diante das formas de exploração econômica, dos conflitos de interesse de classe e das contradições entre capital e trabalho na sociedade em que estão inseridos.

A partir desta perspectiva de investigação sobre as informações coletadas em pesquisa exploratória preliminar no portal online e no acervo do jornal, associados aos dados obtidos por meio de entrevistas realizadas entre os anos de 2020 e 2023 com cinco editores do veículo, foi possível destacar alguns resultados do percurso da análise.

A Reestruturação do modo de produção capitalista em transição para o regime de acumulação flexível implicou em transformações no jornalismo brasileiro (FONSECA, SOUZA, 2006; ADGHIRNI, 2005). O trabalho dos jornalistas é possibilitado pelas tecnologias digitais, Internet e redes sociais, por meio de meios de produção relativamente recentes como computador, smartphones, aplicativos e ferramentas digitais, em conformidade com os resultados encontrados na pesquisa coordenada por Figaro (2016), com pesquisadores do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Tais meios de produção também provocaram mudanças na periodicidade do jornal analisado.

A equipe é formada por seis pessoas, que executam as seguintes funções: coordenação jornalística; edição; desenvolvimento de projetos; apuração e redação; mídias sociais. O principal desafio encontrado por essa iniciativa jornalística é viabilizar a própria produção, que se sustenta principalmente pela venda de anúncios publicitários e captação de patrocínios para

projetos culturais. Além disso, há o desafio para os jornalistas de se tornar profissionais multifunção e se adaptar às novas tecnologias.

As condições de trabalho e remuneração são modestas, contudo, os jornalistas do *Tempo Novo* citam outras gratificações pessoais, como a ligação e o serviço prestado à comunidade, a contribuição das informações apresentadas nas notícias para a resolução de problemas sociais, o crescimento da audiência e o reconhecimento social no território.

A análise do modelo de organização e sustentabilidade indicou uma aproximação do jornalismo do *Tempo Novo* com as noções de jornalismo independente, feito fora dos grandes conglomerados de comunicação, e mais remotamente ao jornalismo alternativo, que se associa a uma atuação contra-hegemônica (PERUZZO, 2006).

No campo ideológico, o *Jornal Tempo Novo* se posiciona a partir de um ponto de vista diferente daquele apresentado pelos conglomerados de comunicação, em especial devido à proximidade construída com a comunidade representada nas coberturas jornalísticas. Contudo, há uma reprodução da linguagem e do modelo familiar de empresa verificado na estruturação dos veículos de jornalismo tradicionais.

A prática jornalística do *Tempo Novo* também reforça uma cultura de comunidade pela sua ação sobre o território. Segundo Cicilia Peruzzo (2006), as comunidades caracterizam uma forma de existência baseada em um relacionamento coletivo orientado para a “coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, co-responsabilidade e caráter cooperativo” (PERUZZO, 2006, p. 14).

A realização das entrevistas permitiu aferir mudanças no conteúdo jornalístico com o crescimento da tendência de produção de conteúdos de rápida leitura e pouco aprofundamento. As métricas da audiência passaram a influenciar nos valores notícia que orientam o trabalho.

Os resultados da pesquisa confirmam a tendência de precarização das condições de trabalho e sustentação jornalística no contexto da pandemia de Covid-19, observada em investigações sobre como os comunicadores foram afetados pelos impactos da pandemia (Figaro et al, 2021). O cenário causado pela crise sanitária exigiu mudanças e adaptações dos empregados e da gestão do veículo, além de provocar alterações nas práticas, ferramentas, meios de produção e modos de relacionamento com os leitores.

Assim como constatado por Luisa Tavares (2019) em sua pesquisa de dissertação sobre o jornalismo nas periferias de São Paulo, o modelo de captação de receita via projetos permite o desenvolvimento de iniciativas de interesse próprio e propor parcerias de patrocínio com base em uma visão mais comunitária do que seria se o projeto fosse desenhado baseado nos interesses das empresas financiadoras (TAVARES, 2019, p. 151).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Jornal Tempo Novo*, veículo jornalístico de Serra, objeto da pesquisa desta dissertação, partiu de um experimento, renovou equipes durante os últimos 39 anos de empreendimento e recalculou caminhos de atuação para se adequar às exigências do sistema produtivo e aos efeitos culturais do avanço da racionalidade neoliberal sobre as práticas jornalísticas. Sua versão impressa circulou entre os anos de 1983 e 2020 e o portal online está em funcionamento desde 2012.

Este estudo não se propõe a realizar uma análise extensiva da atividade jornalística em iniciativas de jornalismo independentes Espírito Santo, pois este objetivo requereria um maior tempo de pesquisa. Embora não seja o único representante da totalidade do jornalismo local e independente no estado, o *Jornal Tempo Novo* apresenta condições de produção semelhantes às características encontradas nas iniciativas de jornalismo locais (PERUZZO, 2005; DORNELLES, 2005; DORNELLES, 2012; BARROS, 2020a) e independentes (MUNIZ JR, 2016; ASSIS et. al, 2017; BARROS, 2020b) devido ao seu modelo de organização e sustentabilidade, relação com a comunidade e localização da sede fora do centro, da capital e dos grandes conglomerados de comunicação, características verificadas em pesquisas anteriores sobre arranjos e iniciativas do gênero. No entanto, o veículo se diferencia de arranjos econômicos alternativos de trabalho (FIGARO; NONATO; KINOSHITA, 2017; FIGARO, 2018a; 2018b; COSTA, 2020) em razão do direcionamento de sua produção não possuir um horizonte contra-hegemônico, podendo inclusive reproduzir práticas encontradas na grande mídia que reforçam a ideologia neoliberal.

A identidade do *Tempo Novo* se vincula basicamente à proximidade, intimidade e agilidade no tratamento dos acontecimentos locais. Outro fator de destaque é a capacidade de adaptação do veículo às novas formas de concorrência e produção jornalística durante o processo de migração do jornal impresso para o digital. Foram necessárias novas fontes de monetização do trabalho e desenvolvimento de outras formas de captação de receita, que atualmente vem de projetos sociais financiados pelo poder público e privado, venda de espaço para anunciantes e conteúdo legal, além da publicidade programática. O acompanhamento das métricas permite escolher as pautas de acordo com os interesses manifestados pelos leitores em seus hábitos de consumo de notícias. Os gestores acreditam que tal estratégia contribui para a elevação significativa dos números de acesso ao portal de notícias.

As reestruturações produtivas reorientaram o exercício do jornalismo segundo novos valores concernentes ao regime de acumulação flexível e à razão ideológica neoliberal (PONTES, SILVA e SOUZA, 2021), de modo que o epifenômeno das transformações no sistema midiático contemporâneo e o contexto de crise do jornalismo evidenciam a expressão particular de uma crise estrutural, com o acirramento da contradição entre capital e trabalho (SOUZA, 2018). Analisar tais sintomas a partir da abordagem dialética consiste em considerar as reestruturações produtivas, o desemprego estrutural, a decadência ideológica, corrosão das sociabilidades e a barbárie social como os aspectos fenomênicos que indicam fraturas da ordem reprodutiva e seus limites absolutos no estágio de desenvolvimento do capital no século XXI.

A atual gestão do trabalho jornalístico acompanha a lógica pós-fordista de produção (FONSECA, 2006). Com isso, a convergência de meios no jornalismo digital provoca mudanças como o aumento na demanda por perfis profissionais polivalentes/flexíveis, além da precarização das relações de trabalho e imposição de rotinas produtivas baseadas na dinâmica de velocidade. Por outro lado, a força humana não absorvida nas redações da mídia tradicional ao se engajar em atividades que repercutem na luta anti-sistêmica revelam as potencialidades contidas nas fissuras do regime expansionista de autorreprodução do capital.

As noções de território, jornalismo local, independente e alternativo estão expressas nas perspectivas apresentadas pelos jornalistas do *Tempo Novo*. Neste percurso, identificamos que o jornal representa um patrimônio coletivo da cidade da Serra, além de exercer um papel relevante como ator social no contexto do município. O grupo analisado é representativo na produção noticiosa em Serra onde a redação passou por diversas mudanças articuladas a profundas alterações na estrutura social do estado e à reestruturação produtiva do mundo do trabalho.

Tomando a concepção de práxis jornalística, compreendemos que a subjetividade do ser humano em seu aspecto particular de se constituir no processo de apropriação prática-subjetiva do mundo (KOSIK, 2002, p. 221) detém um potencial revolucionário, pois a consciência se desenvolve como “força de luta que acomete todo o ser humano” (KOSIK, 2002, p. 224), produzindo sentidos sobre o território no contato com a totalidade concreta do mundo, a linguagem, a poesia e o conhecimento. Entendemos o jornalismo como uma forma de conhecimento capaz de resgatar a experiência da práxis para a construção de uma consciência como força de luta pelo contato com a totalidade da existência no mundo, sua dialética e contradições.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. O Jornalista: do mito ao mercado, **Estudos de jornalismo e mídia**, V.2, n. 1, UFSC, 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088> Acesso em: 20/08/2022

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, ano 2, n. 5, p. 30-89, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/386813919/Jornalismo-pos-industrial-adaptacao-aos-novos-tempos>. Acesso: 20 de outubro de 2019

ASSIS, Evandro de; CAMASÃO, Leonel; SILVA, Mariana; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**. Vol. 4, n. 1, 2017, p. 3-20. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899/5813>. Acesso em: 11/12/2020

AMPUJA, M. *A sociedade em rede, o cosmopolitismo e o sublime digital: reflexões sobre como a história tem sido esquecida na teoria social contemporânea*. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 55-67, jan./jun. 2015

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARROS, Visibeli Janaina . Meios de comunicação na territorialização do capital. **Revista Matrizes**, v.14, n. 2, maio/ago. 2020, p. 261-287

BARROS, Visibeli Janaina. Arranjos de Jornalismo online Independente no Interior de Minas Gerais. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Modalidade Virtual: 2020, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Dez. 2020b.

BENEZATH, Rita C. V. . *A mudança no ecossistema jornalístico e o deserto de notícias no Espírito Santo*. In: **6. Seminário de Comunicação e Territorialidades: Caminhos da Comunicação no mundo em Crise**, 2020, Vitória. Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades, 2020. v. 1. p. 1-8. Acesso: 10 de agosto de 2018.

BENETTI, Marcia. “Análise do Discurso em Jornalismo: estudos de vozes e sentidos”. In: LAGO, C. & BENETTI, M. (orgs.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERGAMO, Alexandre. "Antigos" e "novos" no jornalismo brasileiro dos anos de 1980 e 1990: uma identidade profissional em disputa. *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*, 2020, v. 19, n. 45, p.337-368.

BORGES, Clério J. **História da Serra**. 3. ed. Serra: CTC, 2009.

BRENNER, Neil. *Máquinas de crescimento urbano – mas em que escala?* In: **As metrópoles e o capitalismo financeirizado**. Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2020, p. 245-275.

CAMPONEZ, C. *Jornalismo de Proximidade*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CAMPONEZ, C. Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In: CORREIA (org.) *Ágora Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades*: Covilhã, 2012.

CARVALHO, J. A imprensa regional e local: estudo de caso do jornal O Ribatejo. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social: Lisboa, 2013

CARDOSO, Lavínia Coutinho, **Revolta Negra na Freguesia de São José do Queimado: escravidão, resistência e liberdade no século XIX na província do Espírito Santo (1845 – 1850)**. Orientador: Geraldo Antônio Soares. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós Graduação em História, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito, Vitória, 2008

CASTILHO, Carlos. **O jornalismo pós-industrial**, 2012. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/o-jornalismo-pos-industrial/> Acesso em: 20 ago. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

CHESNAIS, François. *Crise de sobreacumulação global iniciando uma crise de civilização*. In: **As metrópoles e o capitalismo financeirizado**. Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2020, p. 63-89

CHRISTOFOLETTI, Rogério. O fim está próximo. In: A crise do jornalismo tem solução? Barueri, SP: **Estação das Letras e Cores**, 2019a, p. 31-65.

CHRISTOFOLETTI. É possível ainda acreditar nos jornalistas? In: CHRISTOFOLETTI. Barueri, SP: **Estação das Letras e Cores**, 2019b, p. 31-65.

CHRISTOFOLETTI; TRICHES, Guilherme L. (2014). Interesse público no jornalismo: uma justificativa moral codificada. Revista FAMECOS, 21(2), 484-503. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.2.17588>

CHRISTOFOLETTI, Rogério. O fim está próximo. In: CHRISTOFOLETTI. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019. p. 31-65.

CICILLINI, F. Mídia impressa e informação local: o jornal impresso no centro do estado de São Paulo. 2006

COSTA, Andriolli. Jornalismo pós-industrial, caminhos para um pós-jornalismo. **Revista do Instituto Humanitas UNISINOS**, No 447 - Ano XIV - 30/06/2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao447.pdf> Acesso: 10 de dezembro de 2019. CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2017.

COSTA, Rafael R. da; SILVA, Naiana R. da; ARAÚJO, Mayara C. B. de; LIMA; Raphaele C. **Arranjos alternativos de trabalho em jornalismo no Ceará: relações de comunicação e condições de trabalho**. Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020.

COTTLE, S. Ethnography and News Production: New(s) Developments in the Field. **Sociology Compass**, v. 1, jun. 2007.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 7-21, jul./dez. 2016, disponível em <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478> Acesso: 10 de dezembro de 2019

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais do Interior. *Revista Intratextos*, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012

DORNELLES, Beatriz. Imprensa local. In: **Documentos básicos – Mídia Cidadã**. Seminário WACC/UNESP/METODISTA. São Bernardo do Campo. 28 a 30 de novembro de 2005.

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais do Interior. **Revista Intratextos**, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012.

DUARTE, Ângela F. A. Jornalismo de proximidade, o papel informativo da imprensa local. Ensaio elaborado no âmbito do Seminário de “**Questões Contemporâneas do Jornalismo**”, Faculdade de Ciências Sociais Humanas, Universidade Nova de Lisboa, maio, 2010

DUARTE, M. P. L. **A expansão da periferia por conjuntos habitacionais na Região da Grande Vitória (1964-1986)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. UFES, Vitória-ES, 2008

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 215-235.

DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. Revisões temáticas: glossário da Ergologia. Laboreal, v.4, n.1, p.23-28, 2008.

ESPADA, Arcadi; BUSTO, Ernesto Hernández (Eds.). **El fin de los periódicos. Crisis y retos del periodismo actual**. Barcelona: Duomo ediciones, 2009

FAVERO, Leonor L. e ANDRADE, Maria L. C. V. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETTI, Dino (org.) **Estudos de língua falada variações e confrontos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: < <http://www.fenaj.org.br> >. Acesso em: 20 fev. 2022.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Relatório 2020**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/> Acesso: 23 de agosto de 2022

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Relatório 2021**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/> Acesso: 23 de agosto de 2022

FERNANDES, M. L. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, F. (Org). Imprensa do interior: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.

FERREIRA, Francismar C. A organização do espaço urbano de Serra na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV-ES). **Revista Percursos**, v. 10, n.1, p. 23 a 50, 2018.

FIGARO, Roseli, Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI, **Revista Parágrafo**, v. 2, n2, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/231> Acesso em: 10 de dezembro de 2019

FIGARO, Roseli; SILVA, Ana Flávia Marques da. A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020a Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566/pdf> Acesso: 26 de agosto de 2022

FIGARO, Roseli. Regime de publicação, cronotopo e instâncias de seleção, composição e circulação: categorias teórico-metodológicas de análise da produção jornalísticas dos arranjos nativos digitais. 2020b, **Anais Salvador: Escola de Comunicações e Artes**, Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003026356.pdf> Acesso em: 05 set. 2022.

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; KINOSHITA, Jamir. Jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de mídia: métodos e análises iniciais. **Intercom**, Curitiba, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Set. 2020.

FIGARO, Roseli. (org.). **As relações de comunicação e a condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas**. Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 39, set-dez., 2018, p. 177-189. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-255435905>. Acesso em : 20 fev. 2020

FIGARO, R.; NONATO, Cláudia e PACHI, Fernando Felício Filho. **Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia**. *Líbero*. Ano XXI, nº 41. Jan-Jul, 2018.

FRANCISCATO, Carlos. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

FONSECA, Virgínia e SOUZA, Paulo H. Rodrigues de. O pós-fordismo na produção jornalística. **Revista Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15. p. 1-18, jul.2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4264/4426>. Acesso em: 14 mar. 2017.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1987.

GIL, Antonio. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, F. **Caosmose, um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

GROHMANN, Rafael, O trabalho do jornalista a partir dos processos comunicacionais e produtivos: dimensões teóricas em cenário de flexibilização e tensionamentos identitários, **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 13 No 1 Janeiro a Junho de 2016**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n1p6/32811> Acesso: 10 de dezembro de 2019

GUATTARI, F. **Caosmose, um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

GUERRA, Josenildo L. **O percurso interpretativo na produção da notícia**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008. 291p.

GUERRA, João C. S. Mudanças Estruturais do Jornalismo: O Caso do Jornal A Gazeta ES. Dissertação de mestrado, 121p. Universidade Federal do Espírito Santo, 2018. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_11793 DISSERTA%C7%C3O%20FINAL.pdf, Acesso em: 05 nov. 2023

O papel da representação. In: HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 31-113.

HALL, Stuart, CHRITCHER, Chas, JEFFERSON, Tony et al. *A produção social das notícias: o “mugging” nos media*. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993

HARTLEY, John. *The Popular Reality: journalism, modernity and popular culture*. London: 1996. HARTLEY, John. **The Popular Reality: journalism, modernity and popular culture**. London: Arnold, 1996.

HARVEY, David. Tempo e espaço como fontes de poder social. In: **A condição pós moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 207-219.

HARVEY, David. A arte de lucrar: globalização, monopólio e exploração da cultura. In: MORAES, Dênis (Org.), **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, (pp. 187-216), 2005

HUR, Domenico. *Deleuze e a constituição do diagrama de controle*. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 173-179, maio-ago. 2018. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5507> 2018.

IANNI, Octavio. A sociedade mundial e o retorno da grande teoria. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (org.) **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyolla, 2003. p. 331-345.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População no último censo: IBGE, Censo Demográfico 2010**

INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISA E EXTENSÃO RURAL – PROATER 2020- 2023. Disponível em: https://incaper.es.gov.br/media/incaper/proater/municipios/Rio_Bananal.pdf>. Acesso em: 03 de out. 2022.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado. Região Metropolitana da Grande Vitória: Diagnóstico Integrado. 1. ed. Vitória: IJSN, 2018b.

184 p. v. 2. ISBN 978-85-8370-051-7. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/6301>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Coordenação de Estudos Sociais. Situação de pessoas extremamente pobres. Vitória: CES, 2019. 1 planilha eletrônica

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Estudos para definição da Política Habitacional para o Estado do Espírito Santo: **Estudos Básicos referentes a Questão da Habitação**. Vitória: 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População no último censo: IBGE, Censo Demográfico, 2010.

INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Direito à comunicação no Brasil 2020**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/relatorio-direito-a-comunicacao-no-brasil-2020/> Acesso em: 23 de agosto de 2022

KARPPINEN, K.; MOE, H. What we talk about when talk about “Media independence”. **Javnost - The Public**, v. 23, n. 2, p.105-119, 2 abr. 2016.

KLATELL, David. Ética e imprensa: As mudanças radicais trazidas pelas novas tecnologias obrigam a repensar fundamentos do jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, ano 2, n. 5, p. 30-89, abr./jun. 2013.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LAGO, Cláudia. Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. V. 6, N. 1. Brasília: SBPJor, 2010.

LELO, Thales V. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: históricos e precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. Tese, Instituto desafios de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019, contemporâneos. Disponível em <https://www.fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Tese-LELO-T-Reestrutura%C3%A7%C3%B5es-produtivas-no-mundo-do-trabalho-dos-jornalistas> Acesso em: 10 de dezembro de 2019

LIMA, Venício A. **Liberdade de Expressão x Liberdade de Imprensa: direito à comunicação e de mocracia**. São Paulo: Publisher Brasil, 2010.

LÓPEZ PAN, F. *70 columnistas de la prensa española* (estudo introdutorio). Pamplona, Eunsa, 1995.

LORENA, Rodrigo Borrego; BARROS, Érica Márcia Leite; RESENDE, Fernanda Queiroz de; PEREIRA, Gabriela Leandro; KRAUSE, Cleandro. **Caracterização de assentamentos precários por meio de zonas especiais de interesse social na Região Metropolitana de Vitória, Espírito Santo**. Vitória, 2010, p. 377 - 409

LUKÁCS, György. *O processo de democratização*. In: **Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARX, Karl. Capítulo 24. A assim chamada acumulação primitiva. In: O capital: crítica da economia política. Livro I: **O processo de produção do capital** [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo : Boitempo, 2013, p. 785-833.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MÉSZÁROS, István. **Das crises cíclicas à crise estrutural**. In: Para além do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MÉSZÁROS, Istvan. A crise estrutural do capital. **Revista Outubro**, Ed. 4, 2020.

MORAES, Dênis de. O capital da mídia na lógica da globalização. In: MORAES, Dênis (Org.), **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, (pp. 187-216), 2005

MORETZSOHN, Sylvia. “Uma legião de imbecis”: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. **Liinc em Revista**, v.13, n.2, nov, 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4088> Acesso: 28 de abril de 2022

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. 1ª ed. Coleção Formação Pedagógica. Volume III. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <http://portal.ifrn.edu.br/pesquisa/editora/livros-para-download/trabalho-e-formacao-docente-na-educacao-profissional-dante-moura>

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MUNIZ JÚNIOR, José de S. Os sentidos sociais da produção cultural independente: usos e abusos de uma noção instável. **Revista Parágrafa**. Jan/jun. Vol. 4, n. 1, 2016. Disponível em <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/366/391>. Acesso em: 10 dez. 2020.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2005.

NIELSEN, Rasmus Kleis. Notícias digitais como formas de conhecimento: um novo capítulo na Sociologia do Conhecimento. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, e- 96916, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/96916> Acesso: 07 de setembro de 2021

OLIVEIRA, Maria de Fátima Costa de. O discurso e a construção do ethos jornalístico. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, 2005. MEDEIROS, A. Comunicação, poder e cidadania: o encontro do alternativo e do contrahegemônico em um mesmo veículo midiático. In: XIV Congresso Internacional IBERCOM: São Paulo, 2015

OLIVEIRA, Mizaél F. de. **Expansão industrial e dinâmicas sócio-espaciais no município de Serra-ES**. Orientadora: Ana Lucy Oliveira Freire. 2007, 96 f. Monografia (Bacharel em

Geografia), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Versão Eletrônica. Disponível em: <https://geo.ufes.br/sites/geografia.ufes.br/files/field/anexo/mizael.pdf> Acesso em: 20 abr. 2020

PARK, Robert E. News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, Vol. 45, n. 5, mar. 1940, p. 669-686. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/218445> Acesso: 07 de setembro de 2021

PEREIRA, Tatiana Dahmer. O território na acumulação capitalista: Possibilidades da categoria a partir de David Harvey. **O Social em Questão**. Ano XIII, nº 24, Jul-Dez 2010, p. 69 – 92.

PEIXOTO, Fernanda. Os anos 80, o novo jornalista e a imprensa no Brasil. *Estudos de Sociologia*, v. 3, n. 4, p. 31-42, 1998.

PERUZZO, Cicilia M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 2009, a. 26, n. 43, p. 67-84

PERUZZO, Cicilia K. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”. **Matrizes**. São Paulo, Ano 7, nº 2 jul./dez. 2013. p. 73-93

PERUZZO, Cicilia K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina**: Juiz de Fora, 2007, vol. 1

PERUZZO, Cicilia K.. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Contemporânea Comunicação e Cultura**. Bahia, 2013, v. 11, p. 138-158

PERUZZO, Cicilia K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia K. Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In: Voces Abiertas: Comunicación, Política y Ciudadanía en América Latina. Jesús Martín Barbero... [et al.]. 1a ed. edición bilingüe. - La 62 Plata: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Periodismo y Comunicación Social; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015

PERUZZO, Cicilia K. Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na Web. XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017.

PONTES, Felipe S. **Teoria e História do Jornalismo: desafios epistemológicos**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Marcos Paulo da; SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. Jornalismo e conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico: um manifesto à totalidade concreta. In: *Jornalismo e conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico e de expansão da desinformação*. **Líbero**, ano 24, n. 49, set./dez. 2021, São Paulo, Brasil, p. 11-26. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1702/1307>. Acesso: 15 de maio de 2021.

PROJOR (Instituto para Desenvolvimento do Jornalismo). **Atlas da Notícia** [on-line]. São Paulo: 2021. Disponível em www.atlas.jor.br. Acesso: 10 de agosto de 2021.

PROJOR (Instituto para Desenvolvimento do Jornalismo). **Atlas da Notícia** [on-line]. São Paulo: 2019. Disponível em www.atlas.jor.br. Acesso: 10 de agosto de 2021.

QUINTINO, Isabel Cristina de Araújo. **O Congo Capixaba como Patrimônio Imaterial: as festas de São Benedito na Serra e as Bandas de Congo**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2018.

RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? In:

RAMONET, I. MORAES, D.; SERRANO, P. (Orgs). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 53-70.

REGINATO, Gisele D. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

REGINATO, Gisele D. **Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 43-53, 2020.

REIS, Ruth. **Sobre a mídia local**, levantamento não publicado, 2017. Disponível em <https://drive.google.com/open?id=1ZTIVGOLr4INXMZv1eXQMNDbXO0wMzdu1>

RIBEIRO, J. A imprensa regional e as comunidades locais Jornal Alvorada: caracterização de um quinzenário local do concelho da Lourinhã. Dissertação de mestrado, 97p. Instituto Universitário de Lisboa: Lisboa, 2010. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3969>, Acesso em: 05 out. 2017

SALAVERRÍA, R. **Ciberperiodismo en Iberoamérica: marco general**, Fundación Telefónica & Editorial Ariel, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/22420649/Ciberperiodismo_en_Iberoam%C3%A9rica_marco_general Acesso: 10 de dezembro de 2019.

SANTOS, Milton. Lugar e valor do indivíduo. In: **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SAQUET, Marco Antônio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

SHALDERS, Ivan, LOSS, Wolmar R. In: DADALTO, Gilmar G.; SILVA, Antônio E. S.; COSTA, Enio B.; GALVÊAS, Pedro A. O.; LOSS, Wolmar R. (editores técnicos). **Transformações na agricultura capixaba: 50 anos**. Vitória: Cedagro; Incaper; Seag, 2016. 128p.

SCHUDSON, Michael. **A notícia como gênero difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade**. Comunicação & Cultura, n. 12, 2011, pp. 139-150

SCHWARTZ, Y. DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia**. Niterói: Eduff, 2007.

SCHWARTZ, Yves. **Entrevista. Revista Trabalho, Educação e Saúde.** Fiocruz, v. 4 n. 2, Rio de Janeiro, set. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1981-77462006000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462006000200015). Acesso em: 10 dez. 2020.

SALAVERRÍA, R. **Ciberperiodismo en Iberoamérica: marco general**, Fundación Telefónica & Editorial Ariel, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/22420649/Ciberperiodismo_en_Iberoam%C3%A9rica_marco_gen eral](https://www.academia.edu/22420649/Ciberperiodismo_en_Iberoam%C3%A9rica_marco_general) Acesso: 10 de dezembro de 2019.

SANTOS, Milton. *Lugar e valor do indivíduo*. In: **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SAQUET, Marco Antônio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

SHALDERS. Ivan, LOSS, Wolmar R. In: DADALTO, Gilmar G.; SILVA, Antônio E. S.; COSTA, Enio B.; GALVÊAS, Pedro A. O.; LOSS, Wolmar R. (editores técnicos). **Transformações na agricultura capixaba: 50 anos**. Vitória: Cedagro; Incaper; Seag, 2016. 128p.

SCHUDSON, Michael. **A notícia como gênero difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade**. Comunicação & Cultura, n. 12, 2011, pp. 139-150

SCHWARTZ, Y. DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia**. Niterói: Eduff, 2007.

SCHWARTZ, Yves. **Entrevista. Revista Trabalho, Educação e Saúde.** Fiocruz, v. 4 n. 2, Rio de Janeiro, set. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462006000200015. Acesso em: 10 dez. 2020.

SCOLARI, Fabio. Uma crítica do conceito de sociedade pós-industrial. **Marx e o Marxismo** v.9, n.16, jan/jun 2021. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/420> Acesso em: 10 de agosto de 2022

SERAFIM, Nádia, J. R., CAPRINI, Aldieres B. A. Patrimônio Cultural da Serra (ES) na formação continuada de professores: Identidades e pertencimentos na diversidade cultural e étnica. **III COPENE Sudeste**, Vitória, 2019

SILVA, Madson G. Indicadores de desigualdade social no município da Serra como reverberações dos processos de Industrialização, Urbanização e Migração na Região Metropolitana da Grande Vitória (1960-2010). **Anais do Colóquio Internacional de Mobilidade Humana e Circularidade de Ideias**, Vitória, 2016. p. 276-286. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/lemm/article/view/12810> Acesso em: 26 fev. 2022

SINDIJORES. **Empresas Filiadas**. Tabela não publicada, 2022.

SOUZA, Rafael B. R. Trabalho jornalístico, capitalismo de plataforma e reificação: a alienação como processo. In: FERNANDES, Vinícius Tomaz; ESQUENAZI, Arelis; MORAES, Lívia de Cássia Godoi (Org.). **Trabalho e Práxis, novas configurações, velhos dilemas**. Marília : Lutas Anticapital, 2021.

SOUZA, Rafael. B.R. de. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. **INTERCOM** (SÃO PAULO. ONLINE), v. 41, p. 55-69, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/rGJZjZhrpPFHLnQQLN9CvXb/?lang=pt> Acesso em: 03 de junho de 2022

SOUZA, Rafael B.R. de. *O trabalho do jornalista e suas contradições: uma ontologia da crise*. **MATRIZES** (SÃO PAULO. ONLINE), v. 11, p. 129-149, set./dez. 2017.

SUZIGAN, Wilson et.al. **Clusters ou sistemas locais de produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas**. Revista de Economia Política, v. 24, n. 4 (96), out./dez, 2004, <https://doi.org/10.1590/0101-35172004-1606>. Acesso: 10/12/2020.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018. SCOLARI, Fabio. Uma crítica do conceito de sociedade pós-industrial. **Marx e o Marxismo** v.9, n.16, jan/jun 2021. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/420> Acesso em: 10 de agosto de 2022

TAVARES, Luisa, **O jornalismo da periferia de São Paulo entre a experimentação e a atualização das práticas convencionais**. Sobre regiões e desenvolvimento: o processo de desenvolvimento regional brasileiro no período 1999-2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 180p. 201p.

TEMPO NOVO. Serra, **Edição 427**, 29 dez. 2001 a 4 jan. 2002

TEMPO NOVO. Serra, **Edição 1**, 21 jan. 1984

TEMPO NOVO. **Tempo Novo completa 39 anos de fundação batendo 30 milhões de acessos em 12 meses**. Jornal Tempo Novo, Serra, 2 de janeiro de 2023. Notícias. Disponível em: <https://www.portaltempnovo.com.br/tempo-novo-completa-39-anos-de-fundacao-batendo-30-milhoes-de-acessos-em-12-meses/>. Acesso em: 2 de janeiro de 2023.

TEMPO NOVO. **Autoridades parabenizam 39 anos do Jornal Tempo Novo: “faz parte da história da Serra”**. Disponível em: <https://www.portaltempnovo.com.br/autoridades-parabenizam-39-anos-do-jornal-tempo-novo-faz-parte-da-historia-da-serra/> Acesso em: 2 de jan. 2023.

TITO, Amanda; SANTANA, João Cláudio de; TARCÍSIO; João. A trajetória dos meios de comunicação capixabas. In: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Quase 200: a imprensa na história capixaba**. Vitória: DIO, 2008

VILLASCHI, Arlindo e SILVA FELIPE, Ednilson da. O global e o local: interações e conexões no desenvolvimento do Estado do Espírito Santo — Anotações para o debate. In: **SINAIS** – Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.09, v.1, Junho. 2011. pp.167-202

VIRILIO, P. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

YASSU, Alexandre. *Arranjos Multiescalares da atividade imobiliária e a (re)produção da metrópole*. In: **As metrópoles e o capitalismo financeirizado**. Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2020, p. 519-551.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZANOTELLI, Reveni C. Fatores críticos de sucesso e índice de condições de competitividade: um estudo sobre as micro e pequenas empresas do Espírito Santo. Dissertação de mestrado, 142p. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/161369818.pdf>, acesso em: 05 dez. 2023

Entrevistas:

SCARDINI, Eci. Em entrevista à Mariah Friedrich Dadalto. Serra, 23 de outubro de 2020.

SCARDINI, Yuri. Em entrevista à Mariah Friedrich Dadalto. Serra, 25 de outubro de 2022.

BONELLI, Ana Paula. Em entrevista à Mariah Friedrich Dadalto. Serra, 04 de janeiro de 2023.

ALMEIDA, Gabriel. Em entrevista à Mariah Friedrich Dadalto. Serra, 04 de janeiro de 2023.

POLTRONIERI, Bruno Lyra. Em entrevista à Mariah Friedrich Dadalto. Serra, 07 de janeiro de 2023.

ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS ELABORADO PELA PROFESSORA ROSELI FÍGARO (2018) E PESQUISADORES QUE COLABORARAM NO TRABALHO DO CENTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E TRABALHO (ECA-USP) “AS RELAÇÕES DE COMUNICAÇÃO E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO TRABALHO DE JORNALISTAS EM ARRANJOS ALTERNATIVOS ÀS CORPORAÇÕES DE MÍDIA”

INTRODUÇÃO

TRAJETÓRIA – CONTE UM POUCO SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL OU COMO CHEGOU ATÉ AQUI?

(Preencha os dados assim que o entrevistado for revelando sua experiência de vida)

1. Nome,
2. Idade
3. Onde nasceu
4. Profissão dos pais
5. Bairro onde reside atualmente:
6. Nível de escolaridade, (se superior) curso, onde se formou?
7. Profissão?
8. Há quanto tempo está no mercado de trabalho?
9. Há quanto tempo trabalha nesta profissão?

CONHECENDO O ARRANJO

10 - Conte um pouco a história desta iniciativa?

- a) Quando foi fundada a iniciativa/arranjo?
- b) Quem são os responsáveis pela fundação
- c) Quem são os responsáveis hoje?
- d) Horário de funcionamento?

11. Por que criar essa iniciativa/arranjo?

12. Como vocês se estruturam?

18. Quantas pessoas trabalham aqui?

19. Quem são?

- a) São jornalistas de formação?
- b) Contribuem constantemente?
- c) Todos moram em São Paulo? Se não, de onde são?

20. Qual é o tipo de vínculo de trabalho que vocês têm com a iniciativa/ arranjo?

21. Quais as formas de sustentação da iniciativa/ arranjo?

22. Como vocês organizam as finanças?

23. Quem são as pessoas ou instituições que contribuem financeiramente com o arranjo?

SOBRE COMO TRABALHAM

31. Como são selecionadas as pessoas para trabalhar aqui? Qual o perfil delas?

32. Descreva a função das pessoas que trabalham aqui?

PARTE 3 - FALAR SOBRE O TIPO DE JORNALISMO QUE PRATICAM

Como definem o jornalismo que praticam?

- I. Como esse jornalismo se diferencia ou se aproxima daquele que é praticado pelas grandes empresas?
- II. Qual é a função social dessa atividade? (valores do jornalismo, cidadania, democracia)
- III. Militância pelo jornalismo?

ANEXO 2 - JORNAL TEMPO NOVO (1984) EDIÇÃO 1, PÁGINA 1

TEMPO NOVO

SERRA(ES), 21 DE JANEIRO DE 1984
ANO 1 - Nº 1 - PREÇO DO EXEMPLAR Cr\$ 100,00

Serra poderá ter quartel do corpo de bombeiros

— A Serra é um município que se desenvolve dinamicamente em diversos setores, principalmente na área industrial. Mesmo com seu crescimento industrial o município não possui algo de fundamental importância: o corpo de bombeiros.

Segundo o comandante do Corpo de Bombeiros, na sede não há estrutura para que o mesmo seja instalado. Ele diz que é necessário todo um processo, que seria o seguinte: manifestação por parte da prefeitura; estudo das características do município por um oficial do Corpo de Bombeiros, objetivando o ajustamento de equipamento; saber quantas viaturas serão necessárias; determinar acertos com relação a equipamentos e viaturas que serão providenciadas; e, finalmente, fazer um relatório à Prefeitura.

Aprovado o relatório, o município providenciaria lei que lavrará a efetivação do evento e, uma vez adquiridos os equipamentos e construído o quartel, ocorrerá a lavratura do evento e serão inaugurados os serviços.

Além dessas informações, o comandante indicou as formas de obtenção dos recursos: constituição de um grupo de trabalho com a participação da prefeitura e entidades comunitárias, empréstimo junto ao BNH (Banco Nacional de Habitação) e outros.

O prefeito da Serra, João Batista da Motta, disse que "a prefeitura não tem a mínima possibilidade de se manifestar, uma vez que falta recurso financeiro e que isto deve ser interesse do governo. No momento não é possível a instalação de um corpo de bombeiros na Serra".

EDITORIAL

Sempre que há mudanças no governo, seja em que nível for, há também problemas como o que está tendo a Prefeitura Municipal da Serra, ou seja: demissão em massa. Antes das eleições, a administração em exercício, admite centenas de funcionários sem ter condições de pagar, no intuito apenas de angariar um pouco mais de votos: se ganhar, depois dá-se um jeito; se não ganhar o problema fica para o outro que entrar.

A falta de recursos financeiros realmente é grande, mas deve-se olhar também o aspecto social, dos empregados antes de serem mandados embora, alguns dos quais não têm as mínimas condições de vida sem o emprego da prefeitura. São pessoas realmente pobres, sem um nível de escolaridade; há casos em que foram embora o marido e a esposa. Tudo isso é muito triste, imaginem os filhos dessas pessoas chorando

de fome e sem ter o que comer. Muitas pessoas estão ali porque precisam do mísero salário que demoram três meses para receber.

Quando da campanha desenvolvida pelo PMDB rumo às eleições, seus candidatos pregaram lutar contra as demissões em massa, contra o arrocho salarial, contra toda e qualquer arbitrariedade cometida pelo governo. Parecia, então, que eles tinham uma fórmula mágica que tiraria o povo dessa situação. Mas hoje vimos o contrário, vimos o mesmo erro ser cometido, demissão em massa, baixos salários, e uma série de outras arbitrariedades.

Muitas pessoas que confiaram no PMDB estão totalmente decepcionadas e isto só fortalece a atual oposição. Queremos nos solidarizar com os demitidos e pedir a Deus que ilumine os seus caminhos em busca de uma solução justa.

Prefeitura da Serra demite 500 funcionários

Atualmente com 2.790 funcionários, sendo 1.199 efetivos, 1.527 celetistas e 64 comissionados, a Prefeitura da Serra está demitindo 20% desse pessoal, ou seja 558 funcionários.

Segundo o Setor Pessoal da Prefeitura, o último mês que foi pago com recursos próprios foi setembro, que ficou em torno de Cr\$ 190 milhões. Para os meses de outubro e novembro foi conseguido um empréstimo para pagar o funcionalismo enquanto para o mês de dezembro ainda não existe previsão para pagamento, somente o 13º salário dos celetistas é que está sendo pago. Daí então, a razão das demissões.

Os estudos visando as demissões começaram no início do ano passado, as quais só não ocorreram porque o setor que seria mais atingido é o da educação, o que atrapalharia as aulas nas escolas municipais, sendo agora aproveitadas as férias para realizar tais demissões.

Don Ernandes, do Setor Pessoal, é quem explica:

— As demissões estão sendo feitas gradativamente, e têm finalidade apenas de diminuir o quadro funcional, e consequentemente a folha de pagamento para a qual a prefeitura não dispõe de condições para pagar. Os critérios adotados foram justos, sendo demitidas pessoas que entraram recentemente, não havendo perseguição em cima de ninguém, olhando apenas quem trabalha a menos, o Setor da Educação foi o mais atingido porque é o que tinha maior número de pessoas ociosas.

Já o secretário de Educação, Getunildo Pimentel se diz "desrespeitado".



Motta, momentos difíceis

— Não foi mantido nenhum atendimento com essa secretaria, relativamente às demissões, tendo as mesmas sido feitas sem uma consulta prévia e sem o nosso conhecimento. Já enviamos ofício ao prefeito repudiando tal atitude, não por discordarmos, mas por acharmos falta de consideração, uma vez que o titular da pasta sou eu. Tenho consciência de que há excesso de pessoal e a prefeitura não tem condições de manter essa folha de pagamento.

Outro setor também atingido foi o da saúde e o de Obras, "porém de maneira bem menos acentuada", frisou ainda Don Ernandes, frisando que "com as demissões, a prefeitura poderá muito breve manter em dia o pagamento do funcionalismo municipal", e que "os demitidos serão indenizados na forma da lei.

Igreja de Bairro de Fátima será reaberta

A Igreja Católica do Bairro de Fátima será reaberta depois de quase dois anos fechada. O fechamento da igreja foi devido a formação de grupos que passaram a atuar isoladamente, surgindo com isso discussões e descontentamentos entre os membros e acabou sendo fechada.

Existe agora um movimento em prol da reabertura da mesma, no que concorda a associação de moradores do bairro, já conseguindo a adesão de dezenas de pessoas, quando pretendem dar também continuidade as obras de construção do templo que está 30 anos parada.

Festa de Nova Almeida

Começa hoje às 16 horas com uma procissão de barcos, às 19 horas puxada e fincada do mastro de São Benedito e bandas de congos e prossegue amanhã com o primeiro sarau de poetas e trovadores às 15 horas, será rezada uma missa em trovas, solenidade da fundação do Clube de Poesias e Trovas de Anselmo Gonçalves.

Serão entregues os prêmios do concurso realizado ano passado, declamação de poesias, trovas, sonetos, leitura do livro de cordel "O Vampiro-Lobisomem de Jacaraípe" de Cláudio Borges, terá ainda a apresentação de diversas baterias de escolas de samba e blocos carnavalescos de Vitória às 20 horas. Haverá ônibus a noite inteira.